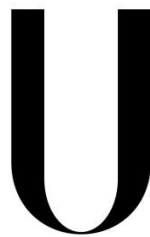


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**INFIDELIDADES: EU, TU, NÓS E OS OUTROS  
ESTUDO DE VARIANTES E PREDITORES DO  
ENVOLVIMENTO EXTRA-RELACIONAL**

**Thaysa Alessandra Viegas da Silva Calhau**

**DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA DA FAMÍLIA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**LISBOA**

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**INFIDELIDADES: EU, TU, NÓS E OS OUTROS  
ESTUDO DE VARIANTES E PREDITORES DO  
ENVOLVIMENTO EXTRA-RELACIONAL**

**Thaysa Alessandra Viegas da Silva Calhau**

Tese orientada pelo Professor Doutor João Manuel Moreira,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em  
Psicologia da Família.



À minha filha Maria Rita, escrita nas estrelas e anunciada pelas asas coloridas de  
um pássaro.

Ao Nuno, meu marido, que segura o fio invisível que me permite voar e  
concretizar o impossível.

À minha mãe, meu pilar e meu porto seguro.

Ao meu pai, estrela brilhante, que lá do alto sorrirá com orgulho da sua menina.

*“Não se acostume com o que não o faz feliz, revolte-se quando julgar necessário.  
Alague seu coração de esperanças, mas não deixe que ele se afogue nelas.  
Se achar que precisa voltar, volte!  
Se estiver tudo errado, comece novamente.  
Se estiver tudo certo, continue.  
Se sentir saudades, mate-a.  
Se perder um amor, não se perca!  
Se o achar, segure-o!”*

Fernando Pessoa

## AGRADECIMENTOS

O caminho que conduziu à conclusão desta tese teve o seu preâmbulo em 2008, em Coimbra, com o desafio do Professor Doutor Eduardo Sá, a quem agradeço a confiança demonstrada no meu potencial. A distância levou a “uma infidelidade académica”, fruto da clarividência da Elsa, que me indicou o rumo numa altura em que ponderei desistir, quase sem ter começado. Obrigada, Elsa!!

Foi assim que em 2009, uma Ispiana, entrou na Faculdade de Psicologia. É aqui que entra também na história, o Professor Doutor João Moreira, com quem muito aprendi e a quem agradeço todas as oportunidades de crescimento profissional que me proporcionou nos últimos anos. Sem a sua orientação e sabedoria esta tese não se teria tornado realidade. Muito obrigada!

Agradeço também à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pois sem a concessão da bolsa de doutoramento, este teria sido um caminho bem mais penoso e possivelmente, sem final feliz...

Muito obrigada a todos os que participaram e divulgaram esta investigação! Sem eles este trabalho não existiria! Agradeço também aos meus pacientes de Terapia de Casal, fonte de inspiração e de aprendizagem!

Muito obrigada à Dra. Natália Colaço, da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar, com quem muito aprendi e cujo olhar influenciou a minha reflexão sobre a temática da tese e a minha prática profissional.

Agradeço à minha família por nunca me ter deixado cair, mesmo nos momentos de enorme angústia que vivi.

Em 2010 fui mãe! E a vida mudou! Aprendi o amor superação e sou hoje, ainda mais, feliz! A minha filha foi a minha maior inspiração para a conclusão desta tese! Nos últimos dias antes da entrega tiveste uma gastroenterite e uma gripe. Escrevi as últimas páginas sentada na tua cama, entre medições da febre e muito mimo... Foi uma luta até ao fim, minha filha!! Muito obrigada Maria Rita, o teu abraço e a tua gargalhada contagiante levaram-me ao colo, quando me sentia sem forças para caminhar...

Ao Nuno, meu marido, agradeço ter compreendido a minha dedicação a esta tese, abdicando muitas vezes de espaço e tempo nossos, para que eu pudesse concretizar este projecto. Sei que também para ti houve momentos muito difíceis! Obrigada pelo amor, pelo sentido de humor, escuta e confiança que sempre demonstraste na minha capacidade de concluir este trabalho! Agradeço também o apoio fundamental na revisão final da tese e no arranjo gráfico.

Agradeço à minha mãe por me ter ensinado a sonhar e a acreditar que consigo o impossível. Por todo o amor e dedicação que entrega diariamente a mim e à minha filha. Por cuidar tão bem dela que me permite estas aventuras doutorais e outras que tal... Mãe sem ti este doutoramento não existiria!

Mano, obrigada pela escuta em momentos tão complicados!

À Zi agradeço todo o incentivo, confiança e serenidade! E ainda a ajuda na revisão final dos artigos. Muito obrigada amiga!

À Elsa e ao Rui agradeço pela amizade e por me ouvirem em momentos muito complicados. À Elsa agradeço ainda por partilhar este caminho comigo! Entendias-me quando me sentia mais sozinha!

Agradeço à João, assim despenteada e livre, por me inspirar e por acreditar em mim!

A todos os que de algum modo contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, o meu muito obrigada!

O trabalho de investigação conducente a esta dissertação foi co-financiado por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e pelo Fundo Social Europeu, no âmbito do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010) e do Programa Operacional Sociedade do Conhecimento (POS\_C) do III Quadro Comunitário de Apoio (2000-2006), através da Bolsa de Investigação com a referência SFRH/BD/61504/2009, concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



## DECLARAÇÃO

De acordo com o artigo 41º do Regulamento de Estudos Pós-Graduados da Universidade de Lisboa, aprovado pela Deliberação da Reitoria nº 1506/2006, esta dissertação engloba artigos científicos publicados e submetidos para publicação em revistas nacionais e internacionais indexadas, em colaboração com outros autores. A autora declara que foi responsável pela recolha de dados, análise e interpretação dos resultados, assim como pela redação, submissão e revisão dos manuscritos dos artigos enviados para publicação.

Thaysa Alessandra Viegas da Silva Calhau

Dezembro 2014

## Resumo

A fidelidade parece continuar a ser, na cultura ocidental, um dos pilares das relações amorosas. No entanto, a infidelidade ocorre com bastante frequência, apresentando uma causalidade multifatorial e diversas consequências para a relação de casal. Efetuou-se um primeiro estudo com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão dos determinantes dos julgamentos da ocorrência de infidelidade e da sua gravidade. Foram identificados quatro aspetos que determinam a avaliação de infidelidade: envolvimento afetivo, contato físico/sexual, comportamento inocente e consentimento pelo parceiro. É atribuída maior gravidade quando o envolvimento é deliberado, continuado e sexual. Adultos jovens ou idosos, pessoas mais religiosas e com posicionamento político mais conservador fazem julgamentos mais severos.

No segundo estudo, procurou-se contribuir para um avanço na avaliação da infidelidade. Para tal, foi elaborado o Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-Relacionais. Os resultados parecem confirmar os pressupostos da psicologia evolutiva sobre a importância das estratégias reprodutivas/sexuais e a influência do estilo de vinculação no significado dos comportamentos extra-relacionais. Foram encontradas três facetas dos mesmos: envolvimento sexual, envolvimento afetivo e desejo sexual, e foram derivados sete fatores, que reforçam a importância de se avaliar, em terapia de casal, as características e os objetivos relacionais da infidelidade.

No terceiro estudo, procurou-se compreender, em dois momentos do tempo, as principais dimensões e preditores dos comportamentos de infidelidade encontrados na amostra. As análises efetuadas permitiram verificar um forte predomínio de dois

preditores: (a) a baixa qualidade e investimento na relação primária, associadas a um estilo de vinculação evitante, uma menor motivação autónoma para a fidelidade e uma orientação política menos conservadora, e (b) o uso de uma estratégia reprodutiva a curto prazo, associada a atitudes favoráveis em relação à infidelidade.

Pensa-se que com esta tese se contribuiu para um avanço do corpo teórico sobre a infidelidade, com importantes aplicações na prática clínica com casais.

Palavras chave: infidelidade, avaliação psicológica, psicologia evolutiva, vinculação, conjugalidade.

## **Abstract**

Fidelity is still, in the western culture, one of the pillars of love relationships. Infidelity, however, seems to occur quite frequently, having multiple causing factors and several consequences for the couple relationship. A first study was carried out with the goal of contributing to a better understanding of the determinants of judgments about the occurrence of infidelity and its seriousness. Four aspects were identified that determine the assessment of infidelity: affective involvement, physical/sexual contact, innocent behavior and partner consent. More seriousness is attributed when the involvement is deliberate, continued and sexual. Young adults and older people, more religious people and those with a more conservative political position make more severe judgments.

In the second study, a contribution for the advancement of the psychological assessment of infidelity was sought. With that goal, the Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-Relacionais (QMCER; Multidimensional Extra-Relational Behaviors Questionnaire) was developed. Its results seem to confirm the predictions of evolutionary psychology regarding the importance of reproductive/sexual strategies and the influence of attachment style upon the meaning of extra-relational behaviors. Three facets of these were found: sexual involvement, affective involvement and sexual desire, and seven factors were derived, which highlight the importance of assessing, in couple therapy, the characteristics and relational goals of infidelity.

In the third study, the goal was to understand, at two moments in time, the main dimensions and predictors of the infidelity behaviors found in the sample. The analyses carried out revealed a strong predominance of two predictors: (a) the low quality and investment in the primary relationship, associated to an avoidant attachment style, a

lesser degree of autonomous motivation for fidelity and a less conservative political position, and (b) the use of a short-term reproductive strategy, associated with favorable attitudes toward infidelity.

It is thought that this thesis has provided for an advancement of knowledge regarding infidelity, with important applications in clinical practice with couples.

Key-words: infidelity; psychological assessment; evolutionary psychology; attachment; marriage.

## Índice Geral

<b>Índice de figuras</b>	xvi
<b>Índice de quadros</b>	xvii
<b>Capítulo I</b>	
<b>Introdução</b>	1
Enquadramento Concetual	2
O Casal	5
A Infidelidade	7
A Psicologia Evolutiva	10
A Teoria das Estratégias Sexuais	12
As Experiências Familiares Precoces e as Estratégias Sexuais	14
A Vinculação Amorosa	17
Desenho da Investigação	21
Estrutura da Dissertação	22
<b>Capítulo II</b>	
<b>Julgamentos de Infidelidade: Um Estudo Exploratório dos seus Determinantes</b>	24
Resumo	25
Abstract	26
Introdução	27
Método	32
Participantes	32
Instrumento	33
Procedimento	34
Resultados	35
Análise Comparativa das Médias	35
Análise Fatorial dos Cenários	37
Relação entre a Avaliação da Gravidade do Comportamento e outras Variáveis	38
Discussão	41
Conclusões	44
<b>Capítulo III</b>	
<b>Os Sete Lados do Triângulo: Desenvolvimento de um Questionário Multidimensional de Comportamentos de Infidelidade</b>	46
Resumo	47
Abstract	48
Introdução	49

Método	56
Participantes	56
Instrumentos	57
Infidelidade	57
Atitudes em relação à Infidelidade	59
Satisfação Conjugal	59
Estilo de Vinculação Adulta	60
Estratégias Sexuais	60
Orientação Sociosexual	61
Procedimento	62
Resultados	63
Análise em Componentes Principais da Secção E do QMCER	63
Discussão	78
Conclusão	84

## **Capítulo IV**

<b>Quem Ama também Trai? Um Estudo sobre os Preditores da Infidelidade</b>	<b>85</b>
Resumo	86
Abstract	87
Introdução	88
Método	98
Participantes	98
Instrumentos	100
Infidelidade	100
Atitudes em relação à Infidelidade	102
Satisfação Conjugal	102
Estilo de Vinculação Adulta	103
Estratégias Sexuais	103
Orientação Sociosexual	104
Avaliação das Experiências Precoces	105
Procedimento	106
Resultados	107
Análise em Componentes Principais dos Preditores	107
Preditores dos Comportamentos Extra-Relacionais encontrados na Amostra, 1º momento de recolha de dados	110
Preditores dos Comportamentos Extra-Relacionais encontrados na Amostra, 2º momento de recolha de dados	113
Discussão	117
Conclusão	121

## **Capítulo V**

<b>Discussão Integrada e Considerações Finais</b>	122
Infidelidade ou Infidelidades	124
Comportamentos, Motivações e Contextos da Ocorrência da Infidelidade	128
Preditores dos Comportamentos Extra-Relacionais encontrados na Amostra	131
O Paradoxo da Fidelidade	134
Implicações Clínicas	135
Limitações da Investigação e Sugestões para Investigações Futuras	136
O Verbo no Infinito	138
<b>Referências Bibliográficas</b>	139

## Índice de figuras

### Capítulo II

**Figura1** Efeito da variável idade sobre a avaliação da gravidade do contacto físico/sexual (Fator 2)

39

## Índice de quadros

### Capítulo II

<b>Quadro 1</b>	Médias dos cenários por sexo em ordem decrescente	36
<b>Quadro 2</b>	Médias correspondentes ao efeito da interação ator x juiz no cenário 2	40
<b>Quadro 3</b>	Correlação entre a variável orientação política e grau de religiosidade	41

### Capítulo III

<b>Quadro 4</b>	Tipologia de infidelidade (Brown 2001a, 2001b)	54
<b>Quadro 5</b>	Matriz de saturações após rotação dos itens da secção E do QMCER	64
<b>Quadro 6</b>	Alfas de Cronbach dos fatores da secção E do QMCER	71
<b>Quadro 7</b>	Diferenças entre sexos nos fatores da secção E do QMCER	72
<b>Quadro 8</b>	Correlações entre as características da infidelidade e outras variáveis, para as mulheres	73
<b>Quadro 9</b>	Correlações entre as características da infidelidade e outras variáveis, para os homens	75

### Capítulo IV

<b>Quadro 10</b>	Matriz de saturações dos preditores após rotação	108
<b>Quadro 11</b>	Resultados das análises de regressão para o fator 1 envolvimento sexual	111
<b>Quadro 12</b>	Resultados das análises de regressão para o fator 2 envolvimento afetivo	112
<b>Quadro 13</b>	Resultados das análises de regressão para o fator 3 desejo sexual	113
<b>Quadro 14</b>	Resultados das análises de regressão para o fator 1 envolvimento sexual no 2º momento	115

<b>Quadro 15</b>	Resultados das análises de regressão para o fator 2 envolvimento afetivo no 2º momento	116
<b>Quadro 16</b>	Resultados das análises de regressão para o fator 3 desejo sexual no 2º momento	117
<b>Capítulo V</b>		
<b>Quadro 17</b>	Síntese dos objetivos e da metodologia da análise de dados	124

# **Capítulo I**

## **Introdução**

*“Amo como ama o amor.  
Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar.  
Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?  
O amor é um sonho que chega para o pouco ser que se é.  
Ser feliz é encontrar força no perdão, esperanças nas batalhas, segurança no palco do medo, amor nos  
desencontros.  
É agradecer a Deus a cada minuto pelo milagre da vida.  
Porque quem ama nunca sabe o que ama.  
Nem sabe porque ama, nem sabe o que é amar.  
Amar é a eterna inocência.  
E a única inocência, não pensar...”*

Fernando Pessoa

### **Enquadramento Concetual**

As relações humanas têm vindo a ser amplamente estudadas, nomeadamente no campo da psicologia, sendo descritas como uma motivação básica da espécie humana, potenciadoras de estabilidade e da diminuição de comportamentos de risco. De entre estas, têm sido as relações próximas, (definidas pela interdependência, quer nos processos cognitivos, quer nos emocionais e comportamentais) as mais estudadas (Berscheid, 1999; Reis & Collins, 2004).

O casal, no corpo teórico das relações próximas, tem vindo a ser objeto de um número crescente de investigações, mas não parece obter ainda o interesse que, por exemplo, a infância e a adolescência suscitam (Relvas & Lourenço, 2001). A exclusividade da relação amorosa nos casais continua, até aos dias de hoje, a ser muito valorizada (Fife, Weeks & Gambescia, 2008; Foster & Misra, 2013). No entanto, a infidelidade ou comportamento extra-relacional (usaremos os dois termos como sinónimos e sem pretender efetuar nenhum juízo de valor negativo), enquanto quebra de compromisso e confiança entre dois parceiros, causada pelo envolvimento emocional ou de intimidade física com outra pessoa, tem-se revelado um acontecimento frequente ao longo da história (De Stefano & Oala, 2008; Drigotas & Barta, 2001; Hall & Fincham,

2008). Está associada a uma causalidade multifatorial e a uma multiplicidade de consequências, tendo uma influência importante na satisfação e estabilidade conjugais (De Stefano & Oala, 2008; Foster & Misra, 2013; Merolla & Zhang, 2011). Constitui a principal causa de divórcio na cultura ocidental e uma das maiores razões da procura de terapia de casal (Blow & Hartnett, 2005b; Snyder, Baucom & Gordon, 2008; Williams, 2011).

A investigação tem vindo a evidenciar diferenças de género nos comportamentos de infidelidade, como a maior probabilidade do homem ser infiel, de expressar esse desejo e ter maior apetência por um envolvimento sexual, enquanto a mulher terá maior propensão para um envolvimento emocional (Barta & Keane, 2005; De Stefano & Oala, 2008). A psicologia evolutiva (assente nos princípios da teoria Darwiniana da evolução), através do estudo das estratégias sexuais a curto e longo prazo (enquanto modo de resolução de problemas adaptativos), fornece uma teoria explicativa das diferenças encontradas (Buss, 2008; Moreira, 2009). Assim, enquanto a preocupação do homem será assegurar o maior número de descendentes possível, efetuando um menor investimento parental, na mulher a preocupação será a sobrevivência destes, com maior investimento parental, procurando um companheiro que seja também cuidador dos filhos. Tal justificará a maior utilização de estratégias de curto prazo por parte do homem, maior ocorrência de sexo casual e também maior *stress* face à infidelidade sexual da parceira numa relação de longo prazo, associado à incerteza da paternidade. Por outro lado, a mulher parece mais selectiva na escolha do parceiro, mais propensa a estratégias de longo prazo e com níveis de *stress* mais elevados face à infidelidade emocional. Neste sentido, diferenças no investimento parental parecem predir

diferenças nas estratégias sexuais (Bjorklund & Schackelford, 1999; Buss, 2008; Fernandez, Sierra, Zubeidat & Vera-Villaruel, 2006).

Existem igualmente modelos teóricos (Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Ellis et al., 2003; Leal, 2009; Vigil & Geary, 2006) que postulam uma relação entre experiências precoces e estratégias sexuais, mas não estarão esclarecidos quais os fatores das primeiras que influenciam as segundas. Procurar-se-á obter dados adicionais acerca destes aspetos, que parecem ainda pouco claros.

Foi também teorizado que o estilo de vinculação constitui uma variável importante neste domínio. No entanto, apenas existem dados preliminares nesse sentido, que se procurarão aprofundar e confirmar neste projecto (Hazan & Diamond, 2000; Leal, 2009; Moreira, 2009; Poulsen, Holman, Busby & Carroll, 2013). O estilo de vinculação evitante surge associado a um conjunto de comportamentos (maior número de parceiros, mais relações ocasionais) que configuram uma estratégia sexual a curto prazo, enquanto o estilo de vinculação seguro está interligado com comportamentos que se podem associar a uma estratégia de longo prazo (maior investimento numa relação estável). Por outro lado, o estilo ansioso-ambivalente parece ter menos consequências a estes níveis (Gentzler & Kerns, 2004; Moreira, 2008). Outro conjunto de dados associa diferentes estilos de vinculação à qualidade da relação de casal, com o estilo evitante associado a maior insatisfação e maior probabilidade de divórcio (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002). É plausível que estes efeitos sejam produto das diferentes estratégias sexuais associadas aos estilos de vinculação.

Os presentes estudos foram também desenhados com a finalidade de contribuir para o enriquecimento do conhecimento científico sobre os mecanismos de transmissão intergeracional que poderão influenciar a ocorrência de comportamentos extra-

relacionais e também sobre os processos intra-individuais e inter-individuais que influenciam a relação de casal. O corpo teórico e empírico sobre a infidelidade é substancial, no entanto alguns aspetos permanecem por esclarecer. Tendo como quadro concetual uma perspetiva sistémica da família (Relvas, 1999) e os pressupostos da psicologia evolutiva (Schmitt, 2008), começou-se por tentar contribuir para uma melhor compreensão dos determinantes dos julgamentos acerca da existência de infidelidade marital, optando-se depois por estudar a influência das variáveis das experiências precoces de infância, do estilo de vinculação amorosa, das estratégias e da satisfação conjugal na ocorrência de infidelidade.

Tentaremos também contribuir para a sistematização do conhecimento sobre as diferenças inter-individuais na sexualidade, através da clarificação do conceito de estratégias sexuais (curto e longo prazo) e dos fatores intra-individuais que influenciam a escolha das mesmas. Considera-se muito importante a avaliação de fatores inter-individuais, dado que a maioria da expressão sexual ocorre a este nível. Assim, cingir a investigação na área da sexualidade a uma perspetiva intra-individual, seria reducionista e limitaria a compreensibilidade da sexualidade humana (Pascoal, 2012).

### **O Casal**

No paradigma sistémico, baseado na conceção da família como um sistema que se desenvolve (Cox & Paley, 2003) e tendo esta um papel central no desenvolvimento das pessoas (Moreno & Cubero, 1993) a formação do casal constitui a primeira etapa do ciclo vital da família, dando origem a um novo sistema e a uma nova família. Hoje é tido como consensual na literatura (Alarcão 2000; Relvas & Lourenço, 2001) que, aquando da sua formação, ocorre com particular ênfase um fechamento ao exterior,

(nomeadamente em relação às respectivas famílias de origem), que permite a clarificação de fronteiras com outros sistemas; neste período é criada uma dinâmica conjugal e um modelo próprio de interação e regras, com o desenvolvimento de uma comunicação, com padrões de simetria e complementaridade, com a metacomunicação a desempenhar um papel fundamental.

Deste modo o Eu, o Tu e o Nós apresentam uma identidade própria, ainda que muitas vezes se confundam num processo em que a autonomia, a partilha e a negociação serão fundamentais. A complementaridade será vital enquanto modelo comunicacional, permitindo o oscilar entre a posição “*one up*” e “*one down*”, tratando-se no fundo de um assumir das diferenças e potenciá-las; por sua vez, a simetria permitirá o amplificar das semelhanças entre ambos, como exercício da sua própria individualidade (Alarcão, 2000).

Tudo isto porque, ao casar, cada cônjuge leva consigo um mundo relacional, constituído pelas relações amorosas anteriores que lhes permitem efectuar comparações e confirmações e também criar expectativas, abrindo assim a possibilidade para a desilusão; leva também as suas heranças familiares, os seus modelos aprendidos e enraizados, ainda que muitas vezes negados. Cada um terá assim, construído um modelo de vida interna e relacional, que será naturalmente confrontado com o do parceiro e passível de negociações, cedências, ganhos e perdas. Quanto maior for a autonomia conseguida face ao mesmo, maior será a possibilidade de construção de um terceiro modelo de conjugalidade real e não fantasmática, que corresponderá à ideia que cada um faz sobre o que é ser cônjuge e ser casal, com base nos modelos da infância e adolescência, construídos nas interações estabelecidas com pais e pares (Alarcão, 2000).

Deste modo, o parceiro conjugal torna-se o outro significativo por excelência, o que faz com que todas as outras relações significativas sejam automaticamente re percebidas e reagrupadas. Trata-se, portanto, de uma mudança dramática nas definições que os parceiros têm da realidade e de si mesmos, com o desenvolvimento de novas funções e identidades diferentes das que ocorrem no namoro (Alarcão, 2000; Russo & Santos, 1981).

A relação conjugal surge assim associada a um processo de acopolação, na medida em que por vezes se renuncia à individualidade e em que os limites pessoais se podem tornar ténues, sendo por vezes difícil discernir o que é do foro relacional e o que pertence ao indivíduo, surgindo um equilíbrio por vezes frágil entre autonomia e pertença, repleto de dinamismo, tensões e atualizações ao longo do ciclo de vida, com os cônjuges a prescindirem muitas vezes de alguns aspetos da sua identidade pessoal, em favor da estabilidade conjugal (Crespo, Narciso, Ribeiro & Costa, 2006; Russo & Santos, 1981).

### **A Infidelidade**

A literatura tem vindo a utilizar o termo infidelidade para descrever o envolvimento sexual e/ou emocional com uma terceira pessoa fora da díade do casal, representando assim uma quebra no compromisso da monogamia (Barta & Kiene, 2005; Duba, Kindsvatter & Lara, 2008; Fife, Weeks & Gambescia, 2008).

O início dos estudos sobre a infidelidade remonta aos anos 70, podendo-se considerar a existência de uma abordagem descritiva, baseada em dados retrospectivos e auto-relatos, com as diferenças de género nas motivações para a infidelidade a serem explicadas com base na satisfação conjugal, considerando que as mulheres que traem o

farão por se sentirem mais insatisfeitas com a relação primária do que os homens, cuja motivação principal será mais sexual do que emocional. Outros dados recolhidos indiciam também que tem vindo a aumentar a percentagem de mulheres que se envolvem em comportamentos extra-relacionais, o que poderá estar relacionado com as alterações sociais das últimas décadas, que têm permitido maior autonomia e independência face ao homem e também a existência de contextos com maiores oportunidades para o envolvimento com outras pessoas (Carneiro, Martini, Rodrigues, Oliveira & Oliveira, 2009; Goldenberg, 2013).

A abordagem normativa, tal como a anterior, confia no auto-relato e na retrospectiva e atribui a probabilidade da ocorrência de infidelidade às normas sociais, enfatizando a maior probabilidade de se praticar infidelidade quando se conhece alguém que o é, atribuindo maior importância às normas descritivas, ou seja, às percepções do comportamento dos outros (Drigotas & Barta, 2001).

A maioria dos estudos sobre a infidelidade tem vindo a centrar-se sobretudo nas diferenças de género na resposta à infidelidade sexual ou emocional (Fernandez, Sierra, Zubeidat & Vera-Villaruel 2006; Goldenberg, Landau, Psyszczynski, Cox, Greenberg, Solomon & Dunnam, 2003; Sabini & Green, 2004); na maior ou menor probabilidade de cada um dos sexos incorrer nos dois tipos de infidelidade (Eaves & Robertson-Smith, 2007); nas motivações para a sua prática (Barta & Kiene, 2005) e nos níveis de *stress* envolvidos (Hall & Fincham, 2008).

Brown (2001a; 2001b) defende a existência de diferentes significados para diferentes tipos de infidelidade, propondo mesmo uma tipologia para os mesmos, de acordo com as suas características e os objetivos relacionais. A autora tem vindo também a enfatizar a necessidade de se compreender qual a mensagem de cada comportamento

extra-relacional, sobre quem pratica, o parceiro e também sobre a relação. Reforça assim a importância da comunicação no casal, com a expressão da sexualidade a desempenhar um papel importante na mesma. Um comportamento de infidelidade nunca será só sobre sexo ou sobre “ter deixado de gostar”, a compreensão do seu significado deverá ser sempre procurada no sistema conjugal, no contexto da relação diádica.

A descoberta e/ou revelação da infidelidade tem vindo a ser associada a numerosas consequências negativas para a relação, desde níveis elevados de *stress*, a violência conjugal e à dissolução do casal, que ocorrerá com frequência (Berman & Frazier, 2005; Blow & Hartnett, 2005b; Goldenberg et al., 2003; Hall & Fincham, 2008; Williams, 2011). O significado do comportamento extra-relacional será fundamental para o prognóstico da relação, observando-se também, na prática clínica em terapia de casal, que há casais que conseguem, através da comunicação, dar um entendimento à infidelidade e ultrapassar a situação enquanto outros parecem cristalizar na dialética culpa/reparação e o prognóstico para a relação será mais reservado. O mesmo comportamento terá assim consequências diferentes de acordo com o significado que lhe é atribuído pelos elementos do casal. Tal é defendido pelos modelos cognitivistas que argumentam que a perturbação introduzida pela infidelidade não estará associada aos acontecimentos, mas ao significado que lhes é atribuído (Lazarus & Folkman, 1984).

No entanto, não é do nosso conhecimento a existência de estudos sobre o que constitui ou não infidelidade e sobre os determinantes dos julgamentos acerca da infidelidade marital e da sua gravidade, com os autores aparentemente a não darem especial relevância a este aspeto, mas sim às suas causas, consequências e diferenças de

gênero. Deste modo, parecem existir claras insuficiências no modo como este construto é definido e avaliado, com a dicotomia emocional/sexual a revelar-se redutora (Sabini & Green, 2004) e os instrumentos de avaliação a reduzirem-se a questões únicas e à classificação emocional/sexual. De entre as variáveis preditoras da infidelidade, têm vindo a ser estudadas características individuais, como o género, a atitude face à infidelidade, o estilo de vinculação (de quem trai e do parceiro) e relacionais (qualidade e satisfação da relação, assim como fatores externos, como o envolvimento ou não de crianças e a conveniência de desenvolver ou não outra relação, através de uma avaliação de custo/benefício (Duba, Kindsvatter & Lara, 2008; Hall & Fincham, 2006).

Neste sentido, a investigação sobre infidelidade parece ter vindo a centrar-se sobretudo, nas causas dos comportamentos de infidelidade e também nas suas consequências para o futuro da relação (Hall & Fincham, 2006). Alguma investigação tem abordado também as variáveis que parecem funcionar como protetoras relativamente ao envolvimento em comportamentos de infidelidade, como a prática da oração e um grau elevado de religiosidade a existência de valores mais rígidos e um menor interesse por sexo (Lambert, Fincham & Stanley, 2012; Nath, 2011; Schlenker, Chambers & Le, 2012; Treas & Giesen, 2000).

### **A Psicologia Evolutiva**

A perspetiva evolutiva, assente no sentido biológico da evolução, proposto nos seus fundamentos por Darwin (Buss, 2005), refere-se às mudanças ao longo do tempo das estruturas orgânicas. A teoria da selecção natural de Darwin vem fornecer uma explicação para o “como e porquê” ocorrem estas mudanças (Buss, 2005). Deste modo, todo o comportamento manifesto é uma função de mecanismos psicológicos e da

conjugação com os *inputs* desses mecanismos; todos os mecanismos psicológicos são, a um nível básico, originários ou devem a sua existência a processos evolutivos; as teorias de Darwin sobre a selecção natural e sexual são os processos evolutivos mais importantes, responsáveis pela criação de mecanismos mais evoluídos; os mecanismos evoluídos podem ser descritos como processadores de informação; os *outputs* dos mecanismos psicológicos evoluídos podem ser a atividade fisiológica que serve de *input* de outros mecanismos psicológicos ou comportamentos manifestos; mecanismos psicológicos evoluídos são funcionais de modo a resolver problemas adaptativos recorrentes que confrontaram os nossos antepassados ao longo do tempo (Barker, 2006).

Assim prevê-se, de acordo com a psicologia evolutiva, que as diferenças de género surjam somente nos domínios em que os dois sexos enfrentaram recorrentemente diferentes problemas adaptativos, ao longo da história evolutiva, como o acasalamento e a agressão (Barker, 2006; Buss 2005). Neste sentido, as diferenças encontradas entre homens e mulheres no que diz respeito à infidelidade, como a maior preocupação do homem com a infidelidade sexual da mulher e a maior preocupação da mulher com a infidelidade emocional do homem, teriam por base necessidades adaptativas diferentes, nomeadamente o investimento parental, bastante superior nas mulheres, quer a nível do tempo, quer dos recursos dispendidos e a necessidade do homem em assegurar a certeza da paternidade (Drigotas & Barta, 200; Fernandez et al., 2006; Goldenberg, et al., 2013). Ainda de acordo com a perspectiva evolutiva sobre o acasalamento humano, as pessoas sentirão maior desejo romântico por parceiros com características adaptativas com alto valor reprodutivo (Schmitt, Couden & Baker, 2004).

### **A Teoria das Estratégias Sexuais**

É sabido que nem todas as relações de casal têm uma duração longa, existindo muitas de apenas alguns meses, dias ou até horas, conhecidas como temporárias, ou encontros de uma noite só. Buss e Schmitt (1993) introduziram o conceito de estratégias sexuais a curto e a longo prazo para ilustrar esta diferença temporal.

Estes autores defendem que o acasalamento para a vida com uma só pessoa parece não ser a norma do ser humano e que ambos os sexos se envolvem em relações de curto e longo prazo. Neste sentido, elaboraram a teoria das estratégias sexuais, que considera os problemas adaptativos que homem e mulher tiveram que enfrentar ao longo do tempo, e na qual as estratégias são definidas como mecanismos psicológicos em que as suas manifestações comportamentais são combinadas com o contexto temporal em que cada cenário é ativado. A teoria das estratégias sexuais pretende fornecer uma teoria explicativa das diferenças encontradas entre homens e mulheres no que concerne à infidelidade, como a maior probabilidade de o homem ser infiel, de expressar mais esse desejo e ter maior apetência para um envolvimento sexual, enquanto a mulher terá maior propensão para um envolvimento emocional (Barta & Kiene, 2005; De Stefano & Oala, 2008).

Tal residirá na preocupação do homem em assegurar o maior número de descendentes possível, efetuando um menor investimento parental; na mulher a preocupação será a sobrevivência destes, com maior investimento parental, procurando um companheiro que seja também cuidador dos filhos. Isto mesmo justificará a maior utilização de estratégias de curto prazo por parte do homem, maior ocorrência de sexo casual e também maior *stress* face à infidelidade sexual da parceira numa relação de longo prazo, associado à incerteza da paternidade. Por outro lado, a mulher parece mais

seletiva na escolha do parceiro, mais propensa a estratégias de longo prazo e com níveis de *stress* mais elevados face à infidelidade emocional. Neste sentido, diferenças no investimento parental parecem predizer diferenças nas estratégias sexuais (Bjorklund & Shackelford, 1999; Buss, 2008; Fernandez et al., 2006).

Buss e Schimtt (1993) argumentam que historicamente os homens têm sido condicionados no seu sucesso reprodutivo, devido ao número de mulheres férteis que conseguem inseminar. Este constrangimento pode ser dividido em quatro problemas relativamente distintos que os homens tiveram que resolver historicamente para perseguir uma estratégia a curto prazo: a) o número de parceiras; b) a identificação das mulheres que estão sexualmente acessíveis; c) a identificação das mulheres férteis; d) a minimização do compromisso e do investimento. E que as restrições reprodutivas nos homens no que concerne ao prosseguimento de uma estratégia de longo prazo, podem ser separadas em quatro problemas relativamente distintos: a) a identificação de mulheres válidas do ponto de vista reprodutivo; b) o assegurar a certeza da paternidade; c) a identificação de mulheres com boas capacidades parentais; d) a identificação de mulheres com disponibilidade e capacidade para se comprometerem com uma relação a longo prazo.

Por outro lado, Buss e Shimtt (1993) defendem que as mulheres têm sido restringidas historicamente no seu sucesso reprodutivo não pelo número de homens a que possam aceder sexualmente, mas pela qualidade e quantidade dos recursos externos que podem assegurar para si próprias e para os seus filhos, e talvez secundariamente pela qualidade dos genes masculinos. Assim as restrições reprodutivas nas mulheres no que concerne ao prosseguimento de uma estratégia a curto prazo podem ser separadas em dois problemas distintos: a) a extração de recursos e b) a avaliação prospetiva de

parceiros a longo prazo. Estas restrições reprodutivas podem ser separadas em problemas adaptativos distintos que as mulheres tiveram de enfrentar para perseguir de modo eficaz uma estratégia a longo prazo: a) a identificação de homens que têm capacidade para investir recursos em si e nos seus filhos a longo prazo; b) a identificação de homens que mostrem vontade de investir recursos em si e nos seus filhos a longo prazo; c) a identificação de homens com boas capacidades parentais; d) a identificação de homens com vontade e capacidade para se comprometerem numa relação a longo prazo; e) a identificação de homens capazes e com vontade de as proteger de outros homens agressivos.

### **As Experiências Familiares Precoces e as Estratégias Sexuais**

A literatura sugere uma relação entre experiências familiares precoces e as estratégias sexuais (Belsky, 1997; Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Ellis, Bates, Dodge, Fergusson, Horwood, Pettit & Woodward, 2003; Simpson & Gangestad, 1991; Vigil & Geary, 2006). Alguns autores apontam para uma relação entre infidelidade masculina e a relação com o pai, no sentido em que o facto de enquanto criança um homem não se sentir amado pelo pai, levar a uma ausência da sua validação enquanto homem, o que o conduzirá a procurar na idade adulta, essa validação nas mulheres, tornando-se assim dependente destas. Ao sentir que não é digno da parceira e que não a satisfaz, irá procurar outras alternativas (Baker & Jencious, 2005). Para Miller (2013), a relação do jovem rapaz com o pai será importante no modo como este se verá na idade adulta, com impacto na sua auto-estima e auto-confiança. Já Ojanlatva et al., (2003) focam a importância de uma boa relação com os pais para a construção de uma vida sexual satisfatória na idade adulta, sugerindo que uma relação boa com a mãe produzirá

efeitos semelhantes nos dois sexos. Williamson (2004) reforça a importância do envolvimento paterno para o saudável desenvolvimento psicosexual da mulher.

Belsky, Steinberg e Draper (1991) afirmam que as diferenças a nível da segurança na vinculação, previstas na teoria de Bowlby, terão evoluído no sentido de servir objectivos reprodutivos de acordo com o ambiente ecológico. As experiências da pré-adolescência e os desenvolvimentos comportamentais influenciam o aparecimento da puberdade e estes processos e acontecimentos desenvolvimentais afetam de um modo colectivo o comportamento sexual do adolescente e a formação de laços na idade adulta.

Os autores elaboraram uma teoria evolutiva da socialização e do desenvolvimento interpessoal, cujas principais premissas são: sob condições de *stress* contextual, o cuidado parental apresenta níveis mais baixos de sensibilidade, maior inconsistência e mais comportamentos negativos; as crianças e os jovens expostos a tais práticas parentais, têm maior probabilidade do que outras de desenvolver um estilo de vinculação inseguro e evidenciar ao longo do crescimento problemas de comportamento e estilos oportunistas de relacionamento com os outros; as condições de crescimento que promovem tais padrões de desenvolvimento psicológico e comportamental predizem (nos poucos estudos disponíveis) uma maturação pubertária precoce; ambientes de desenvolvimento precoce caracterizados por ruptura conjugal e conflito familiar são preditores na adolescência e na idade adulta de encontros frequentes, casamento precoce e divórcio; a ruptura conjugal, assim como uma pobre qualidade da relação marital, é mais provável quando os cônjuges são emocionalmente instáveis, inseguros e demasiado auto-centrados.

Berezkei e Csanaky (2001) defendem que as experiências precoces no ambiente familiar podem mudar trajetórias de desenvolvimento complexas, como resposta

adaptativa a determinadas condições. Neste sentido, em famílias caracterizadas por *stress*, afetos negativos e conflito, os indivíduos tenderiam a substituir um elevado esforço parental por um elevado esforço de acasalamento. Os resultados deste estudo comprovam que as crianças que crescem em famílias com afetos parentais negativos, uma atmosfera emocional *stressante*, conflitos entre pais e filhos e relações maritais infelizes, desenvolveram padrões comportamentais substancialmente diferentes na adolescência e idade adulta, quando comparados com as crianças que cresceram em condições mais favoráveis. As primeiras apresentam uma taxa mais elevada de mortalidade na fratria, têm uma escolaridade mais baixa, casaram mais cedo e, no caso das mulheres, têm um maior número de filhos. Para além disto, as mulheres evidenciaram uma relação mais pronunciada entre as variáveis contextuais da infância e acontecimentos de vida do que os homens, e apenas as mulheres apresentaram correlações entre todas estas variáveis e a fertilidade. Assim, o grau de escolaridade e a data do primeiro casamento são variáveis mediadoras do efeito do ambiente familiar, nos níveis reprodutivos das mulheres adultas. Os homens que crescem em famílias com níveis elevados de *stress* e um baixo nível de afetividade terão maior probabilidade de não ter filhos. É provável que um fracasso em acumular recursos conduza a uma redução da probabilidade de casar e aumente a hipótese de divórcio e da não existência de descendência. Estes dados carecem de maior aprofundamento. Os resultados de Ellis et al (2003) e de Kim e Smith (1999) indicam que a ausência do pai constitui o fator de maior importância no que concerne a um envolvimento sexual e gravidez precoce; por sua vez, a presença do pai funcionaria como um elevado fator de proteção contra os comportamentos indicados, mesmo na presença de outros fatores de risco. Leal (2009) concluiu que nas mulheres o *stress* familiar é a variável das experiências de infância que

se destaca, causando dois efeitos aparentemente opostos: um aumento do compromisso, através do aumento da preocupação e uma diminuição do compromisso através de um aumento das estratégias de curto prazo, que por sua vez vão diminuir a satisfação. No homem, é a relação com a mãe que assume um papel preponderante nas experiências de infância, fazendo diminuir a evitação que, por sua vez, aumenta as estratégias de curto prazo. Estas vão fazer diminuir indiretamente o compromisso, através da diminuição da satisfação, do investimento e do aumento das alternativas.

Estes dados parecem apoiar os estudos no campo da Psicologia Evolutiva, que referem a importância do *stress* familiar como determinante na escolha das estratégias sexuais.

### **A Vinculação Amorosa**

Um laço de vinculação é caracterizado pela procura de proximidade, de conforto face a uma ameaça e pelo sentimento de segurança a partir da figura de vinculação, que permite actividades de exploração e também didáticas. Será também caracterizado pela resistência e *stress* evidenciado face a uma separação (Ainsworth, 1989; Hazan & Shaver, 1987; Zeifman & Hazan, 1997). O sistema de vinculação é tido como inato, funcionando como uma adaptação que promove a sobrevivência da espécie, sendo que o seu objetivo será o de manter um grau de proximidade física suficiente da figura de vinculação que permita um sentimento de segurança (Zeifman & Hazan, 1997).

A vinculação adulta difere da infantil em vários aspetos, como o facto de ser recíproca (no sentido de proporcionar e receber carinho) e de evoluir de um nível externo observável, para crenças e expectativas internas, com a sensação de segurança a ser atingida de outras formas, que não pela proximidade física. Por outro lado, incorpora

o sistema de vinculação, prestação de cuidados e sexualidade. Assim, a procura de proximidade parece ser motivada pelo desejo de proteger e oferecer conforto, por sentimentos de ansiedade e *stress* e através do desejo de iniciar actividade sexual (Hazan & Shaver, 1994).

O amor romântico será então um processo de vinculação com uma função biológica que responde a diferentes estímulos ambientais. Assim, a procura de proximidade será motivada por ansiedade e *stress*, pelo desejo de proteger e oferecer conforto e pelo desejo de iniciar atividade sexual (Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Shaver, 1987).

As diferenças individuais na vinculação configurariam a existência de estilos diferentes. O estilo seguro seria característico de indivíduos confiantes no seu parceiro e na sua responsividade, que sentem prazer com a proximidade do outro e com o desenvolvimento de atividade sexual no contexto de uma relação longa. As suas relações tendem a ser bem sucedidas e com menor probabilidade de dissolução (Zeifman & Hazan, 1997).

A nível emocional, os indivíduos com vinculação segura exibem padrões de emoções mais diferenciados, com as suas reações a revelarem forte tendência para manter e potenciar a qualidade da relação e o bem-estar do parceiro, para superar obstáculos e manter a estabilidade da relação (Mikulincer & Shaver, 2005).

O estilo de vinculação ambivalente configuraria um padrão em que coexistem um forte desejo de proximidade e uma falta de confiança na resposta do parceiro. Tal resultará em necessidades de vinculação excessivas, com a existência de sentimentos ambivalentes durante episódios negativos e também durante aqueles que supostamente seriam positivos (Mikulincer & Shaver, 2005; Zeifman & Hazan, 1997).

A falta de confiança na resposta do parceiro resultaria no estilo evitante, com aversão pelo contacto emocional íntimo, como beijos e carícias (comportamentos que potenciam a vinculação) e preferência por contacto sexual puro, vaginal, oral e anal (Zeifman & Hazan, 1997).

Apesar de existir alguma estabilidade, ao longo do tempo, no estilo de vinculação, bastará uma experiência de vinculação segura na idade adulta, para o alterar nessa direcção. Este estilo constituirá o mais estável. O género masculino tem sido associado ao estilo evitante e as mulheres ao estilo ambivalente, mas aparentemente os estudos não o têm vindo a comprovar; parecem sim existir diferenças de género na prestação de cuidados e na sexualidade, com as mulheres mais orientadas para o primeiro sistema e os homens para o último (Hazan & Shaver, 1994).

O estilo de vinculação parece funcionar como mediador na relação entre experiências precoces e estratégias sexuais, com as primeiras a produzirem diferenças individuais na preferência por relações de curto e longo prazo (Simpson & Gangestad, 1991). No entanto, apenas existem dados preliminares nesse sentido, que se procurarão clarificar neste projecto (Moreira, 2009). O estilo de vinculação evitante surge associado a um conjunto de comportamentos (maior número de parceiros, mais relações ocasionais) que configuram uma estratégia sexual a curto prazo, enquanto o estilo de vinculação seguro está interligado com comportamentos que se podem associar a uma estratégia de longo prazo (maior investimento numa relação estável). Por outro lado, o estilo ansioso-ambivalente parece ter menos consequências a estes níveis (Gentzler & Kerns, 2004; Moreira, 2008), o que não implica que seja ignorado neste estudo. Outro conjunto de dados associa diferentes estilos de vinculação à qualidade da relação de casal, com o estilo evitante associado a maior insatisfação e maior probabilidade de

divórcio (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002; Moreira et al, 2006). É plausível que estes efeitos sejam produto das diferentes estratégias sexuais associadas aos estilos de vinculação.

Os resultados obtidos por Moreira (2009) evidenciam que a aceitação pelos pais na infância, assim como, nos homens, o encorajamento da sua independência, se relacionam de modo negativo com a dimensão evitação do estilo de vinculação adulta, o que não se verifica com a preocupação. Verificou também uma associação entre a evitação e uma menor disponibilidade para a utilização de estratégias de curto prazo e maior disponibilidade para estratégias de longo prazo. Sublinhe-se também que a preocupação se relaciona de modo negativo com as estratégias de longo prazo nas mulheres e de modo positivo com as estratégias a curto prazo nos homens.

Schmitt (2008) concluiu que as experiências precoces de muito *stress*, pouca sensibilidade e responsividade, associadas a dificuldades económicas, estariam associadas com um estilo de vinculação evitante, que teria como reacção adaptativa o prosseguimento na idade adulta de uma estratégia de curto prazo, característica de uma sociosexualidade não restritiva. Num ambiente seguro, o estilo de vinculação será também mais seguro, o que conduzirá ao desenvolvimento de estratégias reprodutivas de maior investimento, com comportamentos monogâmicos e uma vinculação romântica segura.

Durante a última década, surgiu uma perspectiva que defende que a vinculação insegura e a estratégia a curto prazo constituem uma alternativa viável à estratégia de longo prazo (Belsky, 1999). O desejo por relações curtas não será assim maladaptativo ou um falhanço do sistema habitualmente monogâmico. Os resultados obtidos por Schmitt (2005) vão também nesta direção, revelando que em alguns casos, desejos e

comportamentos de estratégias de curto prazo estão associados a traços adaptativos de personalidade, como auto-estima elevada em jovens rapazes. Neste sentido, as pessoas que desejam e iniciam relações de curto prazo não têm necessariamente uma visão desfavorável sobre si próprias, nem estarão menos interessadas em socializar, não serão emocionalmente menos estáveis e não possuirão uma tendência maior para psicopatologia interpessoal.

### **Desenho da Investigação**

A presente investigação, pela sua temática complexa, com constrangimentos éticos e metodológicos, insere-se no paradigma pós-positivista. Deste modo, todo o desenho do estudo, como as suas questões e estratégias de recolha de dados, foram naturalmente influenciados por este paradigma, assumindo-se assim que apenas poderíamos procurar conhecer de modo aproximado uma realidade tão íntima, rica e complexa, sendo fundamental selecionar algumas variáveis chave, de acordo com a literatura e a prática clínica, que possibilitassem o enriquecer do conhecimento sobre a temática em estudo (Daly, 2007).

O estudo da infidelidade, procurando ajudar na compreensão dos determinantes dos julgamentos sobre a sua existência e gravidade, assim como dos fatores preditores da infidelidade na relação de casal, afigura-se como muito importante, dado este acontecimento constituir um fator indutor de *stress* na relação e um dos motivos principais que parecem conduzir à sua dissolução e à procura de terapia de casal.

O desenho do estudo, utilizando uma abordagem metodológica quantitativa, foi orientado pelas seguintes questões de partida:

- As experiências de infância, nomeadamente a presença/ausência do pai; qualidade da relação com a mãe e com o pai; nível de *stress* familiar e percepção da relação entre os pais influenciam a estratégia sexual (curto prazo ou longo prazo)?
- Quais os fatores que influenciam diretamente a ocorrência ou não de infidelidade?
- Qual a influência dos fatores relacionados com a qualidade percebida da relação de casal (confiança, conflito, paixão) na ocorrência de infidelidade?
- Será que existem diferenças de género nos fatores que influenciam a ocorrência de infidelidade?

Estas questões foram posteriormente concretizadas em hipóteses de investigação:

- A estratégia de curto prazo influencia a ocorrência de infidelidade.
- A ocorrência de infidelidade é influenciada pela qualidade percebida na relação de casal.
- O estilo de vinculação preocupado aumenta o conflito na relação de casal e predispõe a uma maior ocorrência de infidelidade.
- Maior paixão na relação estará associada a uma menor ocorrência de infidelidade.
- O estilo de vinculação evitante diminui o nível de satisfação com a relação de casal e predispõe a uma maior ocorrência de infidelidade.
- As experiências precoces influenciam a ocorrência de infidelidade.

### **Estrutura da Dissertação**

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos:

Neste primeiro capítulo efetuou-se um breve enquadramento teórico da investigação.

No segundo capítulo, *Julgamentos de Infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes*, pretendeu-se contribuir para uma clarificação do conceito de infidelidade e dos determinantes dos julgamentos sobre a existência ou não de infidelidade e da sua gravidade.

No terceiro capítulo, *Os Sete Lados do Triângulo: Desenvolvimento de um Questionário Multidimensional de Comportamentos de Infidelidade*, estudaram-se comportamentos, motivações e contextos da ocorrência de infidelidade a partir da elaboração de um questionário de avaliação da infidelidade.

No quarto capítulo, *Quem Ama também Trai? Um Estudo sobre os Preditores da Infidelidade*, pretendeu-se contribuir para o avanço do conhecimento nesta temática, através da identificação dos preditores dos comportamentos de infidelidade identificados na amostra. Esta avaliação foi efetuada em dois momentos de recolha de dados, sendo o carácter longitudinal deste estudo uma das suas inovações.

No quinto capítulo, *Discussão integrada e considerações finais*, pretendeu-se efetuar uma integração dos três estudos realizados, sumariando as conclusões de cada artigo, apontando os seus principais contributos, as suas limitações e possíveis direções futuras de investigação.

## **Capítulo II**

### **Julgamentos de Infidelidade: Um Estudo Exploratório dos seus Determinantes<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup>Viegas, T., & Moreira, J.M. (2010). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia*, 18, 411-418.

### Resumo

O objetivo deste estudo é contribuir para uma melhor compreensão dos determinantes dos julgamentos acerca da existência de infidelidade marital e sua gravidade, sobre os quais existe pouca investigação, apesar do seu impacto nas relações de casal. Uma amostra de 68 homens e 221 mulheres respondeu online a um questionário no qual se perguntava se o sucedido num conjunto de cenários constituiria infidelidade e quão grave. Uma análise fatorial identificou 4 aspectos que determinam a avaliação de infidelidade: envolvimento afetivo, contato físico/sexual, comportamento inocente e consentimento pelo parceiro. É atribuída maior gravidade quando o envolvimento é deliberado, continuado e sexual. Adultos jovens ou idosos, pessoas mais religiosas e com posicionamento político mais conservador fazem julgamentos mais severos. As mulheres penalizam mais o envolvimento na internet. A paixão e o consentimento do parceiro atenuam a gravidade. Situações ambíguas são julgadas como mais graves pelo parceiro do que pelo autor do comportamento.

Palavras-chave: infidelidade; conjugalidade; gênero; psicologia evolucionista.

### **Abstract**

The aim of this study was to contribute to the understanding of what determines judgments of whether an infidelity has occurred and how serious it was. Little research has been carried out on this issue, in spite of its impact on marital relationships. A sample of 68 men and 221 women responded to an online questionnaire asking whether events described in a set of scenarios constituted an infidelity and how serious. An exploratory factor analysis identified 4 aspects determining judgments of infidelity: emotional involvement, physical/sexual contact, innocent behavior and consent by the partner. Greater seriousness was attributed when the involvement was deliberate, continued, and sexual, while passion and partner's consent reduced severity. Young adults, the elderly, the more religious and right-wing, made harsher judgments. Women chastise involvements over the internet to a greater degree. Ambiguous situations are considered more serious by the partner than by the author of the behavior.

Keywords: infidelity, marital relationships, gender, evolutionary psychology.

A investigação e a prática clínica têm mostrado que a infidelidade é uma das experiências mais difíceis, complexas e exigentes para os casais, e constitui uma das razões mais apontadas para a procura de terapia de casal e para o divórcio (Blow & Hartnett, 2005b; Snyder, Baucon & Gordon, 2008; Williams, 2011). Dado que, tal como defendido pelos modelos cognitivistas, a perturbação não é gerada pelos acontecimentos, mas pelo significado que lhes é atribuído (Lazarus & Folkman, 1984), parece particularmente importante o estudo do que leva as pessoas a considerar um comportamento como sendo ou não infidelidade, e esta como mais ou menos grave.

Não existem dúvidas de que a ocorrência de julgamentos de infidelidade tem importantes consequências negativas nas relações de casal. Dado que a monogamia pressupõe fidelidade emocional e sexual e é tida como norma para a maioria dos casais (Fife, Weeks & Gambescia, 2008), a partilha de intimidade sexual e/ou emocional com um terceiro elemento é sentida como uma quebra do compromisso e da confiança entre os parceiros. A conjugação entre investimento amoroso e julgamentos de traição abala a estabilidade e a segurança que estão na base do compromisso (Schade & Sandberg, 2012), não só do casal como de toda a família (Gibson, 2008). Este abalo resulta numa dor profunda, incerteza e perda de confiança, gerando, na maioria dos casais, um sentimento de abandono (Brown, 2001). A sua descoberta representa por isso quase sempre uma séria crise relacional, com a perda de uma perspectiva de futuro e a sensação de não-controlo, que tornam a tarefa de recuperação da relação do casal muito incerta (Fife et al., 2008; Hall & Fincham, 2008).

Dadas as graves consequências resultantes de os parceiros considerarem estar perante uma infidelidade, adquire especial importância a compreensão dos

determinantes desses julgamentos. A investigação sobre esta temática e sobre as concepções de infidelidade, porém, tem sido muito limitada, o que se reflete no próprio modo como o conceito é operacionalizado na maioria dos estudos, que tendem a considerar de forma exclusiva o envolvimento sexual como critério de infidelidade (Blow & Hartnett, 2005a).

De fato, existe uma ampla latitude e diversidade nas concepções de infidelidade (Blow & Hartnett, 2005a). Embora o critério do envolvimento sexual seja o mais comum, vários autores têm chamado a atenção para a importância de outros aspectos. Por exemplo, Gibson (2008) considera que o termo infidelidade se refere a qualquer relacionamento extra-conjugal (REC), definindo este como uma ligação entre um dos parceiros do sistema conjugal e uma outra pessoa fora desse sistema, ligação essa da qual o segundo parceiro é excluído. Argumenta também que tanto o envolvimento emocional como o sexual podem violar a expectativa de exclusividade do outro parceiro, sendo sentidos como uma quebra de confiança e um ataque ao sistema de vinculação. Em Glass e Wright (1992), a infidelidade surge definida como uma variedade de atividades sexuais, mas são também considerados os envolvimento de ordem afetiva. Berman e Frazier (2009) convergiram com esta definição mais abrangente, ao argumentarem que a dicotomia sexual/emocional é tão mais redutora, quando é sabido que os indivíduos possuem um vasto repertório de comportamentos, que inclui o flerte/sedução, o contato visual, a conversa, o toque não sexualizado, que não constituem comportamentos nem claramente sexuais, nem emocionais.

Assim, apesar de, desde o início da década de 70, a infidelidade ter vindo a ser amplamente estudada, com extensa discussão sobre a sua prevalência, incidência no

ciclo de vida, fatores predisponentes e diferenças de gênero (Juhnke, Coll, Evans, Sunich, Hansen & Valdez, 2008), parecem verificar-se ainda claras insuficiências no modo como este conceito é definido, tendendo os instrumentos de avaliação a reduzirem-se muitas vezes a uma única questão (“Ocorreu infidelidade? Sim vs. não”) ou à redutora classificação emocional/sexual (e.g., Sabini & Green, 2004).

Estas incertezas e insuficiências na definição do conceito de infidelidade podem ser responsáveis pelos resultados variáveis e por vezes contraditórios encontrados na literatura sobre o tema. Por isso, e para além das discussões teóricas acerca do conceito, nos pareceu fundamental efetuar uma coleta de informação sobre as concepções que as pessoas em geral têm sobre que comportamentos são considerados como infidelidade e quais as características que tornam mais ou menos grave essa violação das regras de uma relação de casal.

Com este objetivo, construímos um questionário, utilizando um conjunto de cenários hipotéticos. Foi pedido aos participantes que avaliassem se cada cenário constituía ou não infidelidade e qual o grau de gravidade da mesma, caso existisse. Esta avaliação era efetuada em quatro itens, partindo da perspectiva do próprio e da do parceiro, e sendo um ou o outro o autor do hipotético comportamento. Estas variantes foram introduzidas com o intuito de verificar se o julgamento da situação depende da perspectiva de quem realiza e avalia.

Os cenários por nós criados variavam em vários aspectos que, pela literatura anterior e pelo senso comum, pareciam suscetíveis de influenciar os julgamentos de infidelidade. Assim, por exemplo, um dos cenários remetia para um envolvimento sexual pontual, enquanto outro era de um envolvimento sexual continuado. Era

esperado que este último fosse avaliado com maior gravidade, dado que remeteria mais para aspectos relacionais e de personalidade do ator e menos para fatores situacionais (Sousa, 1997).

Outro cenário apresentava uma situação de envolvimento via internet com a ocorrência de masturbação, esperando-se que o mesmo fosse mais desvalorizado em função do caráter virtual e do fato de não ser claro se tal comportamento é considerado um sinónimo de ter sexo e o interlocutor um parceiro sexual (Alvarez & Nogueira, 2008).

O envolvimento emocional foi também avaliado, sendo esperado que a dicotomia afetivo/sexual, à luz da psicologia evolucionista, tivesse interação com o gênero. Assim, esperava-se que o envolvimento emocional fosse mais penalizado pelas mulheres, dado o risco de poderem perder o tempo, os recursos e o compromisso do parceiro (Hall & Fincham, 2008). De acordo com a revisão de literatura realizada por Barta e Kiene (2005), a infidelidade tem maior probabilidade de terminar em divórcio se a mulher acreditar que a rival é objeto de maior investimento emocional do que aquele que lhe está reservado.

As potenciais implicações reprodutivas do envolvimento sexual, com os homens a arriscarem a incerteza da paternidade e o investimento de recursos em descendentes não relacionados a nível biológico, levá-los-ia a penalizar mais este comportamento, quando comparado com o envolvimento afetivo. Assim, as mulheres parecem se preocupar mais com os aspectos emocionais do acasalamento e os homens com os sexuais (Fernandez, Sierra, Zubeidat & Vera-Villarroel, 2006; Goldenberg, Landau, Psyszczynski, Cox, Greenberg, Solomon & Dunnam, 2003; Sabini & Green, 2004).

Para além do cenário do relacionamento afetivo, foi também avaliado o apaixonar-se, que constitui um estado emocional e motivacional e não tanto um comportamento deliberado. Não havendo uma decisão de estabelecer um relacionamento, o mero apaixonar-se seria tendencialmente menos grave.

O envolvimento homossexual foi também uma das situações apresentadas. Por um lado, este cenário não apresenta implicações reprodutivas, e o fato de o rival ser de um sexo diferente pode reduzir o componente de competitividade. Por outro lado, a conotação social negativa da homossexualidade pode contribuir para uma avaliação mais gravosa, de onde o interesse deste cenário, muito pouco estudado até hoje.

Outra variável introduzida foi, no contexto do envolvimento sexual, a existência de consentimento pelo parceiro, quer numa situação de proposta de troca de casais, quer num caso de incapacidade física de um dos elementos do casal para o ato sexual (ver exemplo de cenário na secção do método). Era esperado que o consentimento retirasse ou atenuasse o sentimento de infidelidade. Do que é do nosso conhecimento, esta questão não foi ainda objeto de estudos científicos

Finalmente, foram introduzidos cenários com comportamentos dúbios (não comunicação de encontro social; conversa durante viagem) e inocentes (confortar com um abraço). Hipotetizamos que estes últimos deveriam estar fora do domínio da infidelidade para a maioria das pessoas, estabelecendo um contraste com os cenários mais gravosos. Os cenários dúbios foram introduzidos com propósitos exploratórios.

Procuramos ainda perceber se certas variáveis sócio-demográficas e culturais dos participantes influenciavam de modo significativo os julgamentos. Assim, pensa-se que a maior religiosidade poderá estar associada a julgamentos mais severos das

situações de infidelidade, dado que a quase totalidade das religiões condena os REC (Burdette, Ellison, Sherkat & Gore, 2007). Por outro lado, uma maior religiosidade surge também associada a atitudes mais tradicionais sobre a sexualidade feminina, a uma maior aceitação da dominância masculina e a uma atitude mais negativa sobre a homossexualidade (Lottes & Kuriloff, 1992).

Solicitamos também aos participantes informação sobre a sua ideologia política, dado que existe evidência empírica de que ela está associada a numerosos aspectos de personalidade, valores e atitudes, nomeadamente quanto ao resistir às tentações, com os conservadores apresentando maior compromisso com os seus valores morais (Schlenker, Chambers & Le, 2011). Espera-se, portanto, que pessoas mais conservadoras apresentem uma definição mais ampla do que constitui infidelidade e julgamentos mais severos (Alvarez & Nogueira, 2008).

Finalmente, mencionamos ainda a idade e a experiência de envolvimento em relações, que poderão também influenciar os julgamentos, por efeito da maior identificação com os cenários por parte de pessoas envolvidas em relações, dos receios típicos de diferentes etapas da vida ou de diferenças de valores em diferentes gerações.

### **Método**

#### **Participantes**

A amostra era constituída por 289 indivíduos (68 homens –23.5% e 221 mulheres – 76.4%). A média de idades foi de 34.28 anos (desvio padrão 12.07), compreendidas entre os 18 e os 74 anos. Havia 17% de sujeitos casados religiosamente, 11 % casados apenas no civil, 7% estavam noivos, 14% viviam em união estável, 31%

estavam numa relação de namoro, 15% não estavam envolvidos em nenhuma relação e 6 % estavam divorciados ou separados; 1% declarou nunca ter estado envolvido numa relação de casal. Estas percentagens somam mais de 100%, dado que algumas categorias não são exclusivas. A grande maioria (80%) tinha até 11 anos de relação e a mesma percentagem tinha mantido uma relação anterior. Refira-se também que 84 % possuíam escolaridade superior a 12 anos, não existindo participantes com escolaridade inferior a 6 anos. No que diz respeito à classe socioeconômica atual, 60% considerou-se inserido na classe média, 24% na classe média alta e 14% na classe média baixa, sendo as respostas semelhantes quando perguntado acerca da classe socioeconômica em que cresceram. Os católicos eram 64% e 32% afirmaram não ter nenhuma religião. Quanto ao grau de religiosidade, 80% situavam-se entre o nada religioso e um nível moderado de religiosidade. Dentro da orientação política, 27% dos participantes considerava-se de esquerda, 25% de direita e 48% de centro.

### **Instrumento**

Foi desenvolvido para este estudo o “Questionário de Concepções da Infidelidade”. É constituído por 13 cenários com situações hipotéticas, que variam em diversos parâmetros, apresentados na introdução. A avaliação de cada cenário foi efetuada numa escala de 5 pontos, avaliando se era infidelidade e qual a sua gravidade (0 - Não era infidelidade; 1 - Podia ser infidelidade mas sem gravidade; 2 - Era infidelidade mas não especialmente grave; 3 - Era infidelidade com alguma gravidade; 4 - Sem dúvida era infidelidade grave). Esta avaliação era efetuada em quatro itens, correspondentes à combinação entre o autor do comportamento (próprio vs. do parceiro)

e o juiz (próprio vs. provável opinião do parceiro). A título de exemplo apresenta-se o cenário número 10:

Tomás sofre de disfunção erétil e nunca mostrou disponibilidade para procurar ajuda médica, tendo aceitado esta situação como inevitável e parte do grave quadro de diabetes de que sofre. Casado há 15 anos com Isabel, sente que tal situação não é justa e diz à esposa que entende e aceita se esta se envolver sexualmente com outro homem. Isabel fá-lo: tem relações sexuais com outra pessoa que não o marido. Considere o comportamento de Isabel.

No intuito de minimizar o possível efeito da tendência para utilizar preferencialmente uma das alternativas que surgem mais cedo no questionário (Moreira, 2004), optou-se pela criação de duas versões, com ordens inversas na apresentação das alternativas de resposta. A distribuição aleatória pelas duas versões foi conseguida pedindo aos participantes que indicassem se o seu dia de nascimento era par ou ímpar. O questionário estava disponível em quatro versões, masculina vs. feminina e heterossexual vs. homossexual, sendo perguntado ao sujeito em relação a qual das orientações preferia responder. Dado o escasso número de respostas nas versões homossexuais, elas não serão apresentadas aqui.

### **Procedimento**

Os dados foram recolhidos em Portugal, entre abril e julho de 2010. O questionário foi colocado num website de acesso público sobre temas relacionados com a psicologia e foi também divulgado através das redes sociais, prosseguindo depois a coleta pelo método “bola de neve”, no qual os elementos da amostra vão sugerindo

novos elementos. A participação dos sujeitos foi voluntária, tendo os mesmos sido informados do objetivo do estudo, características do questionário, confidencialidade dos dados e obrigatoriedade de ter 18 anos ou mais para poder participar no mesmo. Era explicitado que, ao clicarem para prosseguir, davam o seu consentimento e garantiam que eram maiores de 18 anos.

A confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes assumiu particular importância, dada a temática em questão, pelo que foi garantido que as respostas aos questionários eram confidenciais e que não existia forma de relacionar um participante com os dados fornecidos. Procurou-se minimizar os riscos, restringindo a informação pessoal recolhida, de modo a não permitir a identificação dos participantes. Apenas foram solicitadas informações sobre sexo, idade, estatuto relacional, duração da relação atual, número de relações de casal anteriores, classe socioeconômica (durante a sua infância e atual), área (urbana ou rural) e distrito de residência. Em qualquer caso a confidencialidade das respostas foi protegida por password no serviço Google Docs durante a coleta de dados e estes foram eliminados do serviço logo que esta terminou, ficando apenas na posse dos investigadores, em ficheiros encriptados e protegidos por password.

### **Resultados**

#### **Análise Comparativa das Médias**

Dado o carácter exploratório deste estudo, optou-se por averiguar primeiramente, através de análises de variância multivariadas com medidas repetidas, o efeito das variáveis cenário, ator do comportamento e juiz que o avalia, às quais juntamos ainda as variáveis sexo e ordem das respostas (versão do questionário). Esta última não teve

efeito nos resultados, pelo que não será mais mencionada. Os efeitos das variáveis relativas às situações e aos comportamentos de infidelidade foram avaliados através de contrastes entre cenários específicos. Verificaram-se numerosos efeitos, sendo que, por razões de espaço, se apresentam apenas os mais importantes. A variável cenário apresentou o efeito mais forte,  $F(12, 274) = 841.91, p < .0005, \eta^2$  parcial = .97, qualificado pela interação cenário  $\times$  sexo,  $F(12, 274) = 5.70, p < .0005, \eta^2$  parcial = .20. Para se analisar este efeito, foram calculadas as médias totais (dos quatro itens) de cada cenário, apresentadas na Quadro 1.

Quadro 1

*Médias dos Cenários por Sexo em Ordem Decrescente*

Cenário	Total		Masc.		Fem.	
	M	DP	M	DP	M	DP
12 - Envolvimento sexual continuado	3.78	0.54	3.77	0.57	3.78	0.53
13 - Envolvimento sexual homossexual	3.75	0.54	3.83	0.48	3.72	0.56
1- Ato sexual único	3.54	0.68	3.59	0.60	3.53	0.71
4 - Beijo prolongado na boca	2.73	1.02	2.96	0.97	2.66	1.03
3 - Envolvimento sexual na internet	2.68	1.17	2.19	1.35	2.83	1.07
11- Envolvimento apenas afetivo	2.48	1.33	2.35	1.45	2.52	1.29
10 - Envolvimento sexual consentido	2.29	1.53	2.23	1.57	2.31	1.52
2 - Apaixonar-se	2.16	1.13	2.33	1.14	2.11	1.13
7- Proposta de “swing”	1.79	1.70	2.14	1.66	1.68	1.70
8 - Não comunicação de encontro social	1.02	1.02	1.36	1.12	0.92	0.97
5 - Conversa durante viagem	0.17	0.54	0.21	0.61	0.15	0.51
6 - Comentário atributos físicos	0.08	0.37	0.17	0.49	0.05	0.31
9 - Confortar com abraço	0.02	0.16	0.05	0.21	0.01	0.14

*Nota.* Masc. - sexo masculino; Fem. - sexo feminino.

Verificou-se que os cenários com médias mais elevadas remetem para situações de envolvimento sexual. Verifica-se também que o envolvimento sexual continuado é mais penalizado que o pontual, contraste cenário 1 vs. cenário 12,  $t(288) = -6.14, p < .0005$ . Quanto à interação cenário  $\times$  sexo, verifica-se que há diferenças significativas

entre homens e mulheres no cenário 3,  $F(1, 287) = 16.13, p < .0005, \eta^2 = .05$  e no cenário 8,  $F(1, 287) = 9.81, p = .002, \eta^2 = .03$ , com os homens a penalizarem mais o cenário 8 (não comunicação de encontro social) e as mulheres o cenário 3 (envolvimento sexual na internet). O envolvimento sexual homossexual é tão penalizado quanto o equivalente heterossexual, contraste cenário 13 vs. cenário 12,  $t(288) = -1.16 p < 0.25$ ; o consentimento do parceiro (cenário 10) parece retirar gravidade, embora esta avaliação seja difícil, dado que não existe nenhum cenário exatamente equivalente, mas a situação mantém-se como infidelidade ( $M = 2.29$ ). A situação do apaixonar-se é julgada com menos severidade do que o cenário que apresenta um envolvimento afetivo, contraste cenário 2 vs. cenário 11,  $t(288) = -3.86, p < .0005$ . As interações ator-juiz,  $F(1, 285) = 101.71, p < .0005, \eta^2$  parcial = .26 e cenário-ator-juiz,  $F(12, 274) = 10.20, p < .0005, \eta^2$  parcial = .31 também revelaram influência nos resultados, sendo que, quando o juiz difere do ator, a avaliação é mais severa. A magnitude deste efeito parece ser maior em cenários mais ambíguos (2, 4, 3, 1), quer quanto ao eventual prosseguimento da REC, quer quanto às intenções dos protagonistas.

### **Análise Fatorial dos Cenários**

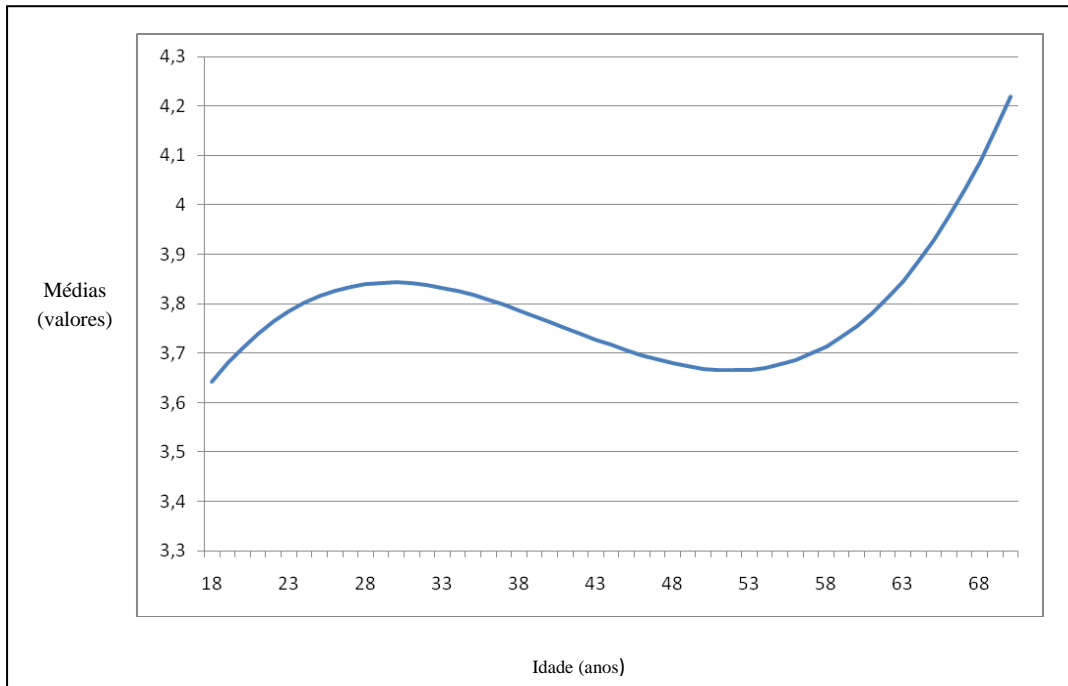
Com o objetivo de identificar as principais dimensões subjacentes às avaliações feitas pelos participantes nos diferentes cenários, procedeu-se a uma análise fatorial ao nível dos itens (quatro por cada cenário). Foram selecionados para interpretação quatro fatores, indicados pelo “teste do cotovelo” (Moreira, 2004). Constatou-se que os quatro itens de cada cenário apresentavam sempre a sua saturação mais forte num mesmo fator.

O Fator 1 (alfa de Cronbach .92) parece corresponder ao grau de gravidade atribuído ao envolvimento afetivo (cenários 2, 3 e 11); o Fator 2 (alfa de Cronbach .89) à gravidade do contato físico/sexual (cenários 1, 4, 12 e 13; no cenário 4, dois itens não foram contabilizados na estimação do fator por terem saturação inferior a 0.5); o Fator 3 (alfa de Cronbach .89) à gravidade atribuída ao comportamento em cenários geralmente vistos como inocentes e de muito baixa gravidade (cenários 5, 6 e 9); finalmente, o Fator 4 (alfa de Cronbach .93) correspondia à gravidade de situações de infidelidade em que há consentimento por parte do parceiro (cenários 7 e 10). Os resultados das somas dos itens correspondentes a cada fator foram utilizados na análise da relação com outras variáveis presentes no estudo.

### **Relação entre a Avaliação da Gravidade do Comportamento e outras Variáveis**

As variáveis de classe social e área rural vs. urbana não geraram resultados significativos. O estudo da variável idade relativamente a estes quatro fatores foi efetuado através de uma regressão não linear, utilizando os componentes linear, quadrático e cúbico. O padrão dos resultados foi semelhante para os quatro fatores, com efeitos significativos de todos os componentes nos dois primeiros fatores. Neste padrão, ilustrado na Figura 1 com o exemplo do Fator 2, o julgamento das situações de infidelidade vai-se tornando mais severo entre os mais jovens, atingindo o máximo cerca dos 30 anos; desce depois ao longo da idade adulta (mínimo aos 52 anos), após o que volta a subir.

Figura 1. Efeito da variável idade sobre a avaliação da gravidade do contacto físico/sexual (Fator 2)



A variável escolaridade foi recodificada em dois grupos (participantes com escolaridade até vs. superior a 12 anos), dado o número muito reduzido de indivíduos com escolaridade até 12 anos. As diferenças encontradas não foram significativas em nenhum dos fatores,  $F(4, 284) = 1.876, p < .115, \eta^2 \text{ parcial} = .026$ . Relativamente à orientação política e a religiosidade dos participantes (Quadro 2), verificou-se que quanto mais à direita se posicionavam e quanto maior o grau de religiosidade, maior gravidade atribuíam às situações. Tal aplica-se aos quatro fatores, sendo mais evidente no Fator 4 (consentimento do parceiro).

Quadro 2

*Médias Correspondentes ao Efeito da Interação Ator × Juiz no Cenário 2*

		Juiz			
		Próprio		Parceiro	
		M	DP	M	DP
Ator	Próprio	1.88	1.32	2.51	1.13
	Parceiro	2.33	1.25	1.94	1.34

À semelhança do efetuado para a variável idade, estudou-se a possibilidade de efeitos não lineares na variável duração da relação. Verificámos que, para os Fatores 3 e 4, nenhum dos componentes é significativo, enquanto para os Fatores 1 e 2 os três componentes são significativos, revelando um efeito não linear em que a gravidade é máxima nas relações mais recentes, diminui até atingir o mínimo em relações com cerca de 25 anos de duração e volta a subir, num efeito sem dúvida relacionado com o fato de os indivíduos com maior tempo de relação serem também os mais velhos. Limitações de espaço não permitem apresentar os resultados detalhados destas análises, que podem ser obtidos contactando os autores.

A variável estatuto relacional sofreu também uma recodificação, com os participantes divididos em quatro grupos: nunca teve uma relação, não namora, namora, casado/em união estável; os dados foram analisados através de comparações múltiplas (Quadro 3). Assim, foi possível verificar que os indivíduos que nunca estiveram numa relação desvalorizam o fator envolvimento afetivo, quando comparados com os sujeitos que namoram. Verificam-se também tendências, ainda que não significativas, para os indivíduos casados penalizarem mais o Fator 4 (consentimento do parceiro), e os que nunca tiveram uma relação ou não namoram atualmente, desvalorizarem os quatro

fatores quando comparados com os que namoram e os casados.

Quadro 3

*Correlação entre a Variável Orientação Política e Grau de Religiosidade*

	Orientação Política	Grau de Religiosidade
Fator 1	0.13*	0.18**
Fator 2	0.14*	0.13*
Fator 3	0.03	0.05
Fator 4	0.29**	0.29**

*Nota.* \* correlação significativa  $p < 0.05$  \*\* correlação significativa  $p < 0.01$

### Discussão

Os resultados obtidos indiciam que ambos os sexos penalizam mais o envolvimento sexual por comparação com o afetivo e atribuem maior gravidade quando ele é continuado e não se limita a uma única relação sexual. Este tipo de comportamento é tão penalizado quer seja homossexual, quer heterossexual. Verificou-se também que os participantes mais jovens (com o máximo aos 30 anos), mais religiosos e que apresentam orientação política mais à direita penalizam mais os quatro fatores. Por fim, refira-se que os indivíduos que nunca tiveram uma relação e os que não namoram atualmente desvalorizam os quatro fatores quando comparados com os casados ou que coabitam.

Pensamos que a maior penalização do envolvimento sexual continuado poderá estar relacionada com a componente relacional, mais do que com a repetição do comportamento sexual em si, mas esse terá de ser um aspecto a examinar em futuros estudos. A maior penalização do envolvimento sexual verifica-se em ambos os sexos, não se confirmando assim os resultados dos estudos que concluíram que as mulheres mostram maior stress e aversão face à infidelidade emocional (Goldenberg et al., 2003;

Fernandez et al., 2006). Pensa-se que esta diferença poderá ser relacionada com características desses estudos, como o fato de os sujeitos serem estudantes e mais jovens, e a metodologia da escolha forçada entre infidelidade sexual e emocional, que parece introduzir diferenças de gênero mais amplas nos resultados (Berman & Frazier, 2005).

Igualmente interessante é o fato de o envolvimento sexual homossexual ser tão penalizado quanto o heterossexual, quer pelos homens quer pelas mulheres. Este resultado contraria a ideia popular acerca da tolerância dos homens face à homossexualidade feminina, bem como fatores atenuantes que se poderiam considerar à luz da psicologia evolucionista, como a rivalidade ser amenizada e não existir ameaça reprodutiva (Buss, 2008). Aparentemente, ao estigma negativo da infidelidade associou-se o preconceito que ainda vigora face à homossexualidade e bissexualidade.

A maior penalização do envolvimento afetivo face à situação do apaixonar-se pode ser interpretada de modo semelhante ao apontado acima para o envolvimento sexual continuado vs. pontual, enquanto a paixão aconteceria sem culpa e eventualmente seria mais fugaz. Esta diferença verifica-se apenas quando são as mulheres a avaliar o comportamento, talvez porque estas valorizam mais o envolvimento relacional e o investimento de recursos, efetuando uma maior diferenciação entre algo passageiro e sem consequências e um envolvimento continuado (Sabini e Green, 2004; Goldenberg, et al., 2003; Fernandez et al., 2006).

A maior penalização dos homens face à situação de não comunicação de encontro social talvez se relacione com o fato de valorizarem mais questões de imagem social, que poderia sair afetada se esse encontro se tornasse do conhecimento público, e

o fato de serem menos severos no julgamento da infidelidade na internet pode estar associado ao caráter virtual da mesma, dado que os homens tendem a valorizar mais o lado físico da sexualidade. Sublinhe-se que ambos os sexos consideram a interação online como infidelidade, o que corrobora o que Hertlein e Piercy (2006) encontraram na sua revisão de literatura sobre esta temática. O fato de os indivíduos mais jovens e com menor tempo de relação atual tenderem a considerar os REC como mais graves estará relacionado com a importância que o fator tempo assume no desenvolvimento da relação (Hazan & Shaver, 1994). Nos primeiros tempos de uma relação, a intimidade ainda está em construção e os níveis de compromisso não são tão elevados como nas relações mais longas (Drigotas & Barta, 2001). Assim, será uma fase de amor apaixonado, com grande necessidade de contato físico e vivências de enorme intensidade, em que a confiança ainda não está consolidada, havendo dúvidas e receios face ao empenho e compromisso do outro. Daqui resulta um maior ciúme, que torna mais plausível uma penalização de comportamentos eventualmente dúbios e outros, de envolvimento sexual ou emocional, que provavelmente conduzirão a uma rutura (Solomon & Knobloch 2004). Em relação à menor gravidade atribuída nas idades mais avançadas, apesar de bastante especulativo, arriscamos associá-los aos menores níveis de paixão e à crescente autonomia dos parceiros, pelo que a infidelidade nesta fase terá menor impacto do que nas fases iniciais. Por outro lado, a partir dos 50 anos, estamos perante uma geração com valores mais tradicionais, que viveu a sua juventude num período histórico dominado por ideias mais conservadoras.

Por fim, refira-se que os indivíduos com maior grau de religiosidade surgem como os que mais penalizam as situações apresentadas, algo expectável face à

valorização da fidelidade amorosa na generalidade das religiões. Neste sentido, mesmo o envolvimento sexual com uma terceira pessoa com o consentimento do parceiro ou a proposta de troca de casais, são classificados com maior gravidade, dado que violam a norma da exclusividade sexual e emocional, qualquer que seja a circunstância. A maior penalização por parte dos indivíduos com orientação política mais à direita está provavelmente associada a um maior conservadorismo, defesa de valores tradicionais e observância das normas sociais.

### **Conclusões**

Encontraram-se alguns resultados expectáveis à luz do senso comum, como o envolvimento sexual ser mais grave do que aquele que não é consumado desta forma, mas também houve resultados que se podem considerar surpreendentes e suscitam interrogações e pistas para novas investigações. São exemplos a igual penalização do envolvimento homossexual, inclusive no caso da homossexualidade feminina avaliada pelos homens, e o esbatimento das diferenças entre gêneros nas situações de envolvimento sexual vs. emocional, em que os dois sexos têm perfis de resposta bastante semelhantes. Estes dados não parecem assim corroborar as interpretações mais simplistas das extrapolações das teorias da psicologia evolucionista, sugerindo que são necessárias teorizações mais sofisticadas.

A diferença nos resultados introduzida pelas variáveis sócio-demográficas reforça a importância de uma amostra diversificada, do ponto de vista etário, do estatuto relacional e das experiências amorosas, o que não tem sido apanágio de muitos estudos que recorrem maioritariamente a amostras de estudantes universitários. A diversidade presente na nossa amostra, tal como a sua média etária, terão contribuído, no nosso

entender, para minimizar algumas lacunas apontadas à utilização de cenários hipotéticos.

Como limitação desta investigação, surge o desconhecimento da presença ou não de pessoas envolvidas em REC, algo que seria importante ter sido controlado, dado que a presença desta experiência pode ter influenciado os resultados. A elevada percentagem de mulheres na amostra, também surge como uma limitação, ainda que o número de homens seja razoável. Pensa-se que tal terá acontecido devido a uma tendência para uma maior participação das mesmas na investigação sobre este tipo de temáticas.

Pensamos que os resultados obtidos também poderão ter sido condicionados pela elevada escolaridade apresentada pela amostra, pois mulheres com esta característica se envolvem em práticas sexuais mais diversificadas e têm maior número de parceiros sexuais (Alvarez & Nogueira, 2008). O fato de a coleta de dados ter sido efetuada online levanta alguns receios, embora estes não tenham sido confirmados pela investigação recente (Gosling, Vazire, Srivastava & John, 2004). Por outro lado, permitiu assegurar a diversidade da amostra e o anonimato dos participantes, questão bastante sensível nas investigações sobre infidelidade. Finalmente, consideramos que é importante em investigações futuras que se separe a avaliação se é ou não infidelidade, da avaliação da gravidade da situação, dado que os participantes podem considerar que não se trata de uma infidelidade, mas mesmo assim constituir uma violação das regras de uma relação.

## Capítulo III

### **Os Sete Lados do Triângulo: Desenvolvimento de um Questionário Multidimensional de Comportamentos de Infidelidade<sup>2</sup>**

---

<sup>2</sup>Viegas, T., & Moreira, J.M. (2014). Os Sete Lados do Triângulo: Desenvolvimento de um Questionário Multidimensional de Comportamentos de Infidelidade. Submetido a *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*.

### Resumo

Na cultura ocidental, a fidelidade surge muito valorizada nas relações amorosas. No entanto, a investigação e a prática clínica têm vindo a evidenciar que a infidelidade ocorre com frequência, mesmo entre os indivíduos que esperam exclusividade e condenam o envolvimento com terceiros. Apesar do interesse da temática, parecem evidentes insuficiências no modo como a infidelidade tem vindo a ser avaliada. Assim, foi elaborado o Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-Relacionais (QMCER), com o objetivo de caracterizar comportamentos, motivações e contextos da ocorrência de infidelidade. Foi possível a identificação de três tipos de envolvimento: físico, afetivo e o desejo sexual, com alfas de Cronbach bastante elevados. Uma análise fatorial permitiu a identificação de sete fatores associados às características da infidelidade, às motivações e consequências da mesma. Foi também derivada uma estrutura de fatores ligados à motivação para a fidelidade, que se parece aproximar da teoria da auto-determinação.

Palavras-chave: infidelidade; avaliação psicológica; psicologia evolutiva; vinculação; género.

Abstract

In the western culture, fidelity in romantic relationships is highly valued. However, research and clinical practice have shown that infidelity is a common occurrence, even among individuals that expect exclusiveness and condemn involvement with others. In spite of the interest around the theme, shortcomings in the way infidelity is usually assessed seem evident. Therefore, the Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-Relacionais (QMCER; Multidimensional Extra-Relational Behaviors Questionnaire) has been developed, with the purpose of characterizing behaviors, motivations and contexts of the occurrence of infidelity. Three types of involvement could be identified: physical, affective and sexual desire, with high Cronbach alphas. A factor analysis allowed for the identification of seven factors related to characteristics of the infidelity, its motivations and consequences. A factor structure regarding motivation for fidelity was also derived, apparently approaching that of self-determination theory.

Key-words: infidelity; psychological assessment; evolutionary psychology; attachment; gender.

Na cultura ocidental, as relações monogâmicas assentes no amor romântico têm usualmente como uma das suas regras básicas a exclusividade na intimidade sexual e/ou emocional (Barta & Kiene, 2005; Boekhout, Hendrick & Hendrick, 2003; Fife, Weeks & Gambescia, 2008; Magalhães, 2009), o querer ser o único a ser amado pelo outro, com este a ocupar grande parte do nosso tempo, pensamento e atividade (Rubin, 1970). A maioria das pessoas parece considerar-se leal e fiel, tendo a infidelidade como inaceitável (Treas & Giesen, 2000). No entanto, dado que a ocorrência de comportamentos extra-relacionais é comum (Hall & Fincham, 2009), muitas das pessoas que afirmam desaprovar a infidelidade devem contribuir para a considerável frequência destes comportamentos (Foster & Misra, 2013). É sabido que a ocorrência de comportamentos de infidelidade tem um impacto, em regra forte e negativo, na relação de casal (Brown 2001a, 2001b; Hall & Fincham, 2009), contribuindo para níveis elevados de *stress*, diminuindo a qualidade e satisfação com a relação conjugal e constituindo um dos principais desencadeadores de crise e de recurso à terapia de casal (Snyder, Baucom & Gordon, 2008; Gameiro, 1999). Sendo a infidelidade um comportamento com tão grandes consequências para os indivíduos e as famílias, seria desejável que a investigação e a prática clínica se apoiassem em instrumentos de avaliação psicológica abrangentes e válidos.

Porém, a investigação sobre infidelidade, no que é do nosso conhecimento, tem em geral adotado uma perspectiva algo simplista na avaliação deste tipo de comportamentos. Na maioria dos casos, a variável é operacionalizada através de questões simples, muitas vezes únicas (e.g., “Teve sexo extramarital nos últimos 2 meses?”; Liu, 2000; Previti & Amato, 2004; Treas & Giesen, 2000). Mesmo nos casos em que a investigação procura identificar as causas da infidelidade, tende a utilizar cenários hipotéticos e dados retrospectivos, não recolhendo informação detalhada acerca

dos comportamentos de infidelidade, dos seus contextos e motivações (Allen et al., 2005; Hackathorn, Mattingly, Clark & Mattingly, 2011; Hall & Fincham, 2006). Na nossa opinião, este subdesenvolvimento das metodologias de avaliação psicológica nos domínios do comportamento extra-marital tem constituído um importante obstáculo ao desenvolvimento da investigação nesta área, tanto mais que é sabido que uma boa operacionalização do conceito e métodos de avaliação bem fundamentados e com elevada validade são essenciais para reduzir a probabilidade de resultados contraditórios e inconsistentes (Allen et al., 2005; Blow & Hartnett, 2005a). Assim, foi objetivo deste estudo, o desenvolvimento de um instrumento de avaliação dos comportamentos de infidelidade marital, das suas motivações e contextos, que proporcionasse um avanço significativo à metodologia de investigação neste domínio.

O desenvolvimento de um instrumento de avaliação das motivações e determinantes dos comportamentos extra-maritais teria necessariamente que se basear em teorias capazes de nos ajudar a entender tais comportamentos. Dentro destas, por exemplo, a psicologia evolutiva tem vindo a procurar explicar as causas da infidelidade com as diferentes necessidades adaptativas de homens e mulheres, abordando as vantagens reprodutivas da infidelidade em termos de maximização da replicação dos genes (Brooks & Monaco, 2013; Fisher & Cox, 2011). Assim, existirá uma predisposição inata nos homens para procurar variedade sexual, uma vez que o investimento requerido da sua parte para a reprodução é mínimo. Tendo o potencial para gerar um número praticamente ilimitado de descendentes, o sucesso reprodutivo dos homens está limitado sobretudo pelo número de parceiras sexuais disponíveis. Por isso, os homens deverão ser particularmente tentados por mulheres que se mostrem sexualmente disponíveis. Pelo contrário, para as mulheres, a variedade e a quantidade em si não seriam úteis, e o mais importante seria a obtenção dos recursos necessários

para a sobrevivência dos seus descendentes (De Stefano & Oala, 2008; Poulsen, Holman, Busby & Carroll, 2013). Deste modo, o principal fator limitativo do sucesso reprodutivo das mulheres será a disponibilidade desses recursos. Tal justificará que os homens se envolvam mais em comportamentos de infidelidade sexual e com um maior número de parceiras, tendo uma maior probabilidade de expressar esse desejo; as mulheres terão maior tendência para o envolvimento emocional com parceiros que pareçam dispostos a assegurar um elevado grau de investimento nelas e na sua descendência (Barta & Kiene, 2005; Buss, 2008; De Stefano & Oala, 2008; Munsch, 2012; Glass & Wright, 1985; Poulsen, Holman, Busby & Carroll, 2013; Sabini & Green, 2004).

Estas diferenças, consubstanciadas na chamada “teoria das estratégias sexuais” (Buss & Schmitt, 1993), têm importantes implicações para a compreensão dos comportamentos de infidelidade. No caso dos homens, que tendem a usar a “estratégia a curto prazo” descrita no parágrafo anterior, a infidelidade poderá estar associada sobretudo a situações de tentação envolvendo mulheres atraentes e que se mostrem sexualmente disponíveis, e a motivação subjacente deverá ser sobretudo sexual. No caso das mulheres, a infidelidade deverá estar mais associada a aspetos ligados à relação primária (insatisfação, possivelmente associada à falta de vontade ou capacidade do parceiro masculino para investir recursos) e a motivação afetiva, com o objetivo de criação de uma ligação emocional significativa com o novo parceiro, deverá ser mais importante.

A teoria da vinculação é outra abordagem potencialmente útil na explicação das causas da infidelidade, sobretudo no aspeto das diferenças individuais nos estilos de vinculação. O sistema de vinculação, através de comportamentos de procura de proximidade, permite um sentimento de segurança perante algum tipo de ameaça

potenciadora de *stress*. Muitos indivíduos, porém, devido ao facto de não terem tido, ao longo do seu desenvolvimento, relações em que as suas necessidades fossem atendidas de forma sensível, não conseguem utilizar as relações próximas para alcançar essa sensação de segurança, desenvolvendo o que se designa por um estilo de vinculação inseguro. Este pode ser do tipo evitante, em que a procura de proximidade é desativada, ou do tipo ansioso/preocupado, em que é hiperativada (Birnbaum, Weisberg & Simpson, 2011; Mintz, 2004). A investigação tem demonstrado que indivíduos com estilos de vinculação inseguros têm relações de casal menos harmoniosas e satisfatórias e, em muitas circunstâncias, maior número de parceiros sexuais (Hazan & Shaver, 1994). Indivíduos com um estilo de vinculação ansioso tenderão a usar o sexo como forma de preencher as suas necessidades de autoestima e intimidade emocional (Birnbaum, Reis, Mikulincer, Gillath & Orpaz, 2006; Birnbaum, Simpson, Weisberg, Barnea & Assulin-Simhon, 2012). O estilo de vinculação evitante está associado a um menor investimento nas relações. O menor investimento, e conseqüente menor compromisso com o parceiro, poderão reduzir as barreiras ao envolvimento com terceiros. Além disso, o indivíduo evitante poderá utilizar a infidelidade como forma de reduzir o envolvimento emocional e aumentar o distanciamento em relação ao parceiro (Duba, Kindsvatter & Lara, 2008).

Pareceu-nos igualmente importante a avaliação da motivação para a fidelidade, uma vez que esta deverá ter uma forte influência no envolvimento extra-relacional, e a investigação tem vindo a evidenciar que diferentes motivações têm um impacto diferente na manutenção ou dissolução de uma relação (Pelletier, Tuson & Haddad, 1997). A teoria da auto-determinação (Deci & Ryan, 2008) é atualmente a mais influente neste aspeto da discriminação entre tipos de motivação, sobretudo no contraste que postula entre o conceito de motivação controlada, que corresponde a uma

motivação menos internalizada e traduzida em comportamentos iniciados por razões mais instrumentais, e o de motivação autónoma, mais internalizada e associada a comportamentos iniciados pela obtenção de prazer e satisfação. Estas diferenças na motivação subjacente estariam, por sua vez, relacionadas com diferentes emoções morais suscitadas pela ocorrência de comportamentos discrepantes com os princípios nela baseados. Assim, a culpa estaria mais associada à violação de intenções sustentadas numa motivação autónoma, enquanto a vergonha seria o sentimento predominante perante comportamentos sentidos como violadores de uma decisão fundamentada numa motivação mais controlada (Moreira et al., 2010).

Outro modelo bastante influente quanto às motivações subjacentes à infidelidade é o proposto por Brown (2001a, 2001b). Baseado em dados clínicos, este modelo considera que a infidelidade tem objetivos pessoais e relacionais específicos, que podem ser de diferentes tipos, nem todos eles óbvios e nem todos necessariamente contrários à manutenção da relação primária (ver Quadro 4).

Assim, tendo por base a literatura (Barta & Kiene, 2005; Brown, 2001a, 2001b; Gillath, Mikulincer, Birnbaum & Shaver, 2008; Nelson, Li, Eckstein, Mullener, 2008; Viegas & Moreira, 2010) e a constatação das insuficiências no modo como a infidelidade tem vindo a ser avaliada, assim como da importância de fatores pessoais e motivacionais na ocorrência de infidelidade, foi elaborado o Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-Relacionais (QMCER), com o objetivo de caracterizar, de forma mais completa do que vem sendo habitual, múltiplos aspetos como comportamentos, motivações e contextos da ocorrência de infidelidade. Este instrumento é composto por diversas secções, cada uma delas com objetivos e conteúdos específicos:

Quadro 4

*Tipologia de Infidelidade (Brown, 2001a, 2001b)*

Tipos de infidelidade	Motivação	Caraterísticas	Probabilidade de divórcio
Evitador de conflito	Obter a atenção do parceiro.	Casais tidos como modelo, que se sacrificam pela relação e evitam o conflito e a expressão de insatisfação.	Baixa
Evitador de intimidade	Expressar a sua individualidade.	Dificuldades de aceitação da interdependência que ocorre na relação; medo da intimidade.	Baixa
Dependência sexual	Preencher um vazio emocional ou dor.	Affair como forma de conquista e de poder; procura por alguém que preencha a fantasia de amor total.	Baixa
Eu dividido	Tentativa de vivenciar uma individualidade emocional que terá sido negada em prol de fazer o correto.	Relação primária produzirá uma sensação de vazio; tipicamente mais usual nos homens, mas nos últimos anos há mais mulheres a envolverem-se neste tipo de afeto.	Média
Affair terminal	Fugir à responsabilidade pelo final da relação primária.	Ocorre geralmente após a tomada de decisão de terminar a relação primária.	Muito alta

Secção A - É perguntado ao indivíduo se está, no momento da resposta, envolvido numa relação amorosa com compromisso de exclusividade. O objetivo desta secção e da seguinte é apenas o de, quando utilizadas num contexto de investigação, direcionar os

respondentes para as secções relevantes e excluí-los de outras. Caso o respondente responda afirmativamente nesta secção, é enviado de imediato para a secção C.

Secção B - É perguntado ao indivíduo se já esteve, anteriormente, envolvido numa relação amorosa com compromisso de exclusividade. Se a resposta for “Sim” o participante seguirá para a secção C; caso responda “Não” é encaminhado para a secção D.

Secção C - São apresentados diversos comportamentos, com o intuito de avaliar se o sujeito realizou alguns deles com pessoas que não o seu parceiro, numa altura em que estava envolvido numa relação amorosa com compromisso de exclusividade, quer seja a atual, ou uma relação passada. Procurou-se, na elaboração desta secção, incluir uma variedade de comportamentos concretos e específicos, passíveis de ocorrer numa situação de infidelidade e que representassem diferentes tipos e graus de envolvimento físico, emocional e sexual. Também era avaliado, caso o comportamento tivesse ocorrido, em que período de tempo tal tinha acontecido e se o participante o considerava como uma infidelidade. Os itens (ver exemplos na secção do Método) eram respondidos de acordo com o seguinte esquema: (a) “Não aconteceu”/ (b) “Aconteceu”. “Caso este comportamento tenha ocorrido assinale todas as que se apliquem”: I - “Aconteceu no último ano” / II - “Aconteceu entre 1 e 5 anos” / III - “Aconteceu há mais de 5 anos” / IV - “Considero que foi uma infidelidade” / V - “Considero que não foi uma infidelidade.”

Secção D - São apresentados de modo hipotético os mesmos itens da secção C. Esta secção destina-se apenas aos indivíduos que responderam nunca ter estado envolvidos numa relação amorosa com compromisso de exclusividade. Para todos os outros esta secção é omitida.

Secção E - Pretende avaliar diversos aspetos da prática de comportamentos extra-relacionais (e.g., motivações, conhecimento por parte do parceiro). Procurou-se incluir nesta secção itens derivados dos possíveis mecanismos postulados pelas teorias discutidas anteriormente como potencialmente explicativas dos comportamentos de infidelidade, bem como outros aspetos relevantes para a caracterização da situação (e.g., conhecimento por parte do parceiro). A lista dos itens desta secção é apresentada no Quadro 2. Esta apenas é respondida pelos indivíduos que indicaram, na secção C, que tinham tido comportamentos extra-relacionais e que os tinham considerado como infidelidade.

F - Pretende avaliar as diferentes motivações para o não envolvimento em comportamentos extra-relacionais, ou seja, as motivações para a fidelidade. Item exemplo: “Tenho medo das consequências para a nossa relação”. A escala vai de 1, “nada verdadeira” a 7, “completamente verdadeira”. É preenchida por todos os participantes.

No estudo descrito neste artigo, a versão inicial do QMCER foi aplicada a uma amostra de participantes portugueses de ambos os sexos, juntamente com um conjunto de outros instrumentos, por forma a avaliar as suas qualidades psicométricas. Dado que se trata daquela a respeito da qual haveria mais incógnitas quanto à sua estrutura e validade, será dado especial destaque à secção E, que procura avaliar as distintas variedades do fenómeno da infidelidade.

### **Método**

#### **Participantes**

Participaram neste estudo 545 indivíduos, 149 homens (35%) e 396 mulheres (65%). Serão apresentados apenas os dados descritivos dos participantes que admitiram

ter tido algum comportamento de infidelidade, pois só esses responderam à secção E do questionário QMCER. Além disso, mesmo os participantes que responderam a todos os itens da secção E podem não ter respondido a todos os itens dos outros instrumentos, pelo que o número de sujeitos poderá ser algo inferior em algumas análises.

Responderam à secção E do QMCER 156 participantes, 54 homens (35%) e 102 mulheres (65%). A média de idades foi de 32,99 anos ( $DP = 11,42$ ), compreendidas entre os 18 e os 70 anos. No que concerne à escolaridade, 71% possuíam habilitações ao nível do ensino superior e 26% do ensino secundário. Somente dois participantes tinham escolaridade até 6 anos. Havia 24% de sujeitos casados, 1% estavam noivos, 15% viviam em união estável, 21% estavam numa relação de namoro, 32% não estavam envolvidos em nenhuma relação e 4% estavam divorciados ou separados. A duração média da relação foi de 8,71 anos ( $DP = 7,47$ ). Uma percentagem elevada (71%) declarou não ter tido casamentos ou uniões anteriores, 18% terá tido uma relação ou união anterior. No que diz respeito à classe socioeconómica atual, 57% considerou-se inserido na classe média, 15% na classe média alta e 24% na classe média baixa, sendo as respostas semelhantes quando perguntado acerca da classe socioeconómica em que cresceram. Os católicos eram 50%, enquanto 40% afirmaram não ter nenhuma religião. Quanto ao grau de religiosidade, 82% situavam-se entre o nada religioso e um nível moderado de religiosidade. Dentro da orientação política, 60% dos participantes considerava-se de direita, 17% ligeiramente à direita, 17% de centro e 6% de esquerda.

### **Instrumentos**

**Infidelidade.** Foi utilizado o “Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra- Relacionais” (QMCER), desenvolvido no âmbito deste estudo. As secções que compõem este instrumento já foram atrás descritas. Descreve-se aqui o

desenvolvimento psicométrico das principais secções, com exceção da secção E que, por ser o foco deste estudo, terá a sua análise fatorial apresentada na secção de Resultados.

Optou-se por agregar, na análise, as secções C e D, dado que o número de sujeitos que responderam à secção D era muito reduzido e a análise apenas da secção C fornecia resultados praticamente idênticos. Na presente análise apenas se considerou, para cada item (10 no total), a resposta do participante acerca de se o comportamento em causa tinha ocorrido ou não, num momento em que o participante estava envolvido numa relação de casal com compromisso de exclusividade. Foi efetuada uma análise em componentes principais dos itens destas secções, utilizando o *scree plot* (Moreira, 2004) como critério para a determinação do número de fatores e uma rotação do tipo Varimax.

Os três fatores encontrados pareciam estar associados ao envolvimento físico (Fator 1; item exemplo: “Manter relações sexuais com outra pessoa”), ao envolvimento afetivo (Fator 2: “Dizer ‘amo-te’ a outra pessoa”) e ao desejo sexual (Fator 3: “Sentir-se sexualmente atraído por outra pessoa”). Foram derivadas destes fatores escalas compostas pelos itens com saturações superiores a .50 na matriz após rotação. A escala de Envolvimento Físico, composta por 4 itens, obteve um alfa de Cronbach de .88, a de Envolvimento Afetivo, também com 4 itens, um alfa de .78 e a de Desejo Sexual, com 2 itens, um alfa de .81.

Relativamente à Secção F (composta por 13 itens), a análise em componentes principais, realizada de modo semelhante ao acima descrito, conduziu à identificação de quatro fatores. O Fator 1 parece corresponder à motivação intrínseca para o não envolvimento extra-relacional (item exemplo, “Amar o seu parceiro”), o Fator 2 à motivação introjectada (“Condenar a traição”), o Fator 3 à motivação extrínseca (“Ter medo de ser descoberto”), e o Fator 4 à ausência de motivação ou desejo para o

envolvimento extra-relacional (“Não conhecer ninguém que lhe desperte interesse”). A escala de Motivação Intrínseca (3 itens) obteve um alfa de Cronbach de .83, a de Motivação Introjectada (4 itens) de .97, a Motivação Extrínseca (3 itens) de .70 e a de Ausência de Motivação ou Desejo (2 itens) de .50. Apesar do valor insuficiente do coeficiente alfa de Cronbach para o último fator, optámos por mantê-lo, dado que corresponde a uma dimensão frequentemente encontrada em análises fatoriais de questionários de motivação e poderá ser alvo de futuros desenvolvimentos, com a adição de novos itens que aumentem a sua precisão. Cada item é avaliado numa escala que vai de 1, “nada verdadeira” a 7, “completamente verdadeira”.

**Atitudes em relação à Infidelidade.** Foi utilizada a Escala de Atitudes em Relação à Infidelidade desenvolvida por Afonso (2011), a qual pretende avaliar as atitudes negativas vs positivas dos indivíduos face à infidelidade. Efetuou-se uma reanálise dos dados do estudo de Afonso (2011), tendo sido seleccionados os 4 itens com maior saturação, por forma a obter uma versão breve da escala (exemplo de item: “A infidelidade é um modo de vida normal que não tem nada de reprovável”). É pedido aos participantes que indiquem o seu grau de concordância com as frases, numa escala de 1, “discordo fortemente” a 5, “concordo fortemente”. O alfa de Cronbach obtido foi de .73.

**Satisfação Conjugal.** Foi utilizada uma versão reduzida da *Relationship Rating Form* (RRF), versão portuguesa de Wolfgang Lind (Moreira et al., 2006), com os 33 itens mais representativos dos fatores identificados nesta versão. Neste questionário, é pedido aos sujeitos que classifiquem cada um dos itens numa escala de 1, “nada” a 9, “completamente ou extremamente”. Optou-se pela realização de uma análise em componentes principais para confirmar a estrutura fatorial da escala, utilizando as mesmas técnicas já descritas anteriormente. Assim, podemos dizer que o Fator 1

corresponde à Confiança (item exemplo: “Esta pessoa pode contar consigo para o ajudar quando precisar?”), o Fator 2 à Paixão (item exemplo: “Dá-lhe prazer, só de observar ou olhar para esta pessoa?”) e o Fator 3 ao Conflito (item exemplo: “Você briga e discute com esta pessoa?”) No presente estudo, o alfa obtido foi de .94 na escala de Confiança, de .93 na escala de Paixão e de .89 na escala de Conflito. Cada escala era constituída por 9 itens.

**Estilo de Vinculação Adulta.** O questionário “Experiências em Relações Próximas” é a versão portuguesa do “*Experiences in Close Relationships*” (Brennan, Clark & Shaver, 1998), traduzido e adaptado por Moreira et al. (2006). Procura avaliar as duas dimensões básicas das diferenças individuais no estilo de vinculação dos adultos: a Evitação e a Preocupação. A forma reduzida utilizada neste estudo é composta por 12 itens, com uma escala de avaliação de 1, “discordo totalmente a 7, “concordo fortemente”, dos quais 6 medem a Evitação (item exemplo: “Não me sinto confortável ao ‘abrir-me’ com o meu parceiro/a”) e 6 a Preocupação (item exemplo: “Fico ressentido/a quando o meu parceiro/a passa tempo longe de mim”). Foi efetuada uma análise em componentes principais ao nível dos itens, que confirmou a sua distribuição pelos dois fatores, tendo a escala de Evitação obtido um alfa de .75 e a de Preocupação um alfa de .78.

**Estratégias Sexuais.** O Questionário de Estratégias Sexuais (QES), desenvolvido por Moreira (2009), é constituído por um total de 12 itens, divididos por duas escalas que pretendem medir a utilização das estratégias de longo prazo e da estratégia a curto prazo. Em função dos resultados obtidos em versões anteriores, foi decidido elaborar uma nova versão do QES, que se distingue da anterior por separar as referências à dedicação ao companheiro/a e aos filhos em itens diferentes. Assim, o QES-II ficou constituído por 13 itens, que pretendem medir a utilização de estratégias a

curto e de longo prazo, sendo que na segunda se procura agora diferenciar entre o investimento no companheiro/a e nos filhos. Os sujeitos deverão indicar o grau em que cada um dos itens corresponde aos seus comportamentos, sentimentos e atitudes, através de uma escala de Likert de 1, “Não tem a ver comigo a 7, “ tem totalmente a ver comigo”.

Uma análise em componentes principais permitiu a identificação de 3 fatores. Podemos dizer que o Fator 1 (5 itens) corresponde à estratégia a curto prazo (item exemplo: “Sou infiel por natureza”), o Fator 2 (5 itens) à estratégia a longo prazo com investimento no parceiro (item exemplo: “Quero que o meu marido/esposa ou companheiro/a seja o aspecto central da minha vida”) e o Fator 3 (3 itens) à estratégia a longo prazo com investimento nos filhos (item exemplo: “Tenho a intenção de investir muito tempo e esforço na relação com os meus filhos”). Refira-se que os itens 7 e 11, ambos referentes à família em geral, saturaram predominantemente no fator correspondente à estratégia a longo prazo com investimento no parceiro. O alfa obtido foi de .84 para a escala Estratégia a Curto Prazo; de .77 para a Estratégia a Longo Prazo com Investimento no Parceiro e de .78 para a Estratégia a Longo Prazo com Investimento nos Filhos.

**Orientação Sociosexual.** O Inventário de Orientação Sociosexual (IOSS; Simpson & Gangestad, 1991) foi construído tendo como objetivo fornecer uma medida global da predisposição dos indivíduos para se envolverem em relações sexuais casuais, sem compromisso. A versão portuguesa utilizada neste estudo foi elaborada pela equipa que recolheu em Portugal os dados para o *International Sexuality Description Study* (Moreira, Mata, Veríssimo, Mata & Moreira, 2003). É composto por sete itens, dos quais quatro se referem a comportamentos sexuais envolvendo diferentes parceiros: dois referem-se a comportamentos passados, um a expectativas de comportamentos futuros,

e outro a fantasias sexuais. Os restantes três itens referem-se a atitudes relativas ao sexo casual. A análise em componentes principais (seguindo o procedimento já descrito) permitiu verificar que os itens relativos a comportamentos e os relativos a atitudes se separavam claramente em dois fatores distintos.

Em virtude dos diferentes formatos de resposta, foi necessário proceder à padronização dos itens para se poder efetuar o cálculo do alfa de Cronbach. Neste cálculo, verificou-se que os itens referentes a expectativas de comportamentos futuros e a fantasias eram indicadores fracos do fator de Comportamentos, fazendo a sua eliminação subir o valor do coeficiente alfa, que foi de .88 para a escala de Comportamentos e de .80 para a Escala de Atitudes.

### **Procedimento**

Os dados foram recolhidos na Internet, tendo os questionários sido divulgados nas redes sociais, em *sites* e blogues na área da psicologia, seguindo depois por amostragem “bola de neve” (Maroco, 2007). A participação dos sujeitos foi voluntária, tendo os mesmos sido informados do teor dos questionários a preencher, duração prevista da participação, confidencialidade dos dados e obrigatoriedade de ter 18 anos ou mais para poder participar. Era explicitado que, ao clicarem para prosseguir, davam o seu consentimento e garantiam que eram maiores de 18 anos.

A questão da confidencialidade assumiu particular importância, dada a temática em questão e os potenciais riscos para os participantes, pelo que foi garantido que as respostas aos questionários seriam confidenciais e que seria preservado o seu anonimato, não existindo forma de relacionar um participante com as respostas fornecidas. Em qualquer caso, a confidencialidade das respostas foi protegida por palavra-passe no serviço *Google Docs* durante a recolha de dados e estes foram eliminados do serviço logo que a recolha terminou, ficando apenas na posse da

investigadora e do orientador, protegidos por palavra-passe. A investigação teve a aprovação da Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

## Resultados

### Análise em Componentes Principais da Secção E do QMCER

Esta secção foi sujeita a uma análise semelhante à das secções C/D, apresentada aqui com maior detalhe, visto ser o foco deste artigo. O *scree plot* indicou neste caso sete fatores, sendo a lista dos itens com a respetiva saturação em cada fator na matriz rodada apresentada no Quadro 5.

Os fatores mostraram-se claramente interpretáveis (ver Quadro 6). O primeiro parece corresponder sobretudo ao aumento da autoestima como consequência do envolvimento extra-relacional, como se pode ver pelo conteúdo dos itens 9 e 35, que apresentam as saturações mais elevadas. O segundo, pelo contrário, foca-se numa causa da infidelidade, nomeadamente a falta de satisfação na relação primária.

O terceiro fator volta a focar a relação primária, mas agora em termos das consequências da infidelidade. Neste fator predominam, então, os itens que referem um envolvimento afetivo com o parceiro secundário (item 18), que tende a substituir neste aspeto o parceiro primário (item 3), levando à deterioração da relação com este (item 50) e ao seu eventual término (item 29), sendo que a intenção de trocar o parceiro primário pelo secundário parece ter estado presente desde cedo nesse novo envolvimento (item 27). Assim, este fator parece poder ser associado ao tipo de infidelidade terminal proposto por Brown (2001a, 2001b).

## Quadro 5

*Matriz de Saturações Após Rotação dos Itens da Secção E do QMCER*

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
1. A minha relação não se alterou após a situação de infidelidade	.27	.06	-.45	-.29	.19	.06	.08
2. O meu parceiro suspeitou desse envolvimento	.22	.01	.16	<b>.66</b>	.02	-.01	-.06
3. Envolvi-me com outra pessoa porque deixei de amar o meu parceiro	.12	.31	<b>.73</b>	.11	.00	.07	.04
4. Quando penso nesse envolvimento sinto-me culpado	-.22	.15	.04	.29	.38	-.20	.13
5. Eu e o meu parceiro evitamos assuntos complicados e detestamos discutir	.13	.36	.16	-.14	.17	-.05	.00
6. Envolvi-me com outra pessoa porque estava insatisfeito com a minha relação	.31	<b>.69</b>	.35	.07	-.02	.09	-.06
7. Envolvi-me com outra pessoa para poder passar menos tempo em casa	.20	.32	.10	-.03	.07	-.01	<b>.51</b>
8. Sentia-me amarrado ao meu parceiro	.11	.38	.03	-.12	.16	.34	.21
9. Quando penso no meu envolvimento extra-relacional sinto-me atraente e sedutor	<b>.83</b>	.14	-.08	.09	-.14	.04	.13
10. O meu parceiro soube desse envolvimento porque encontrou provas (sms, mail, cabelos, perfume)	.24	.00	.17	<b>.60</b>	-.16	-.02	-.04

(Quadro continua)

Quadro 5 (continuação)

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
11. Tenho conhecimento de situações de infidelidade do meu pai	-.12	.33	-.15	-.09	-.04	.26	.08
12. Envolvi-me com outra pessoa porque houve pessoas que me influenciaram nesse sentido	.13	.28	.00	.36	.08	-.15	.01
13. Envolvi-me com outra pessoa porque estava desiludido com o meu parceiro	.21	<b>.80</b>	.17	.20	-.05	.09	-.11
14. Envolvi-me com outra pessoa porque me senti sozinho	.28	<b>.63</b>	.06	-.01	.13	.08	.04
15. Os nossos amigos consideram a nossa relação como um modelo	.08	.01	-.10	-.09	.46	-.35	-.18
16. A minha relação melhorou após a situação de infidelidade	.46	.22	-.39	.10	.24	-.15	-.18
17. Eu e o meu parceiro discutimos muito e de modo aceso	.02	.12	.07	.11	.03	<b>.76</b>	-.06
18. Envolvi-me com outra pessoa porque me apaixonei	.18	.25	<b>.60</b>	.06	.26	.10	-.27
19. O envolvimento extra-relacional que mantive foi só uma fase passageira	.03	.07	-.48	.21	.47	.15	.15
20. Estava farto de tentar que o meu casamento funcionasse	.11	<b>.59</b>	.25	.18	-.04	.23	-.01
21. O jogo de sedução é tão ou mais importante que o envolvimento físico em si	.44	.16	-.17	.01	.13	.12	-.30

(Quadro continua)

Quadro 5 (continuação)

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
22. Envolvi-me com outra pessoa porque ela era muito atraente	<b>.51</b>	-.09	.12	.11	.35	.36	.12
23. Envolvi-me com outra pessoa porque estava com raiva do meu parceiro	.07	<b>.72</b>	-.08	.26	.04	-.04	.17
24. Envolvi-me com outra pessoa para melhorar a minha imagem junto de pessoas que conheço	.09	.35	.07	.43	-.06	-.23	.03
25. O meu parceiro também se envolveu com outra pessoa	.04	.24	-.06	.36	-.11	.25	.04
26. Envolvi-me com outra pessoa porque estava cansado da rotina da minha relação	<b>.51</b>	.41	.14	.04	.12	.15	.02
27. Mantive uma relação com outra pessoa com a intenção de vir a ficar com ela exclusivamente	.09	.12	<b>.76</b>	.04	.04	.06	-.04
28. Este envolvimento foi sobretudo vontade de estar com outra pessoa que me fizesse sentir bem	.47	.37	.28	-.09	.18	.15	-.05
29. O meu envolvimento com outra pessoa levou ao final da minha relação	-.18	.14	<b>.66</b>	.30	.01	.10	.17
30. Envolvi-me com outra pessoa porque não havia diálogo na minha relação	.15	.48	<b>.56</b>	.04	.07	.14	.03

(Quadro continua)

Quadro 5 (continuação)

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
31. O meu parceiro soube desse envolvimento porque nos viu	-.06	.14	-.01	.35	-.05	-.11	.34
32. O meu parceiro soube desse envolvimento porque lhe contei	-.21	-.06	.02	<b>.56</b>	.27	.21	-.08
33. Tenho conhecimento de situações de infidelidade da minha mãe	-.23	.14	-.14	.16	-.19	.08	.17
34. Envolvi-me com outra pessoa porque estava insatisfeito a nível sexual com a minha relação	.45	.35	.04	-.05	.12	-.11	.25
35. A minha auto-estima aumentou depois desse envolvimento	<b>.83</b>	.18	.14	.07	.01	-.10	.01
36. Envolvi-me com outra pessoa com o objectivo de terminar a relação com o meu parceiro	-.02	.43	.44	.00	.12	-.05	.17
37. O envolvimento aconteceu mais por iniciativa de outra pessoa do que minha	.10	.18	.10	.08	.43	-.01	-.12
38. Envolvi-me com outra pessoa pela aventura que esta representava	<b>.58</b>	.05	-.16	.04	.27	.06	.37
39. O meu parceiro soube desse envolvimento porque outra pessoa, que não eu, lhe contou	-.06	.13	.09	.39	.00	.04	.15
40. O meu parceiro soube desse envolvimento	.01	-.14	.03	<b>.79</b>	.24	.10	-.06
41. Quando penso nesse envolvimento sinto-me uma pessoa interessante	<b>.74</b>	.04	.05	-.09	.02	.04	.08

(Quadro continua)

Quadro 5 (continuação)

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
42. Envolvi-me com outra pessoa porque me sentia distante emocionalmente do meu parceiro	.21	<b>.61</b>	.27	.14	.18	.18	.08
43. Envolvi-me com outra pessoa porque a tentação foi demasiado forte	<b>.50</b>	.15	.10	.02	<b>.52</b>	.02	.21
44. Envolvi-me com outra pessoa porque precisava de uma novidade na minha vida	<b>.55</b>	.22	-.03	.06	.19	.06	.40
45. Envolvi-me com outra pessoa com o objectivo de manter as duas relações ao mesmo tempo	.40	.19	-.10	.12	.03	.00	.24
46. Já tive mais de 25 envolvimento extra-relacionais	.19	.01	.02	-.07	-.01	.02	<b>.64</b>
47. Este envolvimento foi sobretudo desejo sexual	.27	-.04	-.36	.05	.39	.12	.42
48. Quando me sinto sozinho e/ou em sofrimento procuro sexo para fugir à dor	.19	-.07	-.02	.11	.00	.20	<b>.65</b>
49. Envolvi-me com outra pessoa mesmo não querendo que isso acontecesse, mas foi mais forte do que eu	.11	.03	.15	.04	<b>.73</b>	.03	.17
50. A minha relação piorou depois da situação de infidelidade	-.19	.04	<b>.60</b>	.48	.20	.15	.10
51. Eu e o meu parceiro cumprimos tudo o que a família e os amigos esperavam de nós	.09	.06	-.16	-.10	.43	-.46	-.13

(Quadro continua)

Quadro 5 (continuação)

Itens	Fatores						
	1	2	3	4	5	6	7
52. Eu e o meu parceiro não discutimos, damo-nos bem	-.03	-.05	-.04	-.05	.20	<b>-.71</b>	.05
53. O meu parceiro é controlador e exigente	.08	.15	.08	-.11	.12	<b>.54</b>	.13
54. Envolvi-me com outra pessoa para melhorar a minha auto-estima	<b>.61</b>	.38	-.01	.10	-.05	-.15	.26

O quarto fator tem claramente a ver com o conhecimento da situação por parte do parceiro primário, agregando diversas formas de obtenção desse conhecimento. O quinto fator é sobretudo representado por dois itens que correspondem a fatores situacionais na origem da infidelidade (item 49 e, em menor grau, 43), em que o participante minimiza o seu envolvimento ativo na escolha desse caminho. Vários outros itens, ainda que com saturações inferiores, ajudam a perceber os contornos deste fator. A responsabilidade da situação é atribuída sobretudo à outra pessoa (item 37) e às suas características (item 22). O envolvimento na relação secundária é desvalorizado e circunscrito (item 19), com algum peso no aspeto exclusivamente sexual (item 47). Este envolvimento parece ser visto como contrário às inclinações do próprio, levando a sentimentos de culpa (item 4), para além de ser visto como discrepante em relação à imagem idealizada que a relação primária parece ter na rede social (itens 15 e 51).

O sexto fator foca-se, mais uma vez, na relação primária, mas agora em aspetos negativos, nomeadamente o conflito (itens 17 e 52) e em características negativas atribuídas ao parceiro (item 53), em vez da ausência dos aspetos positivos, como acontecia no Fator 2. Finalmente, o Fator 7 parece corresponder a um padrão de dependência sexual, não só pelo número elevado número de situações de envolvimento extra-relacional (item 46), como pela admissão de utilizar o sexo como estratégia de regulação emocional (item 48). Esta interpretação é apoiada também pela saturação relativamente elevada do item 47 e pela saturação negativa do item 21 (em contraste com o que acontece no Fator 1). Parece também existir, entretanto, um componente de desejo de afastamento em relação ao parceiro (item 7). Destes fatores foram derivadas, segundo o procedimento descrito para as secções C e D, escalas que, na maioria dos casos, apresentavam valores adequados do alfa de Cronbach (Quadro 3).

Quadro 6

*Alfas de Cronbach dos Fatores da Secção E do QMCER*

Interpretação do fator	Itens na escala	Alfa
1- Melhoria da auto-estima	09, 35, 38, 41, 44, 54	.92
2- Insatisfação com a relação primária	06, 13, 14, 20, 23, 42	.86
3- Affair terminal	03, 18, 27, 29, 50	.82
4- Conhecimento do parceiro	02, 10, 32, 40	.71
5- Tentação	43, 49	.70
6- Conflito na relação primária	17, 52, 53	.67
7- Dependência sexual	07, 46, 48	.59

Seria conveniente prever, em estudos futuros, a elaboração de novos itens para a avaliação dos quatro últimos fatores, visto que os alfas nestes casos são marginais ou fracos. Optou-se, ainda assim, por manter estes fatores, incluindo o Fator 7 (que apresenta um valor do alfa demasiado baixo), pela sua importância teórica e por se considerar que podem vir a ser desenvolvidos em estudos futuros.

Considerando sobretudo as previsões da psicologia evolutiva, a análise das diferenças entre sexos nas escalas desta secção revestia-se de especial interesse. O resultado global da comparação multivariada (MANOVA) foi significativo,  $F(7, 148) = 4.66, p < .005$ . O Quadro 4 apresenta os resultados por fator. Verificam-se diferenças significativas nos fatores de Insatisfação com a Relação Primária, *Affair* Terminal (em ambos os casos com médias mais altas entre as mulheres) e Dependência Sexual (com uma média mais alta entre os homens).

Quadro 7

*Diferenças entre Sexos nos Fatores da Secção E do QMCER*

Fatores	Masculino		Feminino		F(1, 154)	p
	M	DP	M	DP		
1- Melhoria da Autoestima	7.78	5.60	<b>7.17</b>	5.71	0.41	.52
2- Insatisf. com a Relação Primária	5.50	4.90	8.21	6.24	7.65	.01
3- <i>Affair</i> Terminal	3.76	4.09	5.45	5.05	4.49	.04
4- Conhecimento pelo Parceiro	4.07	4.29	4.21	4.08	0.04	.85
5- Tentação	3.72	2.22	3.46	2.32	0.46	.50
6- Conflito na Relação Primária	4.69	1.72	4.50	1.66	0.42	.52
7- Dependência Sexual	1.98	2.53	0.76	1.32	15.62	.00

Com o objetivo de medir a direção e a intensidade da associação linear ente os fatores identificados para o QMCER-E e as variáveis relativas aos outros instrumentos utilizados, efetuaram-se correlações de Pearson. Estas são apresentadas separadamente para homens e mulheres, visto que são bastante diferentes em alguns casos, como se pode observar nos Quadros 8 e 9.

## Quadro 8

*Correlações entre as Características da Infidelidade e outras Variáveis, para as Mulheres*

Instrumentos	Fatores						
	1 Auto- Estima	2 Insatisf. relação	3 Infidel. terminal	4 Conhecim. parceiro	5 Tentação	6 Conflito	7 Depend. sexual
Escala Atitudes Infidelidade	,30**	-,05	-,19	-,05	,07	-,06	,01
Evitação	,07	,11	,23*	-,15	,01	,03	,17
Preocupação	,07	,13	-,07	,03	,09	,08	,17
QES-Estratégia a curto prazo	,56**	,13	-,17	,05	,30**	,03	,43**
QES- Invest. no parceiro a longo prazo	-,15	-,03	-,30**	,00	-,06	-,02	-,21*
QES- Invest. parental a longo prazo	-,04	-,09	-,10	-,06	-,14	,01	-,30**
QMCER-F Fator 1- Motiv. autónoma	-,26**	-,12	-,09	,06	-,20*	-,11	-,16
QMCER-F Fator2 – Motiv. controlada	-,31**	-,07	,07	,18	-,04	,22*	,02

(Quadro continua)

Quadro 8 (continuação)

Instrumentos	Fatores						
	1 Auto- Estima	2 Insatisf. relação	3 Infidel. terminal	4 Conhecim. parceiro	5 Tentação	6 Conflito	7 Depend. sexual
QMCER-F Fator 3- Motiv. extrínseca	,18	,31**	,09	,14	,22*	-,01	-,01
QMCER-F Fator 4- Ausência de motiv.	,07	,04	,04	,15	-,03	-,00	-,11
RRF- Fator 1- Confiança	-,14	-,20*	-,33**	-,03	-,15	-,01	-,15
RRF- Fator 2- Paixão	-,22*	-,20	-,01	,05	-,07	-,02	-,01
RRF- Fator 3- Conflito	,21*	,23*	,03	-,12	,15	,25*	,27*
IOS Fator-1- Comportamento sexual	,00	,01	,17	,09	,14	,04	,63**
IOS Fator 2- Atit. face ao sexo casual	,30**	,04	,01	,10	,20*	,10	,35**
QMCER-CD Fator 1- Envolv. sexual	,40**	,42**	,15	,01	,37**	,01	,12
QMCER-CD Fator 2- Envolv. afetivo	,25*	,40**	,47**	,07	,26**	,10	-,03
QMCER-CD Fator 3- Desejo sexual	,41**	,39**	,26**	,022	,43**	,11	,19

## Quadro 9

*Correlações entre as Características da Infidelidade e outras Variáveis, para os Homens*

Instrumentos	Fatores						
	1 Auto- Estima	2 Insatisf. relação	3 Infidel. terminal	4 Conhecim. parceiro	5 Tentação	6 Conflito	7 Depend. sexual
Escala Atitudes Infidelidade	,36**	,09	-,18	-,34*	,25	,23	,18
Evitação	,30*	,33*	,29*	-,20	-,03	,29*	,34*
Preocupação	-,07	,20	,25	,24	,20	,38**	,08
QES-Estratégia a curto prazo	,74**	,07	-,10	-,32*	,43**	,23	,39**
QES- Invest. no parceiro a longo prazo	-,31*	-,37**	-,32*	,06	,01	-,30*	-,15
QES- Invest. parental a longo prazo	-,24	,04	,13	,14	-,04	,02	-,12
QMCER-F Fator 1- Motiv. autónoma	-,29*	,00	,29*	,29*	-,05	-,11	,01
QMCER-F Fator2 – Motiv. controlada	-,34*	-,02	,20	,33*	-,17	-,19	-,02
QMCER-F Factor 3- Motiv. extrínseca	,16	,06	,07	-,05	,37**	,24	,13

(Quadro continua)

Quadro 9 (continuação)

Instrumentos	Fatores						
	1 Auto- Estima	2 Insatisf. relação	3 Infidel. terminal	4 Conhecim. parceiro	5 Tentação	6 Conflito	7 Depend. sexual
QMCER-F Fator 4- Ausência de motiv.	,00	,01	,28*	,21	,11	,05	,01
RRF- Fator 1- Confiança	,01	-,38**	-,12	-,06	,13	-,27*	-,11
RRF- Fator 2- Paixão	-,08	-,35**	-,21	-,06	,11	-,09	,02
RRF- Fator 3- Conflito	,27*	,51**	,31*	,04	,11	,37**	,32*
IOS Fator-1- Comportamento sexual	,39**	,40**	,17	-,09	,27	,20	,54**
IOS Fator 2- Atit. face ao sexo casual	,55**	-,05	-,04	-,01	,22	,00	,05
QMCER-CD Fator 1- Envolv. sexual	,69**	,20	,40	-,04	,49**	,12	,22
QMCER-CD Fator 2- Envolv. afetivo	,25	,05	,31*	,03	,31*	,05	,04
QMCER-CD Fator 3- Desejo sexual	,30*	,17	-,02	-,09	,27*	,26	,14

Nota. \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$

O Fator 1, Melhoria da Auto-Estima, surgiu mais fortemente associado ao envolvimento sexual e à estratégia a curto prazo e não tanto ao envolvimento afetivo, como poderíamos prever. Tal verificou-se nas mulheres e nos homens, apesar de o efeito ser mais forte nos homens. Não se verificou a associação esperada com o estilo de vinculação preocupado, para nenhum dos sexos.

O Fator 2, Insatisfação com a Relação Primária, nas mulheres parece estar associado à motivação extrínseca para a fidelidade e aos três níveis de envolvimento (sexual, emocional e desejo), enquanto nos homens surgiram associações com a existência de conflito e a falta de paixão e confiança na relação primária, assim como com o estilo evitante e um menor nível de investimento a longo prazo no parceiro.

O Fator 3, Infidelidade Terminal, obteve nos homens resultados muito semelhantes aos do Fator 2, sendo o conflito a variável com associação mais elevada. Nas mulheres foi possível constatar associações com a falta de confiança na relação e o envolvimento afetivo, assim como um menor investimento a longo prazo no parceiro.

O Fator 4, Conhecimento do Parceiro, não apresentou nenhuma associação relevante, no que concerne às mulheres, sendo que para os homens surgiu associado a uma atitude negativa face à infidelidade e também de modo negativo à estratégia a curto prazo. Verificou-se também uma associação com a motivação controlada para a fidelidade.

O Fator 5, Tentação, apresentou associações com a estratégia a curto prazo, o envolvimento sexual e o desejo sexual, sendo esta a associação mais forte para as mulheres, que poderão sentir mais barreiras à tentação. Verificaram-se também associações com a motivação extrínseca para a fidelidade.

O Fator 6, Conflito, surgiu associado, tal como seria de esperar, ao conflito na relação. Nas mulheres, verificou-se também uma associação com a motivação controlada para a fidelidade e, nos homens, com o estilo preocupado.

O Fator 7, Dependência Sexual, parece mais associado ao comportamento sexual no passado do que ao grau de envolvimento na relação de infidelidade, verificando-se associações com o comportamento sexual e a estratégia a curto prazo. Nas mulheres, verificaram-se também associações com um menor investimento parental a longo prazo e com as atitudes em relação ao sexo casual.

### **Discussão**

Os resultados deste estudo mostram que o nosso objetivo de construir um instrumento de avaliação psicológica capaz de medir diferentes facetas dos comportamentos de envolvimento extra-relacional foi em larga medida atingido. Sem prejuízo da necessidade de novos estudos e novos desenvolvimentos do QMCER, importa fazer uma súmula do que foi conseguido.

Assim, na secção C/D, para além de terem sido derivadas escalas com alfas de Cronbach bastante elevados para as duas principais facetas do envolvimento extra-relacional mencionadas em estudos anteriores, que assim ganham um reforçado fundamento, foi possível individualizar um novo fator, ausente até agora da literatura e referente ao desejo sexual independente da sua prossecução em termos comportamentais. Na secção F, foi derivada uma estrutura para os fatores ligados à motivação positiva para a fidelidade, algo que até agora, e tanto quanto é do nosso conhecimento, estava também ausente da literatura. A estrutura encontrada parece aproximar-se da que é proposta, nomeadamente, pela teoria da auto-determinação (Deci

& Ryan, 2008), algo que já tinha sido encontrado no estudo de Afonso (2011) com este mesmo instrumento.

Não obstante estes importantes ganhos, assim como os resultados relevantes obtidos com outros instrumentos utilizados no estudo, importa salientar aqueles que resultaram da secção E do QMCER e nomeadamente da sua análise fatorial. Assim, começamos por salientar alguns aspetos relevantes dos fatores encontrados. O Fator 1, Melhoria da Auto-Estima, corresponde a um tipo de motivação frequentemente apontado no senso comum. Porém, e contrariamente ao que tem sido evidenciado por alguns autores (Birnbaum, Reis, Mikulincer, Gillath & Orpaz, 2006; Birnbaum, Simpson, Weisberg, Barnea & Assulin-Simhon, 2012), não surgiu associado ao estilo de vinculação ansioso. Pensamos que tal pode estar relacionado com o fato de a melhoria de auto-estima surgir aqui, sobretudo, como consequência e não como causa da infidelidade (ver itens 9 e 35, que tiveram as saturações mais elevadas). Além disso, esta melhoria parece prender-se com uma questão de atratividade física/sexual e com a capacidade de sedução, e não com a obtenção de proximidade emocional, mais característica do estilo ansioso/preocupado.

O Fator 2, Insatisfação com a Relação Primária, parece prender-se com níveis baixos de interações positivas como causa para a infidelidade, podendo ser associado a uma motivação mais emocional (Wilson, Mattingly, Clark, Weidler & Bequette, 2011). A insatisfação com a relação tem vindo a ser descrita pela literatura como uma das principais causas de infidelidade, sobretudo entre as mulheres (Carneiro, et al., 2011; Nath, 2011). Os nossos resultados confirmam esta previsão, indicando que este tipo de motivação é significativamente mais elevado entre as mulheres, mas vão para além dela, ao mostrarem que, entre as mulheres mas não entre os homens, este fator está significativamente associado a um maior envolvimento nos comportamentos extra-

relacionais. Uma possibilidade a considerar seria a de este fator estar associado ao tipo de infidelidade designada por Brown (2001a, 2001b) como “eu dividido”. A afirmação daquela autora de que este tipo parece estar a tornar-se mais comum entre as mulheres é coerente com a diferença de género encontrada.

O Fator 3, por seu turno, parece poder ser claramente associado ao tipo de Infidelidade Terminal proposto por Brown (2001a, 2001b). O facto de surgir com uma média mais elevada entre as mulheres é coerente com a ideia da psicologia evolutiva de que os homens terão mais vantagem em manter uma multiplicidade de relações, sobretudo com envolvimento sexual, enquanto, nas mulheres, a infidelidade poderá estar mais frequentemente ligada a um objetivo de troca de parceiro. Esta interpretação é apoiada pelas correlações que se verificaram, para as mulheres, entre este fator e o envolvimento extra-relacional afetivo, mas não com o sexual. Pelo contrário, nos homens, este fator apresenta correlações sobretudo com aspetos negativos da relação primária. Neste sentido, parece que, para as mulheres, será sobretudo o envolvimento emocional com o novo parceiro que conduz ao rompimento da relação primária, enquanto os homens terão maior propensão para tal se não estiverem satisfeitos com essa relação. Tal confirmará a ideia de que as mulheres valorizarão mais aspetos emocionais e interpessoais, enquanto os homens darão maior ênfase à satisfação das suas necessidades individuais (Birnbaum, 2007).

O Conhecimento da Infidelidade pelo Parceiro (Fator 4) parece conter em si, no caso dos homens, um aspeto protetor da relação primária, uma vez que está associado a uma atitude negativa face à infidelidade e apresenta uma associação também negativa com a estratégia a curto prazo. Assim, o conhecimento da infidelidade por parte da parceira pode ser um indicador que a troca desta por outra não é o principal objetivo. Este resultado pode refletir não só a ideia de que mesmo os homens que condenam a

traição se envolvem em comportamentos extra-relacionais (Foster & Misra, 2013), como também a de que, nos homens mais do que as mulheres, o objetivo é o da manutenção simultânea das duas relações.

A Tentação (Fator 5) parece remeter sobretudo para uma motivação sexual relacionada com o contexto, mais do que com um sentimento de afastamento relativamente ao parceiro, contrariamente ao que se verifica com a Melhoria de Auto-Estima (Fator 1). Por outro lado, o facto de, nas mulheres, a associação entre a tentação e o desejo sexual ser mais forte do que entre a tentação e o envolvimento sexual, parece reforçar a ideia de que as mulheres têm uma menor probabilidade do que os homens de traduzir as suas motivações sexuais em comportamentos explícitos (Hackathorn, Mattingly, Clark e Mattingly, 2011). Outra possibilidade a considerar é a de o desejo sexual, sendo um impulso centrípeto, onde a realização da fantasia aniquilaria o desejo (Arent, 2009), acabar por funcionar como protetor da relação primária. Em qualquer caso, é provável que a diferença entre géneros nos correlatos deste fator reflita o preconceito e os tabus que ainda persistem sobre a sexualidade feminina, existindo mais barreiras para um envolvimento físico com outra pessoa fora da relação primária.

O Conflito (Fator 6), como seria de prever, surge associado à presença de conflito na relação primária. Curiosamente, as principais associações deste fator verificam-se para os homens, particularmente com o estilo de vinculação preocupado e a falta de confiança na parceira. Tal parece ir ao encontro das conclusões de Goldenberg (2013), que refere a perceção de falta de compreensão por parte das parceiras como uma das principais queixas dos homens.

A Dependência Sexual (Fator 7) surge sobretudo associada a um comportamento sexual compulsivo e à existência de vários parceiros. Assim, poderá ser associado ao tipo de infidelidade sugerido por Brown (2001a; 2001b) com essa designação. Não

sendo de surpreender a sua associação, em ambos os sexos, com a estratégia sexual a curto prazo, verificam-se, nas mulheres, correlações significativas, no sentido negativo, com as estratégias a longo prazo, sugerindo que este fator, nas mulheres, corresponde em maior grau a uma estratégia reprodutiva generalizada, possivelmente ligada à adaptação a um meio social percebido como não oferecendo estabilidade relacional. Nos homens, este efeito não atinge a significância estatística, possivelmente devido a uma propensão para utilizar em simultâneo as estratégias a curto e a longo prazo. Por outro lado, nos homens, este fator surge antes associado a um estilo de vinculação evitante, o que possivelmente estará relacionado com uma tendência, por parte dos homens, a encararem o envolvimento sexual e o envolvimento emocional como estando em oposição. Deste modo, uma menor predisposição para o envolvimento emocional, característica do estilo evitante, estaria relacionada com uma maior predisposição para o envolvimento sexual.

Um dos objetivos deste estudo era o de explorar as eventuais associações entre os fatores da secção E do QMCER e a tipologia de infidelidade de Brown (2001a, 2001b). Os resultados neste aspeto são algo ambíguos. Se para alguns tipos, que mais diretamente se associam a certos comportamentos, se conseguiu fazer de forma clara essa associação (*affair* terminal e dependência sexual), para outros a questão é bem mais complexa. Já mencionámos a possibilidade de associar o tipo designado por “eu dividido” ao Fator 2, ligado à Insatisfação com a Relação Primária. Seria possível igualmente associar o Fator 6 (Conflito na relação primária) ao tipo “evitador de intimidade”, mas o fato de não apresentar correlações claras com o estilo de vinculação evitante, que se caracteriza justamente por este tipo de atitude, joga contra essa possibilidade. Outra hipótese a considerar seria a de que o Fator 5 (Tentação) estivesse relacionado com o tipo designado por Brown como “evitador de conflito”. A presença

de associações com a imagem social positiva da relação primária (itens 15 e 51), e as correlações positivas, ainda que não significativas, com a satisfação com a relação primária apoiam esta interpretação. Estas eventuais associações, bem como outros aspetos da utilidade do modelo de Brown (2001a, 2001b) deverão ser melhor avaliadas em estudos futuros.

É importante reconhecer algumas limitações desta investigação, nomeadamente a discrepância entre o número de mulheres e de homens e a pequena dimensão da amostra que respondeu à secção E, o que impede a generalização dos resultados. A elevada escolaridade da amostra também poderá ter influenciado os resultados, dado que há investigações que comprovam que esta variável tem influência nas práticas sexuais e no número de parceiros das mulheres (Alvarez & Nogueira, 2008), assim como no maior número de oportunidades para o envolvimento em relações extra-conjugais (Rodrigues, Oliveira, Romero & Oliveira, 2009). O facto de termos utilizado exclusivamente instrumentos de auto-relato também pode ter causado enviesamentos nos resultados, podendo ter conduzido a um decréscimo dos comportamentos de infidelidade assinalados, fruto da desaprovação generalizada que vigora em relação à infidelidade. A utilização apenas de métodos quantitativos também podem ter constituído uma limitação, dado que estes estão mais vocacionados para a identificação de padrões grupais e são por isso menos sensíveis à individualidade dos sujeitos. Em estudos futuros sugere-se a utilização de uma metodologia mista, com recurso a métodos quantitativos e qualitativos. A recolha de dados *online*, pelo seu potencial quer a nível de tempo quer de acesso a um maior número de sujeitos, poderá também continuar a ser explorada em estudos futuros nomeadamente se se pretender uma maior interação com os participantes com o intuito de recolher dados mais pormenorizados.

### Conclusão

A principal inovação deste estudo prende-se com a criação do QMCER e com os fatores nele identificados, que poderão contribuir para o enriquecimento da investigação sobre a temática da infidelidade. Para além da disponibilização de um instrumento de potencial utilidade para a investigação e para a clínica, este estudo apresenta avanços na clarificação dos contributos que algumas perspetivas teóricas podem dar à compreensão deste tipo de comportamentos. Nomeadamente, os resultados parecem confirmar os pressupostos da teoria evolutiva (Buss, 2008; Schmitt, 2005), relativamente à importância das estratégias a curto e longo prazo como alternativas adaptativas dentro do repertório das estratégias reprodutivas humanas. Confirmam também a influência que os estilos de vinculação poderão ter na explicação dos comportamentos extra-relacionais e, ainda, a utilidade de uma abordagem motivacional baseada na teoria da auto-determinação na compreensão das bases de um comportamento monogâmico. Para além disso, as associações encontradas poderão ser utilizadas pelos terapeutas na prática clínica com casais, dado que, em situações de infidelidade, conhecer as características do *affair* será fundamental para auxiliar o casal a dar um entendimento ao mesmo (Brown, 2001a; 2001b), efetuando assim escolhas baseadas numa compreensão mais profunda da situação e das motivações que lhe estão subjacentes.

## Capítulo IV

### **Quem Ama também Trai? Um Estudo sobre os Preditores da Infidelidade<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup>Viegas, T., & Moreira, J.M. (2014). Quem ama também trai? Um estudo sobre os preditores da infidelidade. Submetido a *Revista Psicologia*.

### Resumo

A infidelidade tem vindo a merecer amplo interesse por parte da investigação, sendo apresentadas diversas explicações para a sua ocorrência. Este estudo pretendeu contribuir para o avanço do conhecimento nesta temática, através da identificação dos preditores dos comportamentos de infidelidade verificados na amostra. Esta avaliação foi efetuada em dois momentos de recolha de dados, sendo o carácter longitudinal deste estudo uma mais valia, pela escassez de estudos com esta característica. Em termos de preditores dos comportamentos de infidelidade, verificou-se um forte predomínio de dois deles: (a) a baixa qualidade e investimento na relação primária, associadas a um estilo de vinculação evitante, uma menor motivação autónoma para a fidelidade e uma orientação política menos conservadora, e (b) o uso de uma estratégia reprodutiva a curto prazo, associada a atitudes favoráveis em relação à infidelidade. Estes resultados constituem um avanço na investigação e também na prática clínica com casais.

**Palavras-chave:** Infidelidade; Psicologia Evolutiva; Vinculação; Conjugalidade; sexualidade.

### **Abstract**

Infidelity has raised wide interest among researchers, and several explanations for its occurrence have been put forward. This study intended to contribute to the advancement of knowledge on this issue, by identifying predictors of the infidelity behaviors found in the sample. The assessment was carried out at two points in time, the longitudinal nature of the study being a bonus, given the scarcity of studies with this design. Regarding predictors of infidelity, a strong predominance of two of them was found: (a) low quality and investment in the primary relationship, associated to an avoidant attachment style, a lesser autonomous motivation for fidelity and a less conservative political position and (b) the use of a short-term reproductive strategy, associated to favorable attitudes regarding infidelity. These results represent an advance both for research and for clinical practice with couples.

**Keywords:** **Infidelity;** Evolutionary Psychology; Attachment; Marriage, Sexuality.

A fidelidade parece continuar a ser um valor fundamental na conjugalidade contemporânea (Treas & Giesen, 2000) e um tema que suscita interesse e debate no mundo acadêmico. No entanto, a prática clínica e a investigação no campo das relações de casal têm evidenciado que a infidelidade ocorre com elevada prevalência (De Stefano & Oala, 2008; Duba, Kindsvatter & Lara, 2008; Goldenberg, 2013; Treas & Giesen, 2000). Partindo desta constatação, Goldenberg (2008) introduziu o conceito de “fidelidade paradoxal” para ilustrar a aparente importância da fidelidade mesmo quando ocorre infidelidade: a primeira surgiria assim como um objetivo, mesmo quando há envolvimento em comportamentos extra-relacionais. Parece, portanto, existir uma larga discrepância entre as normas sociais adotadas pela generalidade dos indivíduos e os seus comportamentos reais. Esta discrepância não poderá senão derivar de importantes mecanismos motivacionais que conduzam o comportamento em direções discrepantes com os valores assumidos pela maioria dos indivíduos, mecanismos esses que a psicologia deverá, obviamente, tentar estudar e explicar, até pelas importantes consequências negativas que a infidelidade tem para os casais e as famílias (De Stefano & Oala, 2008; Foster & Misra, 2013; Hall & Fincham, 2006).

São várias as teorias que tentam fornecer uma leitura explicativa da ocorrência de infidelidade. Assim, a psicologia evolutiva, que tem por base o conceito de evolução no seu sentido biológico, proposto nos seus fundamentos por Darwin (Buss, 2005), sugere que os mecanismos psicológicos resultam de processos de seleção natural. Ao longo de muitas gerações, os genes que dão origem a predisposições psicológicas associadas a um maior sucesso em termos reprodutivos deverão tornar-se predominantes na população humana. As preferências perceptivas, motivacionais e comportamentais observadas nos seres humanos atuais refletiriam, deste modo, os problemas adaptativos

com que a espécie se defrontou no passado: para além das necessidades de sobrevivência, a obtenção de parceiros reprodutivos e o assegurar da sobrevivência e sucesso reprodutivo dos descendentes (Schmitt, Couden & Baker, 2001).

Ora, neste propósito de maximização do sucesso reprodutivo, os problemas confrontados por homens e mulheres são bastante diferentes. Esta discrepância deriva, sobretudo, das diferenças no investimento parental, inevitavelmente superior nas mulheres, quer a nível do tempo, quer dos riscos, quer dos recursos despendidos (gravidez, lactação; Drigotas & Barta, 2001). Assim, prevê-se que diferenças de género nos mecanismos psicológicos ligados ao acasalamento e reprodução surjam nos domínios em que os dois sexos enfrentaram recorrentemente diferentes problemas adaptativos, ao longo da história evolutiva (Barker, 2006; Buss 2005). Sendo o investimento parental mínimo muito reduzido, no caso dos homens, estes terão vantagem em tentar assegurar o maior número possível de descendentes, reduzindo o seu nível de investimento parental. Nas mulheres, cujo número máximo de descendentes é muito limitado, a maior preocupação será com a sobrevivência e o sucesso competitivo destes, o que deverá levar a um maior investimento parental, procurando um companheiro que seja também cuidador dos filhos. Por isso, as mulheres tenderão a adotar uma orientação mais emocional e interpessoal para a sexualidade, com foco nos fatores interpessoais, enquanto os homens terão uma postura mais recreativa, enfatizando a necessidade de exprimir os seus desejos sexuais, com as suas fantasias a tenderem a ser mais explícitas, com desejo de variedade e gratificação física (Birnbaum, 2007).

Buss e Schmitt (1993) introduziram o conceito de estratégias sexuais a curto e a longo prazo para ilustrar esta diferença entre os sexos. No entanto, embora a estratégia a

curto prazo (baseada na quantidade) seja mais saliente nos homens e a estratégia a longo prazo (baseada na qualidade) seja mais saliente nas mulheres, diferenças de grau na utilização destas estratégias existem mesmo dentro de cada sexo. O facto de o comportamento dos indivíduos refletir a ponderação relativa destas duas estratégias resulta com certeza de a sua eficácia depender de variáveis contextuais. Assim, por exemplo, uma estratégia a longo prazo, com um forte investimento numa relação de casal duradoura e nos cuidados parentais a um número reduzido de descendentes, poderá ser desvantajosa se estas relações estiverem sujeitas a um elevado risco, seja por efeito de uma elevada taxa de mortalidade, seja pela falta de confiança na reciprocidade do investimento por parte do parceiro. Pelo contrário, num contexto de baixa mortalidade, onde a competição intraespecífica prevalece sobre a sobrevivência, o investimento parental intenso pode ser essencial para habilitar a descendência para essa competição (Fisher, Aron & Brown, 2006; Gilding, 2009).

A teoria das estratégias sexuais propõe-se explicar também as diferenças encontradas entre homens e mulheres no que concerne à infidelidade. Assim, indivíduos que utilizem em maior grau uma estratégia a curto prazo, tendendo a procurar maior número e variedade de parceiros sexuais, terão maior probabilidade de ser infiéis, de expressar mais esse desejo e ter maior apetência para um envolvimento sexual. Esta situação deverá ser, portanto, mais comum entre os homens. Pelo contrário, aqueles que seguem uma estratégia a longo prazo terão menor propensão para a infidelidade e, se esta acontecer, tenderá a caracterizar-se por um maior envolvimento emocional e a ser em maior grau determinada pela procura de um parceiro mais capaz ou mais disposto a investir recursos. Esta tendência deverá ser mais saliente entre as mulheres (Barta & Kiene, 2005; De Stefano & Oala, 2008).

A teoria da vinculação (Hazan & Diamond, 2000; Hazan & Shaver, 1994) é outra abordagem potencialmente útil na explicação das diferenças individuais na sexualidade. A teoria postula que os seres humanos possuem uma predisposição inata, desde a infância, para estabelecer relações significativas que lhes proporcionem segurança. Na idade adulta, essa função é predominantemente desempenhada pelas relações de casal, nas quais os sistemas de vinculação, prestação de cuidados e acasalamento se interligam, funcionando em conjunto e influenciando-se mutuamente (Hazan & Diamond, 2000). Assim, embora o sistema de vinculação e o sistema sexual sejam distintos, com funções diferentes, as diferenças individuais no estilo de vinculação têm uma importante influência no comportamento sexual.

O estilo seguro é característico de indivíduos confiantes no seu parceiro e na sua responsividade, que sentem prazer com a proximidade do outro e com o desenvolvimento de atividade sexual no contexto de uma relação longa. As suas relações tendem a ser bem sucedidas e com menor probabilidade de dissolução. O estilo de vinculação ansioso/ambivalente ou preocupado configura um padrão em que coexistem um forte desejo de proximidade e uma falta de confiança na resposta do parceiro, resultando em necessidades de vinculação excessivas e em sentimentos contraditórios, não só durante episódios negativos mas também durante aqueles que supostamente seriam positivos. Uma expectativa negativa generalizada em relação à responsividade emocional por parte dos outros resulta no estilo evitante, com aversão pelo contacto emocional íntimo, um menosprezo pelo investimento nas relações e uma maior valorização da independência e da autossuficiência (Mikulincer & Shaver, 2005; Zeifman & Hazan, 1997).

Estes estilos de vinculação têm, como já referido, implicações para o comportamento sexual, eventualmente diferenciadas em função do género (Hazan & Diamond, 2000; Hazan & Shaver, 1994). De facto, o sexo tem o potencial de motivar experiências intensas e prazerosas, promovendo ligações significativas entre parceiros românticos, mas pode também ser uma das causas do afastamento entre esses mesmos parceiros: pode ser propiciador de validação ou de baixa auto-estima (Birnbaum, Mikulincer, Szepeswol, Shaver & Mizrahi, 2014). Indivíduos ansiosos/ambivalentes tenderão a usar o sexo como forma de tentar preencher as suas necessidades, não satisfeitas, de vinculação, relacionadas com segurança e amor. A literatura mostra, com efeito, que as mulheres ansiosas/ambivalentes têm tendência a manter uma atividade sexual intensa e comportamentos de risco, enquanto os homens com o mesmo estilo terão uma expressão sexual mais restrita (Birnbaum, 2007). Por outro lado, a atividade sexual, envolvendo intimidade física e emocional, pode criar desconforto em pessoas com um estilo de vinculação evitante, que habitualmente mantêm certa distância física e emocional do parceiro. Não surpreende, portanto, que a investigação tenha encontrado nestas pessoas uma tendência para a aversão ao contacto emocional íntimo, como beijos e carícias, e preferência por contacto sexual puro, vaginal, oral e anal (Zeifman & Hazan, 1997), com maior número de parceiros, em relações menos duradouras e com menor compromisso (Buss, 2008).

Nesta perspetiva, as diferenças individuais no funcionamento do sistema sexual podem ser entendidas em termos de hiperativação ansiosa ou desativação evitante do sistema de vinculação (Birnbaum et al., 2014). Em qualquer caso, os dados disponíveis sugerem que os estilos de vinculação inseguros parecem estar associados a um conjunto de comportamentos (maior número de parceiros, mais relações ocasionais) que

configuram uma estratégia sexual a curto prazo, enquanto o estilo de vinculação seguro estará interligado com comportamentos que se podem associar a uma estratégia de longo prazo (maior investimento numa relação estável). Outro conjunto de dados associa diferentes estilos de vinculação à qualidade da relação de casal, com o estilo evitante associado a maior insatisfação e maior probabilidade de divórcio (Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002; Moreira et al., 2006). É plausível que estes efeitos sejam produto das diferentes estratégias sexuais associadas aos estilos de vinculação.

A presença destas relações, entretanto, e sabendo-se como o estilo de vinculação nos adultos é o reflexo das experiências de infância com os prestadores de cuidados (Zeifman & Hazan, 1997), permite levantar a hipótese de que o estilo de vinculação funcione como mediador na relação entre as experiências precoces e as estratégias sexuais, com as primeiras a produzirem diferenças individuais na preferência por relações de curto e longo prazo (Simpson & Gangestad, 1991). Pressupondo que as estratégias sexuais serão adaptativas, no sentido evolutivo, por constituírem uma resposta ao ambiente ecológico (Schmitt, 2005), seria plausível pensar que o estilo de vinculação consiste num mecanismo ontogenético de adaptação individual ao ambiente social expectável.

Esta hipótese foi já apoiada por alguns dados preliminares, que se procurarão aprofundar e confirmar nesta investigação. Por exemplo, Moreira (2009) evidenciou que a aceitação pelos pais na infância, assim como, nos homens, o encorajamento da sua independência, se relacionam de modo negativo com a dimensão evitação do estilo de vinculação adulta. Por seu turno, a evitação está associada a uma maior disponibilidade para a utilização de estratégias de curto prazo, enquanto a preocupação se associa negativamente a esta estratégia sexual.

Outra literatura (Belsky, 1997; Belsky, Steinberg & Draper, 1991; Ellis, Bates, Dodge, Fergusson, Horwood, Pettit & Woodward, 2003; Schmitt 2005; Simpson & Gangestad, 1991; Vigil & Geary, 2006) sugere uma relação entre as experiências familiares precoces e as estratégias sexuais, mas não parecem totalmente esclarecidos quais os fatores das primeiras que atuam como determinantes das segundas. Belsky, Steinberg e Draper (1991) afirmam que as diferenças a nível da segurança na vinculação, previstas na teoria de Bowlby, terão evoluído no sentido de servir objetivos reprodutivos de acordo com o ambiente ecológico. As experiências familiares negativas na pré-puberdade aceleram o aparecimento da puberdade, favorecem uma sexualidade mais precoce e a formação de laços menos sólidos nas relações de casal na idade adulta.

Draper e Harpending (1982) alertam para a influência determinante da ausência do pai durante a infância, com efeitos diferentes consoante o género dos filhos. Assim, os rapazes adotariam comportamentos exageradamente masculinos e estereotipados na infância, e as mulheres tenderiam a exhibir comportamentos de promiscuidade sexual na adolescência. Baker e Jencious (2005) enfatizam a relação entre a infidelidade masculina e a relação com o pai: o facto de, enquanto criança, um homem não se sentir amado pelo pai poderá levar a uma ausência da sua validação enquanto homem, o que o conduzirá a procurar, na idade adulta, essa validação nas mulheres, tornando-se dependente destas. Ao sentir que não é digno da parceira e que não a satisfaz, irá procurar outras alternativas.

Leal (2009) concluiu que, nas mulheres, o *stress* familiar é a variável das experiências de infância que se destaca, causando dois efeitos aparentemente opostos: um aumento do compromisso, através do aumento da preocupação, e uma diminuição do compromisso através de um aumento das estratégias de curto prazo, que por sua vez

vão diminuir a satisfação. Foram encontrados efeitos diferentes no homem, sendo neste caso a qualidade da relação com a mãe que assume um papel preponderante nas experiências de infância, fazendo diminuir a evitação e, com ela, o uso das estratégias de curto prazo.

Entretanto, Poulsen, Holman, Busby e Carrol (2013) concluíram que quer a atração física quer os estilos de vinculação desempenham um papel importante no início de uma relação amorosa, existindo diferenças entre homens e mulheres que serão importantes para compreender a seleção de parceiros, nomeadamente a atração física (Buss, 2008). Assim, defendem que ambas as teorias (estratégias sexuais e vinculação) serão importantes na escolha de um parceiro e na manutenção de uma relação, donde se pode deduzir que ambas desempenharão um papel na origem dos comportamentos de infidelidade.

Muitos outros fatores, no entanto, poderiam ser apontados como influenciando a probabilidade de envolvimento em comportamentos extrareacionais. Por exemplo, Brooks e Monaco (2013) sugerem que as diferenças entre homens e mulheres estarão relacionadas com diferentes objetivos associados à reprodução e à descendência. Estes autores defendem que uma relação estável com um parceiro primário com características semelhantes à do próprio diminui a probabilidade de envolvimento extraconjugal. Por outro lado, concluíram que estar empregado e manter uma relação conjugal com alguém que não trabalha aumenta a probabilidade de envolvimento sexual extraconjugal para ambos os géneros.

Elmslie e Tebaldi (2008) reforçam a ideia que os fatores económicos interagem com os aspetos biológicos do comportamento humano. Assim, homens e mulheres avaliarão de modo diferente o custo/benefício da infidelidade, com a classe de social de

pertença, o grau de religiosidade, a dimensão da localidade e a educação a terem impacto no comportamento da mulher, e a educação, a felicidade e a área rural/urbana de habitação, assim como o estatuto social relativo ao emprego, a influenciar o homem. Por outro lado, o comportamento extra-conjugal dos homens parece ser determinado pelas suas próprias características e não pelas da parceira, contrariamente ao que parece verificar-se para as mulheres, que parecem associar a infidelidade às características da relação primária e do parceiro. Finalmente, nas mulheres, a probabilidade de envolvimento extra-conjugal parece aumentar com a fertilidade, decrescendo os benefícios do primeiro quando a segunda diminui.

Outro fator suscetível de influenciar o envolvimento em comportamentos extrarelacionais é a atitude dos indivíduos em relação a estes. A atitude é definida como “uma predisposição para responder de forma favorável ou desfavorável a um objeto, pessoa, instituição ou acontecimento” (Lima, 1997, p. 168). Considerou-se importante incluir a avaliação da atitude face à infidelidade, dado que a literatura (Glass & Wright, 1992) sugere que as atitudes dos indivíduos perante determinado comportamento terão influência na realização ou não do mesmo. Além disso, estudos anteriores indicaram já a potencial utilidade deste construto (Afonso, 2011) e sugerem que ele apresenta diferenças significativas entre sexos (Wilson, Mattingly, Clark, Weidler & Bequette, 2011), podendo ajudar a explicar as eventuais diferenças no comportamento extrarelacional de homens e mulheres.

Para além dos fatores que poderão predispor em diferente grau os indivíduos para a infidelidade, parece importante também olhar para o lado positivo e para os fatores que dispõem para a fidelidade. Diferentes tipos de motivações para a fidelidade poderão ter impactos diferentes nos comportamentos extrarelacionais. Nomeadamente, a

motivação intrínseca está associada a comportamentos iniciados pelo prazer e satisfação que proporcionam, que têm um carácter voluntário e não estão dependentes de uma recompensa material. A motivação extrínseca engloba comportamentos iniciados por razões instrumentais, como receber uma recompensa ou evitar uma punição (Pelletier, Tuson, Haddad, 1997). De acordo com a teoria da auto-determinação (Deci & Ryan, 2008) as motivações diferenciam-se num contínuo entre a motivação regulada mais externamente (extrínseca) e mais internamente (intrínseca). Assim, a regulação externa corresponde aos comportamentos controlados por fontes externas, como recompensa material ou constrangimento imposto por outra pessoa. A regulação introjetada verifica-se quando a fonte externa de motivação já foi parcialmente internalizada e já não é necessária a sua presença para a pessoa iniciar o comportamento. Este será reforçado por pressões internas como a culpa, a ansiedade e emoções relacionadas com a auto-estima. Na regulação identificada, o comportamento é iniciado porque é congruente com valores e objectivos pessoais. Por fim, na regulação integrada, o comportamento é valorizado pelo seu significado e por ser consistente com a identidade do indivíduo. Esta última será a motivação mais auto-determinada dentro deste grupo de motivações que, em todos os casos, mantêm um componente de regulação extrínseca. Acima deles, a motivação intrínseca corresponde ao mais elevado grau de regulação interna. Fora deste contínuo, a ausência de motivação (amotivação) surgirá quando o sujeito não percebe a relação entre o comportamento e os resultados do mesmo, e experimenta sentimentos de incompetência e ausência de controlo, iniciando uma atividade sem ter um entendimento sobre as razões pelas quais o está a fazer (Deci & Ryan, 2008).

A auto-determinação poderá funcionar como um mediador da influência da vinculação na saúde psicológica e no bem-estar do indivíduo. A presença de uma

motivação internalizada terá consequências positivas para a relação amorosa (Leak & Cooney, 2001). A motivação para o comportamento parece ser uma orientação específica em face do contexto. Um indivíduo pode estar decidido a manter-se numa relação, mas a motivação para a realização de diversas atividades com o parceiro pode ser diferente. Emot (2009), na sua investigação, concluiu que é fundamental avaliar não só a motivação para que alguém permaneça numa relação, mas também a motivação para a realização de várias atividades com o parceiro, dado que estas também se afiguram importantes para que a relação funcione. Assim, o estudo das motivações para a fidelidade parece poder constituir um objetivo importante para a investigação nesta área.

O presente estudo tem assim como objetivo contribuir para um aumento do conhecimento sobre os preditores da infidelidade, tendo por base os princípios da psicologia evolutiva, averiguando simultaneamente a influência de variáveis como as experiências de infância, os estilos de vinculação, a motivação e as atitudes face à infidelidade.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram neste estudo 545 indivíduos, 149 homens (27,5%) e 396 mulheres (72,5%). A média de idades dos participantes no primeiro momento de recolha de dados foi de 30,01 anos (*DP* 10,06), com idades compreendidas entre os 18 e os 70 anos. No que concerne à escolaridade, 69% possuíam habilitações ao nível do ensino superior e 28% do ensino secundário. Somente dois participantes tinham escolaridade até 6 anos.

Havia 25% de sujeitos casados, 1% estavam noivos, 15% viviam em união estável, 31% estavam numa relação de namoro, 22% não estavam envolvidos em nenhuma relação e 4 % estavam divorciados ou separados. A duração média da relação foi de 8,71 anos ( $DP = 7,47$ ). Uma percentagem elevada (71%) declarou não ter tido casamentos ou uniões anteriores, 18% terá tido uma relação ou união anterior. No que diz respeito à classe socioeconómica atual, 59% considerou-se inserido na classe média, 14% na classe média alta e 24% na classe média baixa, sendo as respostas semelhantes quando perguntado acerca da classe socioeconómica em que cresceram. Os católicos eram 52%, enquanto 37% afirmaram não ter nenhuma religião. Quanto ao grau de religiosidade, 78% situavam-se entre o nada religioso e um nível moderado de religiosidade. Dentro da orientação política, 60% dos participantes considerava-se de direita, 17% ligeiramente à direita, 17% de centro e 6% de esquerda.

Na segunda fase do estudo participaram 53 pessoas, 7 homens (13,2%) 46 mulheres (86,8%). A média de idades dos participantes no segundo momento de recolha de dados foi de 32,52 ( $DP 10,6$ ), com idades compreendidas entre os 18 e os 70 anos. No que concerne à escolaridade, 74% possuíam habilitações ao nível do ensino superior e 25% do ensino secundário. Somente um participante tinha escolaridade até 9 anos. Havia 18% de sujeitos casados, 2% estavam noivos, 8% viviam em união estável, 18% estavam numa relação de namoro, 14% não estavam envolvidos em nenhuma relação e 2 % estavam divorciados ou separados. A duração média da relação era de 6,9 anos ( $DP = 7,10$ ). Uma percentagem elevada (83%) declarou não ter tido casamentos ou uniões anteriores, 11% terá tido uma relação ou união anterior. No que diz respeito à classe socioeconómica atual, 62% considerou-se inserido na classe média, 11% na classe média alta e 17% na classe média baixa, sendo as respostas semelhantes quando

perguntado acerca da classe socioeconômica em que cresceram. Os católicos eram 36%, enquanto 57% afirmaram não ter nenhuma religião. Quanto ao grau de religiosidade, 85% situavam-se entre o nada religioso e um nível moderado de religiosidade. Dentro da orientação política, 60% dos participantes considerava-se de direita, 17% ligeiramente à direita, 17% de centro e 6% de esquerda.

### **Instrumentos**

**Infidelidade.** Foi utilizado o “Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra- Relacionais” (QM CER), desenvolvido no âmbito desta investigação, com o objetivo de caracterizar múltiplos aspetos como comportamentos, motivações e contextos da ocorrência de infidelidade. Este instrumento é descrito em detalhe no Estudo II. No presente estudo foram utilizadas sobretudo as secções C, D e F.

Na secção C são apresentados diversos comportamentos, com o intuito de avaliar se o sujeito realizou alguns deles com pessoas que não o seu parceiro, numa altura em que estava envolvido numa relação amorosa com compromisso de exclusividade, quer seja a atual ou uma relação passada. Procurou-se, na elaboração desta secção, incluir uma variedade de comportamentos concretos e específicos, passíveis de ocorrer numa situação de infidelidade e que representassem diferentes tipos e graus de envolvimento físico, emocional e sexual. No aspeto que vai ser utilizado neste estudo, os 10 itens (exemplo: “Manter relações sexuais com outra pessoa”) eram respondidos em termos de (a) “Não aconteceu” / (b) “Aconteceu”. Na secção D são apresentados de modo hipotético os mesmos itens da secção C. Esta secção destina-se apenas aos indivíduos que responderam nunca ter estado envolvidos numa relação amorosa com compromisso de exclusividade. Para todos os outros esta secção é omitida. Optou-se por agregar, na

análise, as secções C e D, dado que o número de sujeitos que responderam à secção D era muito reduzido e a análise apenas da secção C fornecia resultados praticamente idênticos.

Foi efetuada uma análise em componentes principais, utilizando o *scree plot* (Moreira, 2004) como critério para a determinação do número de fatores, e uma rotação do tipo Varimax. Os três fatores encontrados pareciam estar associados ao envolvimento físico (Fator 1; item exemplo: “Manter relações sexuais com outra pessoa”), ao envolvimento afetivo (Fator 2: “Dizer ‘amo-te’ a outra pessoa”) e ao desejo sexual (Fator 3: “Sentir-se sexualmente atraído por outra pessoa”). Foram derivadas destes fatores escalas compostas pelos itens com saturações superiores a .50 na matriz após rotação. A escala de Envolvimento Físico, composta por 4 itens, obteve um alfa de Cronbach de .88, a de Envolvimento Afetivo, também com 4 itens, um alfa de .78 e a de Desejo sexual, com 2 itens, um alfa de .81.

A secção F (13 itens) pretende avaliar as diferentes motivações para o não envolvimento em comportamentos extra-relacionais, ou seja, as motivações para a fidelidade. A escala vai de 1, “nada verdadeira” a 7, “completamente verdadeira”. É preenchida por todos os participantes. A análise em componentes principais, realizada de modo semelhante ao descrito para as outras secções, conduziu à identificação de quatro fatores. O Fator 1 parece corresponder à motivação intrínseca para o não envolvimento extra-relacional (item exemplo, “Amar o seu parceiro”), o Fator 2 à motivação introjectada (“Condenar a traição”), o Fator 3 à motivação extrínseca (“Ter medo de ser descoberto”), e o fator 4 à ausência de motivação ou desejo para o envolvimento extra-relacional (“Não conhecer ninguém que lhe desperte interesse”). A escala de Motivação Intrínseca (3 itens) obteve um alfa de Cronbach de .83, a de

Motivação Introjectada (4 itens) de .97, a de Motivação Extrínseca (3 itens) de .70 e a de Ausência de Motivação (2 itens) de .50. Apesar do valor insuficiente do coeficiente alfa de Cronbach para o último fator, optámos por mantê-lo, dado que corresponde a uma dimensão frequentemente encontrada em análises fatoriais de questionários de motivação e poderá ser alvo de futuros desenvolvimentos, com a adição de novos itens que aumentem a sua precisão.

**Atitudes em relação à Infidelidade.** Foi utilizada a Escala de Atitudes em Relação à Infidelidade desenvolvida por Afonso (2011), a qual pretende avaliar as atitudes negativas vs positivas dos indivíduos face à infidelidade. Efetuou-se uma reanálise dos dados do estudo de Afonso (2011), tendo sido seleccionados os quatro itens com maior saturação, por forma a obter uma versão breve da escala (exemplo de item: “A infidelidade é um modo de vida normal que não tem nada de reprovável”). É pedido aos participantes que indiquem o seu grau de concordância com as frases, numa escala de 1, “discordo fortemente” a 5, “concordo fortemente”. O alfa de Cronbach obtido foi de .73.

**Satisfação Conjugal.** Foi utilizada uma versão reduzida da *Relationship Rating Form* (RRF), versão portuguesa de Wolfgang Lind (Moreira et al., 2006), com os 33 itens mais representativos dos fatores identificados nesta versão. Neste questionário é pedido aos sujeitos que classifiquem cada um dos itens numa escala de 9 pontos de 1, “nada” a 9, “completamente ou extremamente”. Optou-se pela realização de uma análise em componentes principais para confirmar a estrutura fatorial da escala, utilizando as mesmas técnicas já descritas anteriormente. Assim, podemos dizer que o Fator 1 corresponde à Confiança (item exemplo: “Esta pessoa pode contar consigo para o ajudar quando precisar?”), o Fator 2 à Paixão (item exemplo: “Dá-lhe prazer, só de

observar ou olhar para esta pessoa?") e o Fator 3 ao Conflito (item exemplo: "Você briga e discute com esta pessoa?") No presente estudo, o alfa obtido foi de .94 na escala de Confiança, de .93 na escala de Paixão e de .89 na escala de Conflito. Cada escala era constituída por 9 itens.

**Estilo de Vinculação Adulta.** O questionário "Experiências em Relações Próximas (ERP)" é a versão portuguesa do "*Experiences in Close Relationships*" (Brennan, Clark & Shaver, 1998), traduzido e adaptado por Moreira et al. (2006). Procura avaliar as duas dimensões básicas das diferenças individuais no estilo de vinculação dos adultos: a Evitação e a Preocupação. A forma reduzida utilizada neste estudo é composta por 12 itens, com uma escala de avaliação de sete pontos que vai de 1, "discordo totalmente" a 7, "concordo fortemente", dos quais 6 medem a Evitação (item exemplo: "Não me sinto confortável ao 'abrir-me' com o meu parceiro/a") e 6 a Preocupação (item exemplo: "Fico ressentido/a quando o meu parceiro/a passa tempo longe de mim"). Foi efetuada uma análise em componentes principais ao nível dos itens que confirmou a sua distribuição pelos dois fatores, tendo a escala de Evitação obtido um alfa de .75 e a de Preocupação um alfa de .78.

**Estratégias Sexuais.** O Questionário de Estratégias Sexuais (QES), desenvolvido por Moreira (2009), é constituído por um total de 12 itens, divididos por duas escalas que pretendem medir a utilização das estratégias de longo prazo e da estratégia a curto prazo. Em função dos resultados obtidos em versões anteriores, foi decidido elaborar uma nova versão do QES, que se distingue da anterior por separar as referências à dedicação ao companheiro/a e aos filhos em itens diferentes. Assim, o QES-II ficou constituído por 13 itens, que pretendem medir a utilização de estratégias a curto e de longo prazo, sendo que na segunda se procura agora diferenciar entre o

investimento no companheiro/a e nos filhos. Os sujeitos deverão indicar o grau em que cada um dos itens corresponde aos seus comportamentos, sentimentos e atitudes, através de uma escala de Likert de 7 pontos que vai de 1, “Não tem a ver comigo” a 7, “tem totalmente a ver comigo”.

Uma análise em componentes principais permitiu a identificação de 3 fatores. Podemos dizer que o Fator 1 (5 itens) corresponde à estratégia a curto prazo (item exemplo: “Sou infiel por natureza”), o Fator 2 (5 itens) à estratégia a longo prazo com investimento no parceiro (item exemplo: “Quero que o meu marido/esposa ou companheiro/a seja o aspecto central da minha vida”) e o Fator 3 (3 itens) à estratégia a longo prazo com investimento nos filhos (item exemplo: “Tenho a intenção de investir muito tempo e esforço na relação com os meus filhos”). Refira-se que os itens 7 e 11, ambos referentes à família em geral, saturaram predominantemente no fator correspondente à estratégia a longo prazo com investimento no parceiro. O alfa obtido foi de .84 para a escala Estratégia a Curto Prazo; de .77 para a escala Estratégia a Longo Prazo com Investimento no Parceiro e de .78 para a Estratégia a Longo Prazo com Investimento nos Filhos.

**Orientação Sociosexual.** O Inventário de Orientação Sociosexual (IOSS; Simpson & Gangestad, 1991) foi construído tendo como objetivo fornecer uma medida global da predisposição dos indivíduos para se envolverem em relações sexuais casuais, sem compromisso. A versão portuguesa utilizada neste estudo foi elaborada pela equipa que recolheu em Portugal os dados para o *International Sexuality Description Study* (Moreira, Mata, Veríssimo, Mata & Moreira, 2003). É composto por sete itens, dos quais quatro se referem a comportamentos sexuais envolvendo diferentes parceiros: dois referem-se a comportamentos passados, um a expectativas de comportamentos futuros,

e outro a fantasias sexuais. Os restantes três itens referem-se a atitudes relativas ao sexo casual. A análise em componentes principais (seguindo o procedimento já descrito) permitiu verificar que os itens relativos a comportamentos e os relativos a atitudes se separavam claramente em dois fatores distintos.

Em virtude dos diferentes formatos de resposta, foi necessário proceder à padronização dos itens para se poder efetuar o cálculo do alfa de Cronbach. Neste cálculo, verificou-se que os itens referentes a expectativas de comportamentos futuros e a fantasias eram indicadores fracos do fator de Comportamentos, fazendo a sua eliminação subir o valor do coeficiente alfa, que foi de .88 para a escala de Comportamentos e de .80 para a Escala de Atitudes.

**Avaliação das Experiências Precoces.** Foi utilizado o Questionário de Experiências de Infância, QEI, (Leal, 2009), que foi elaborado com o objetivo de permitir uma avaliação das experiências de infância. Este questionário é composto por uma primeira parte que avalia o número de anos de presença da mãe, do pai, da madrastra e do padrasto nos primeiros dezasseis anos de vida e depois por duas secções com itens bipolares avaliando o nível de *stress* na vida familiar na infância e na adolescência (dois itens, e.g., “*stressante* vs tranquila”) e a qualidade da relação entre os pais (dois itens: “muito infeliz vs muito feliz” e “pouco conflituosa vs muito conflituosa”). Foram também utilizados 6 itens da *Mother-Father-Peer- Scale* (MFPS), versão portuguesa de Lopes dos Santos, Silva e Sousa (1995), escala que avalia a qualidade das relações com os pais na infância; 3 dos itens são relativos à relação com a mãe e 3 à relação com o pai. O alfa de Cronbach foi de .92 para a escala de relação com a mãe, de .91 para a escala de relação com o pai, de .84 para a escala de qualidade na vida familiar e de .84 para a escala de relação entre os pais.

## **Procedimento**

O estudo teve um caráter longitudinal, com recolha de dados em dois momentos no tempo. Optou-se por este tipo de investigação, que permite a predição de relações entre variáveis, testando relações sugeridas por preposições teóricas ao avaliar o mesmo grupo de sujeitos em dois momentos, o que permite controlar as diferenças individuais (Mota, 2010). No primeiro momento, foram recolhidos dados para todas as variáveis. No segundo momento, um ano depois, os participantes foram novamente contactados, tendo sido avaliada a ocorrência de infidelidade, a satisfação e a estabilidade do casal (se este permanece junto). As análises apresentadas neste estudo visaram perceber os efeitos das variáveis experiências precoces, vinculação e estratégias sexuais sobre as mudanças ocorridas no nível de envolvimento extra-relacional entre um momento e outro. Espera-se que em futuras análises seja possível abordar outros aspetos, nomeadamente quanto às influências recíprocas entre a infidelidade e a qualidade da relação. O intervalo de tempo de um ano entre os dois momentos de recolha de dados justifica-se com a necessidade de um período temporal suficiente, que permita verificar efeitos da situação de infidelidade na qualidade da relação de casal, mas não demasiado longo, que permitiria que outros fatores atuassem de forma mais evidente na relação.

Os dados foram recolhidos na Internet, tendo os questionários sido divulgados nas redes sociais, em *sites* e blogues na área da psicologia, seguindo depois por amostragem “bola de neve” (Maroco, 2007). A participação dos sujeitos foi voluntária, tendo os mesmos sido informados do teor dos questionários a preencher, duração prevista da participação, confidencialidade dos dados e obrigatoriedade de ter 18 anos

ou mais para poder participar. Era explicitado que, ao clicarem para prosseguir, davam o seu consentimento e garantiam que eram maiores de 18 anos.

O método de recolha de dados da 2ª fase foi idêntico ao primeiro, tendo sido enviado por *email*, aos participantes que se disponibilizaram para participar, o questionário. Os participantes que declararam nunca ter estado envolvidos numa relação com compromisso de exclusividade, não respondiam à RRF, nem à ERP. A questão da confidencialidade assumiu particular importância, dada a temática em questão e os potenciais riscos para os participantes, pelo que foi garantido aos mesmos que as respostas aos questionários seriam confidenciais e que seria preservado o seu anonimato, não existindo forma de relacionar um participante com as respostas fornecidas. Em qualquer caso, a confidencialidade das respostas foi protegida por palavra-passe no serviço *Google Docs* durante a recolha de dados e estes foram eliminados do serviço logo que a recolha terminou, ficando apenas na posse da investigadora e do orientador, protegidos por palavra-passe. A investigação teve a aprovação da Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

## **Resultados**

### **Análise em Componentes Principais dos Preditores**

Optou-se por efetuar uma análise em componentes principais aos preditores avaliados pelos diferentes instrumentos, em virtude de termos verificado associações muito fortes entre os mesmos e dado o seu número elevado, que iria tornar a análise demasiado complexa. Foi utilizado o *scree plot* (Moreira, 2004) como critério para a determinação do número de fatores, e uma rotação do tipo Varimax. O *scree plot*

indicou cinco fatores, sendo a lista dos preditores com a respectiva saturação em cada fator na matriz rodada apresentada no Quadro 10.

Quadro 10

*Matriz de Saturações dos Preditores após Rotação*

Preditores	Fatores				
	Qualidade relação	Atitudes e curto prazo	Família de origem	Preocup.	Idade
Idade	-,09	,05	,02	-,01	<b>,90</b>
Escolaridade	-,04	,06	-,06	<b>-,34</b>	,05
Classe social	,00	-,18	,25	<b>-,39</b>	-,16
Duração da relação atual em anos	-,02	-,09	,04	,04	<b>,87</b>
Grau de Religiosidade	-,08	-,39	,01	,03	,16
Orientação Política	<b>,72</b>	,03	-,03	-,03	-,12
QMCER-F- Motiv. autónoma	<b>,65</b>	-,42	,09	,12	-,13
QMCER-F- Motiv. controlada	,22	<b>-,56</b>	,06	,42	-,24
QMCER-F- Motiv. extrínseca	-,30	,25	,01	<b>,43</b>	-,19
QMCER-F- Ausência de motiv.	-,00	-,20	,09	,17	,02
Escala Atitudes Infidelidade	-,22	<b>,73</b>	-,08	-,19	,13
RRF - Confiança	<b>,82</b>	-,06	,15	,10	,09
RRF - Paixão	<b>,78</b>	-,11	,07	,13	-,11
RRF- Conflito	<b>-,71</b>	,24	-,11	,25	-,11
ERP- Evitacao	<b>-,83</b>	,12	,02	,06	,12
ERP- Preocupacao	-,01	-,08	-,06	<b>,65</b>	-,17
QES-Estratégia a curto prazo	-,34	<b>,81</b>	-,03	,07	,08

(Quadro continua)

Quadro 10 (continuação)

Preditores	Fatores				
	Qualidade	Atitudes e	Família de		
	relação	curto prazo	origem	Preocup.	Idade
QES- Invest. no parceiro a longo prazo	<b>,52</b>	-,22	,13	<b>,56</b>	,07
QES- Invest. parental a longo prazo	,07	-,09	,07	<b>,51</b>	,21
IOS- Comportamento sexual	-,07	<b>,44</b>	-,08	,26	-,07
IOS- Atitudes sexo casual	-,01	<b>,76</b>	-,03	-,06	-,03
QEI- Presença da madrasta	,13	-,00	-,05	,04	,02
QEI- Presença da mae	-,03	-,14	<b>,30</b>	-,15	-,05
QEI- Presença do padrasto	,24	,12	<b>-,28</b>	-,08	-,07
QEI-Presença do pai	-,11	-,11	<b>,57</b>	,05	,15
QEI- Relação Mae	,15	-,10	<b>,74</b>	,08	-,02
QEI- Relação Pai	,16	,05	<b>,58</b>	,21	-,15
QEI- Qualidade relação pais	-,01	,01	<b>,79</b>	-,05	,06
QEI- Qualidade vida familiar	,06	,07	<b>,74</b>	-,03	,02

O primeiro fator parece remeter para a qualidade e investimento na relação primária, estando associado de modo positivo à confiança, à paixão, a uma motivação autónoma para a fidelidade e a um investimento no parceiro a longo prazo, assim como a uma orientação política mais à direita. Está também associado, mas de modo negativo, ao conflito e à evitação. O segundo fator parece refletir sobretudo as atitudes em relação à infidelidade e a estratégia a curto prazo, estando associado a uma atitude positiva relativamente ao sexo casual e à infidelidade, assim como à utilização de uma estratégia de curto prazo. Parece estar também relacionado, de modo negativo, com a motivação controlada para a fidelidade, o que é coerente com a associação a atitudes contrárias a esta. O Fator 3 está relacionado com a percepção da qualidade das relações na família de

origem (com a mãe e com o pai, entre os pais, qualidade da vida familiar e presença do pai). O Fator 4 parece remeter sobretudo para o estilo de vinculação preocupado, apresentando também associações com o investimento parental e no parceiro a longo prazo. O Fator 5 está associado à idade e à duração da relação primária. Foram utilizados como preditores, nas análises de regressão subsequentes, resultados derivados para os fatores. Estes resultados agregam informação de todas as variáveis, ponderadas de acordo com a sua saturação no fator correspondente. Apresentam a importante vantagem de, para além de utilizarem toda a informação disponível, facilitarem a agregação de variáveis medidas em escalas muito diferentes. O seu processo de cálculo, no entanto, não possibilita o uso do coeficiente alfa de Cronbach.

### **Preditores dos Comportamentos Extra-Relacionais encontrados na Amostra, 1º momento de recolha de dados**

Efetuarão-se análises de regressão utilizando como variáveis dependentes os fatores da secção CD do QMCER, referentes à tipologia de comportamentos de infidelidade reportados pelos participantes (os que estavam envolvidos numa relação de exclusividade e os que não estavam e responderam de forma hipotética), com o objetivo de perceber quais as variáveis que são melhores preditoras destes comportamentos.

A análise de regressão revelou, para o Envolvimento Sexual, uma capacidade de predição altamente significativa, quer para as mulheres,  $F(5, 244) = 14.10; p < .001$ , quer para os homens,  $F(5, 87) = 9.72; p < .001$ . A variância explicada é considerável, sendo maior para os homens (36 %) do que para as mulheres (24 %). No quadro 4 apresentam-se os coeficientes de regressão padronizados ( $\beta$ ) de todas as variáveis introduzidas, com o fator Envolvimento Sexual como variável dependente. Verifica-se

que, tanto para as mulheres como para os homens, os únicos preditores significativos são o 1 e o 2, correspondentes respetivamente ao investimento e qualidade na relação primária e ao uso de uma estratégia a curto prazo, com atitudes favoráveis em relação à infidelidade. Constatase ainda que, entre as mulheres, estes dois fatores parecem dar um contributo equivalente enquanto, entre os homens, a maior orientação para uma estratégia a curto prazo parece ter mais peso do que o investimento na relação.

Quadro 11

*Resultados das Análises de Regressão para o Fator Envolvimento Sexual*

	Homens			Mulheres		
	Beta	t	Sig.	Beta	t	Sig.
Invest./ Qualidade relação	-,18	-2,11	,04	-,37	-6,60	,00
Estr. Curto Prazo/Atitudes	,56	6,48	,00	,34	6,00	,00
Família de Origem	,04	0,41	,68	,00	0,04	,97
Preocupação	,04	0,47	,64	,03	0,60	,55
Idade	,14	1,57	,12	,04	0,62	,54

Os resultados para o fator de Envolvimento Emocional surgem semelhantes aos do anterior, mas com algumas diferenças que importa salientar. O modelo de regressão linear obtido é altamente significativo, tanto para as mulheres,  $F(5, 244) = 15.29$ ;  $p < .000$ , como para os homens,  $F(5, 87) = 4,49$ ;  $p < .001$ . A variância explicada é semelhante nos dois sexos, sendo de 24 % para as mulheres e 21 % para os homens.

No Quadro 5 apresentam-se os coeficientes de regressão. Constata-se tal como já tinha sido encontrado para o fator de Envolvimento Sexual, que os únicos preditores significativos, tanto entre os homens como entre as mulheres, são o investimento e qualidade na relação primária e o uso de uma estratégia a curto prazo, com atitudes favoráveis em relação à infidelidade. Verifica-se, no entanto, que, na predição do Envolvimento Afetivo o investimento e qualidade na relação primária têm um peso relativamente maior do que na predição do Envolvimento Sexual. Assim, deixa de se verificar, entre os homens, uma preponderância das estratégias a curto prazo sobre a qualidade da relação primária, tendo agora os dois preditores igual peso. Pelo contrário, entre as mulheres, esse equilíbrio desfaz-se, passando a qualidade da relação primária a mostrar um peso mais acentuado como preditor.

Quadro 12

*Resultados das Análises de Regressão para o Fator Envolvimento Afetivo*

	Homens			Mulheres		
	Beta	t	Sig.	Beta	t	Sig.
Invest./ Qualidade relação	-,31	-3,26	,00	-,40	-7,15	,00
Estr. Curto Prazo/Atitudes	,29	2,99	,00	,30	5,31	,00
Família de Origem	,00	0,03	,98	-,03	-0,48	,63
Preocupação	,15	1,56	,12	,08	1,45	,15
Idade	,09	0,89	,38	,06	1,03	,30

Para o fator de Desejo Sexual, o modelo de regressão linear surgiu de novo como altamente significativo, quer para as mulheres,  $F(5, 244) = 22.66; p < .000$ , quer para os

homens,  $F(5, 87) = 4,36; p < .001$ . A variância explicada foi de 32 % para as mulheres e 20 % para os homens. Os coeficientes de regressão, apresentados no Quadro X, permitem concluir que, em ambos os sexos, o uso de uma estratégia a curto prazo, com atitudes favoráveis em relação à infidelidade, constitui o preditor mais forte. Porém, enquanto nos homens este é o único preditor significativo, nas mulheres também uma baixa qualidade e investimento na relação primária e uma baixa qualidade da experiência de infância surgem como significativas.

Quadro 13

*Resultados das Análises de Regressão para o Fator Desejo Sexual*

	Homens			Mulheres		
	Beta	t	Sig.	Beta	t	Sig.
Invest./ Qualidade relação	-,16	-1,63	,11	-,28	-5,19	,00
Estr. Curto Prazo/Atitudes	,41	4,28	,00	,49	9,17	,00
Família de Origem	,10	1,07	,29	-,10	-1,98	,05
Preocupação	,03	0,32	,75	,07	1,28	,20
Idade	-,00	-0,03	,97	,02	0,28	,78

### **Preditores dos Comportamentos Extra-Relacionais encontrados na Amostra, 2º momento de recolha de dados**

Ao analisarmos os resultados referentes ao 2º momento de recolha de dados, o nosso objectivo foi o de investigar quais os preditores que permitem prever se aumentaram, diminuíram ou se se mantiveram os comportamentos de infidelidade reportados no 1º momento, ou seja, prever qual o nível de envolvimento no 2º momento

partindo do 1º momento. Para isso, foram de novo utilizados modelos de regressão linear, mas desta vez num procedimento hierárquico em dois passos. No primeiro passo, foi introduzido como preditor o nível de envolvimento extra-relacional no primeiro momento. No segundo, foram adicionados os cinco preditores já usados nas análises correspondentes ao primeiro momento, testando-se a significância da sua contribuição, em conjunto, para a predição das mudanças ocorridas no nível de envolvimento de um momento para o outro. Dado o número reduzido da amostra no 2º momento, nomeadamente no que concerne aos homens, não foi possível fazer a análise separadamente por sexos.

Assim, relativamente ao fator de Envolvimento Sexual, verificou-se que a entrada dos preditores adicionais no segundo passo, apesar de permitir aumentar a percentagem de variância explicada, de 66% para 75%, não atingiu a significância estatística,  $F(5, 22) = 1,45; p = .25$ . Ainda assim, e dado que a ausência de significância estatística poderá ser efeito da escassa dimensão da amostra, prosseguimos a análise, obtendo os coeficientes apresentados no Quadro w. Constata-se que o único preditor significativo é o fator correspondente à idade, o que parece sugerir que as pessoas mais velhas e com relações primárias mais duradouras terão mais tendência para aumentar (em termos relativos) o seu nível de envolvimento sexual, do 1º para o 2º momento de recolha de dados, enquanto as pessoas mais jovens e com relações de menor duração terão tendência para o diminuir. Embora não atingindo o valor convencional da significância estatística, o contributo do fator correspondente ao investimento e qualidade da relação aproxima-se desse valor, e tê-lo-ia atingido caso fosse usado um teste bilateral, o que até se justificaria neste caso. Assim, este resultado sugere que o

investimento e qualidade da relação primária tende a fazer diminuir o envolvimento sexual.

Quadro 14

*Resultados das Análises de Regressão para o Fator Envolvimento Sexual, no 2º momento*

	<b>Participantes (Total)</b>		
	Beta	t	Sig.
1º momento	.66	4,13	,00
Invest./ Qualidade relação	-,24	-1,82	,08
Estr. Curto Prazo/Atitudes	-,06	-0,40	,70
Família de Origem	,03	0,24	,82
Preocupação	-,12	-0,87	,40
Idade	,27	2,23	,04

Para o Fator de Envolvimento Afetivo, os preditores introduzidos no segundo momento permitem aumentar de modo significativo, de 36% para 67%, a variância explicada,  $F(5, 22) = 4,14$ ;  $p = .01$ , o que significa que, no seu conjunto, contribuem significativamente para explicar o aumento ou diminuição do envolvimento afetivo extra-relacional. Examinando os preditores individualmente (Quadro w), o único que se mostra significativo é a percepção de qualidade na família de origem: os participantes que reportam uma maior qualidade na sua experiência de infância mostram uma maior tendência para aumentar, do primeiro para o segundo momento de avaliação e em termos relativos, o seu nível de envolvimento emocional extra-relacional.

Quadro 15

*Resultados das Análises de Regressão para o Fator Envolvimento Afetivo, no 2º momento*

	Participantes (Total)		
	Beta	t	Sig.
1º momento	.72	3.96	,00
Invest./ Qualidade relação	,26	1,43	,17
Estr. Curto Prazo/Atitudes	,08	0,51	,62
Família de Origem	,51	3,87	,00
Preocupação	,16	0,06	,30
Idade	-,09	-0,59	,56

Relativamente ao Fator de Desejo Sexual, o contributo dos fatores introduzidos no segundo momento voltou a não se mostrar significativo,  $F(5, 22) = 0,95$ ;  $p = .47$ , o mesmo acontecendo para os preditores individuais (Quadro 16), também nenhum deles significativo.

Quadro 16

*Resultados das Análises de Regressão para o Fator Desejo Sexual, no 2º momento*

	<b>Participantes (Total)</b>		
	Beta	t	Sig.
1º momento	.52	2,44	,02
Invest./ Qualidade relação	-,18	-1,12	,28
Estr. Curto Prazo/Atitudes	,23	1,04	,31
Família de Origem	,18	1,28	,22
Preocupação	,23	1,38	,18
Idade	,04	0,26	,80

### **Discussão**

Os resultados deste estudo afiguram-se como um avanço importante no estudo da infidelidade, dado que foi possível a identificação de preditores dos comportamentos de infidelidade, quer no primeiro momento de recolha de dados, quer no segundo. O carácter longitudinal deste estudo constitui também uma mais valia, pela escassez de estudos que avaliam em dois momentos no tempo e também porque foi possível identificar alguns preditores que introduzem alterações nos comportamentos de infidelidade com o decorrer do tempo.

Relativamente à análise fatorial realizada aos preditores, apresentou a importante vantagem de reduzir o número de preditores e as suas intercorrelações, aumentando a validade das análises de regressão com um mínimo de perda da informação contida nas variáveis iniciais. Para além disso, permitiu clarificar a estrutura das variáveis presentes,

associando, por exemplo, o estilo de vinculação evitante ao escasso investimento na relação primária, e o estilo preocupado à estratégia a longo prazo, mas deixando claro que nenhum destes estilos de vinculação se relaciona de forma estreita com a estratégia reprodutiva a curto prazo ou com a qualidade da experiência de infância.

Em termos de preditores dos comportamentos de infidelidade, verificou-se um forte predomínio de dois deles: (a) a baixa qualidade e investimento na relação primária, associadas a um estilo de vinculação evitante, uma maior motivação autónoma para a fidelidade e uma orientação política mais conservadora, e (b) o uso de uma estratégia reprodutiva a curto prazo, associada a atitudes favoráveis em relação à infidelidade. De facto, e com apenas uma exceção, eles surgem sempre como os mais fortes preditores, e os únicos significativos, das variadas facetas da infidelidade. Igualmente se confirma a ideia de que o primeiro estaria mais relacionado com o envolvimento afetivo e com o sexo feminino, e o segundo com o envolvimento sexual e o sexo masculino, embora estas diferenças apenas se verifiquem em termos de grau. De facto, embora estes preditores pareçam ter uma maior influência nos contextos apontados, ambos têm um efeito significativo na predição de ambos os tipos de infidelidade e em ambos os sexos. Nomeadamente, parecem ter um peso quase igual na predição do envolvimento sexual por parte das mulheres e do envolvimento afetivo por parte dos homens. Apenas na predição do envolvimento afetivo por parte das mulheres e do envolvimento sexual por parte dos homens se verifica o predomínio de um deles, e ainda assim mantendo-se o outro como significativo.

Paralelamente, é de igual modo relevante o escasso contributo dos outros preditores. Apenas num caso um desses preditores se revela significativo, e mesmo assim por estreita margem: uma experiência de infância mais negativa predispõe as

mulheres para maior incidência de desejo sexual extra-relacional, mas esse desejo não parece depois traduzir-se em envolvimento sexual ou afetivo. Este resultado pode ser associado ao encontrado por Leal (2009), que encontrou um efeito direto da experiência de infância sobre o compromisso relacional, entre as mulheres apenas, e não mediado por variáveis da vinculação ou do investimento relacional. Parece assim confirmar-se um efeito de regulação do comportamento relacional adulto a partir da experiência de infância, mas limitado apenas às mulheres e com mecanismos de transmissão que investigações posteriores terão de ajudar a esclarecer. Também de modo semelhante ao que já havia sido encontrado por Leal (2009), constatou-se que o estilo de vinculação preocupado, associado a estratégias reprodutivas a longo prazo, não parece ter influência significativa nos comportamentos de infidelidade, ao contrário do que se poderia esperar.

No que concerne às análises envolvendo o segundo momento de recolha de dados, importa sublinhar que não se apresentam como redundantes com as anteriores. Por outras palavras, os preditores da ocorrência de envolvimento não são os mesmos que permitem prever a continuidade desse envolvimento passado um ano. A idade, associada a um maior tempo de relação, parece estar associada a um aumento relativo do envolvimento sexual do primeiro para o segundo momento. As possíveis explicações para este resultado não são evidentes, mas diversas hipóteses poderão ser levantadas. É possível que as pessoas mais velhas tenham tendência para envolvimento sexual mais duradouros, o que significaria que quando esse envolvimento sexual surge, tende a aprofundar-se, enquanto que nas pessoas mais jovens e com menor tempo de relação esses envolvimento poderão ser mais transitórios e portanto não mostrar uma tendência clara. Também é possível que em pessoas com mais idade o envolvimento sexual com

outros parceiros tenda a aumentar, por efeito da diminuição da paixão na relação primária ou da diminuição das responsabilidades com os filhos, por exemplo.

Já o envolvimento afetivo parece ser sobretudo associado à família de origem, num efeito positivo, ou seja, quanto melhor a qualidade da relação na família de origem mais o envolvimento afetivo tenderá a manter-se ou a aumentar do primeiro para o segundo momento de recolha de dados. Mais uma vez, este efeito não se apresenta fácil de explicar, mas é plausível pensar que uma experiência de infância mais positiva leve a uma maior disponibilidade para o envolvimento emocional e uma menor predisposição para levar esse envolvimento para o domínio sexual.

Pensamos que a elevada escolaridade da amostra poderá ter influenciado os resultados, constituindo uma limitação, dado que há investigações que comprovam que esta variável tem influência nas práticas sexuais e no número de parceiros das mulheres (Alvarez & Nogueira, 2008), assim como no maior número de oportunidades para o envolvimento em relações extra-conjugais (Rodrigues, Oliveira, Romero & Oliveira, 2009). O facto de termos utilizado exclusivamente instrumentos de auto-relato também pode ter causado enviesamentos nos resultados, podendo ter conduzido a um decréscimo dos comportamentos de infidelidade assinalados, fruto da desaprovação generalizada que vigora em relação à infidelidade e ao efeito de desejabilidade social. Em estudos futuros sugere-se a utilização de uma metodologia mista, com recurso a métodos quantitativos e qualitativos, que permitirá uma maior exploração da individualidade dos sujeitos. A recolha de dados online, pelo seu potencial quer a nível de tempo quer de acesso a um maior número de sujeitos, poderá ser também explorada em estudos futuros nomeadamente se se pretender uma maior interação com os participantes com o intuito de recolher dados mais pormenorizados.

### **Conclusão**

Este estudo constitui um importante avanço no estudo da infidelidade, contribuindo para um enriquecimento do corpo teórico mas também da prática clínica com casais, ao apontar o investimento e a qualidade da relação primária, assim como a utilização de uma estratégia de curto prazo, como principais preditores da infidelidade, atuando em simultâneo e de forma aditiva em diferentes contextos. O conhecimento destes preditores e das variáveis que influenciam os mesmos possibilitará ao terapeuta trabalhar com o casal o significado da infidelidade na relação, potenciando a comunicação e o auto-conhecimento proporcionando-lhes um melhor entendimento sobre a relação e sobre o futuro da mesma, ou seja, potenciando uma escolha informada e consciente.

Considera-se também que deverão ser realizados mais estudos longitudinais, dado o impacto do fator tempo no desenvolvimento de uma relação e também nos comportamentos extra-relacionais. Neste estudo, perderam-se muitos sujeitos da primeira para a segunda fase, o que constitui uma limitação do mesmo, também por dificuldade no emparelhamento dos dados das duas fases, aspeto que deverá ser trabalhado e melhorado com soluções de emparelhamento alternativas.

## **Capítulo V**

### **Discussão Integrada e Considerações Finais**

*“(...) Jogue tudo fora...  
Mas, principalmente, esvazie seu coração...  
Fique pronto para a vida...  
Para um novo amor...  
Lembre-se: somos apaixonáveis...  
Somos sempre capazes de amar muitas e muitas vezes...  
Afinal de contas...  
Nós somos o "Amor".  
Carlos Drummond de Andrade*

Esta dissertação, constituída por três estudos, pode ser enquadrada numa perspectiva sistémica da família e nos pressupostos da Psicologia Evolutiva, foi elaborada com a finalidade última de contribuir para o enriquecimento do conhecimento científico sobre a infidelidade. O corpo teórico e empírico sobre as relações extra-díade é substancial, no entanto alguns aspetos permanecem por esclarecer; procurou-se assim determinar a influência das experiências precoces, do estilo de vinculação e das estratégias sexuais na satisfação e estabilidade conjugal, assim como na ocorrência de infidelidade. Tentou-se também contribuir para a sistematização do conhecimento sobre as diferenças inter-individuais na sexualidade, através da clarificação do conceito de estratégias sexuais (curto e longo prazo) e dos fatores intra-individuais que influenciam a escolha das mesmas.

Pela sua temática complexa, este estudo, com constrangimentos éticos e metodológicos, insere-se no paradigma pós-positivista. Deste modo, todo o desenho do estudo, como as suas questões e estratégias de recolha de dados, foram naturalmente influenciados por este paradigma, assumindo-se assim que apenas poderíamos procurar conhecer de modo aproximado uma realidade tão íntima, rica e complexa, sendo fundamental seleccionar algumas variáveis chave, de acordo com a literatura e a prática clínica, que possibilitassem o enriquecer do conhecimento sobre a temática em estudo (Daly, 2007).

Tendo em conta estes objetivos realizaram-se três estudos, com recurso a metodologias quantitativas. O Quadro 1 sintetiza os objetivos do estudo e a metodologia de análise de dados utilizada para dar resposta aos mesmos:

### Quadro 17

#### *Síntese dos Objetivos e da Metodologia de Análise de Dados*

<b>Objetivos</b>	<b>Análises</b>
Caraterizar a amostra	Médias, desvios-padrão e percentagens
Identificar as principais dimensões subjacentes às variáveis medidas	Análise fatorial
Compreender quais os principais preditores para homens e mulheres de cada fator identificado	Análise em componentes principais Análise de regressão
Medir a direção e a intensidade da associação entre as variáveis e os fatores identificados	Correlações de Pearson
Analisar as diferenças entre sexos nos fatores encontrados	Comparação Multivariada (MANOVA)

Apresenta-se agora a discussão integrada dos principais resultados e aponta-se o que se considera serem os seus contributos e limitações, assim como uma reflexão sobre a pertinência de estudos futuros. Serão também discutidas as implicações dos resultados para a prática clínica, nomeadamente em terapia de casal. Procurar-se-á ilustrar o caminho percorrido neste trabalho, através da análise de algumas questões específicas que, mais do que pontos de chegada, serão potenciadoras de interrogações e novas direções de investigação.

### **Infidelidade ou Infidelidades?**

Em virtude da necessidade identificada na literatura de clarificar o conceito de infidelidade (Blow & Hartnett, 2005a), dado que as incertezas sobre o mesmo podem

ser responsáveis pelos resultados, por vezes contraditórios, encontrados no âmbito desta temática, efetuou-se um primeiro estudo com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão dos determinantes dos julgamentos acerca da existência ou não de infidelidade e da sua gravidade. Neste âmbito, foi elaborado um Questionário de Concepções da Infidelidade, constituído por um conjunto de cenários com situações hipotéticas, que variam em diversos parâmetros, tais como a dimensão emocional e sexual, o conhecimento ou permissão do parceiro face à situação de infidelidade e a sua continuidade, no tempo. A avaliação de cada cenário foi efetuada numa escala de avaliação de 5 pontos que vai de 1, “não era infidelidade” a 5, “sem dúvida era infidelidade grave”, permitindo aferir se era infidelidade e qual a sua gravidade. Esta avaliação era efetuada em 4 combinações correspondentes ao cruzamento entre o autor do comportamento (próprio vs parceiro) e o juiz (próprio vs representação da provável opinião do parceiro).

Os resultados obtidos, através de uma análise fatorial dos quatro itens de cada cenário, reforçam a ideia de que o envolvimento sexual é considerado mais grave e é mais penalizado do que o envolvimento emocional. Foi ainda atribuída maior gravidade quando este envolvimento é continuado e não se limita a uma única relação. Os participantes mais jovens, os com orientação política mais à direita e os mais religiosos, surgiram como os que mais penalizam os quatro fatores identificados: 1 - envolvimento afetivo; 2 - envolvimento físico/sexual; 3 - comportamento inocente e de muito baixa gravidade; 4 - consentimento do parceiro para as situações de infidelidade. Considera-se muito interessante a maior penalização do envolvimento sexual, mesmo para as mulheres, o que não corrobora os resultados de outros estudos segundo os quais as mulheres apresentariam maior *stress* face à infidelidade emocional (Fernandez et al.,

2006; Goldenberg et al., 2003). Se tal pode estar por um lado relacionado com a idade da nossa amostra, não tão jovem como tem sido habitual nestas investigações, e com a metodologia utilizada, que na maioria dos estudos anteriores forçava a escolha entre a infidelidade sexual e emocional como mais perturbadora (Berman & Frazier, 2005), podemos também especular que este resultado espelha a emergência de novos modelos sexuais e familiares, com maior indiferenciação de papéis, crescente autonomia da mulher e uma classe média altamente escolarizada (Elmslie & Tebaldi, 2008). A consolidação de uma mulher educada, independente a nível económico e que partilha as responsabilidades parentais com o companheiro, conduzirá a um menor impacto dos argumentos da psicologia evolutiva (Barker, 2006; Buss, 2005; Drigotas & Barta, 2001), dado que as suas necessidades adaptativas estarão inevitavelmente em mudança. Alguns autores (Elmslie & Tebaldi, 2008) têm vindo a defender que os fatores económicos interagem com aspetos biológicos do comportamento humano, neste sentido uma maior autonomia financeira e poder económico das mulheres introduziria novas dinâmicas comportamentais relativamente à infidelidade.

Constatou-se também que ao estigma cultural negativo da infidelidade, se associou o preconceito relativamente aos envolvimento homossexuais, não se verificando aqui também os fatores atenuantes enunciados pela teoria evolutiva, derivados do fato de não existir ameaça reprodutiva (Buss, 2008). Esta penalização verificou-se quer para as mulheres quer para os homens.

O envolvimento continuado, quer com uma componente relacional, quer somente sexual, foi mais penalizado do que o apaixonar-se e o ato sexual único. O primeiro foi mais penalizado apenas pelas mulheres, enquanto o segundo foi por ambos os sexos. Pensa-se que estes resultados merecem maior reflexão em estudos futuros, integrando

nomeadamente o impacto da motivação para o comportamento (Deci & Ryan, 2008) na avaliação da sua gravidade e o seu caráter mais ou menos intencional e duradouro com investimento de recursos ou algo mais passageiro e com menores consequências (Fernandez et al., 2006; Goldenberg et al., 2003; Sabini & Green, 2004).

A idade também produziu resultados interessantes, com os participantes mais jovens e com menor tempo de relação a considerarem as situações apresentadas com mais gravidade. O amor apaixonado, típico das fases iniciais de uma relação, surge assim como desencadeador de maior insegurança e de julgamentos mais graves: o ciúme tornará o olhar sobre a infidelidade mais severo (Solomon & Knobloch, 2004). O fator tempo afigura-se como essencial na compreensão da conjugalidade, com alguma investigação a sugerir que a partir dos anos intermédios da relação surgem mais índices reveladores de qualidade e satisfação conjugal, o que poderá estar associado à consolidação da intimidade e à construção de uma identidade conjugal (Narciso, 2001).

Os nossos dados confirmaram também a influência de um maior grau de religiosidade na atribuição de maior gravidade às situações apresentadas, assim como a existência de uma orientação política mais à direita, o que confirma os dados recolhidos previamente na literatura sobre a definição mais ampla do que constituem comportamentos de infidelidade e julgamentos mais severos por parte dos participantes mais conservadores (Schlenker, Chambers & Le, 2012; Burdette et al., 2007; Alvarez & Nogueira, 2008).

Os resultados obtidos reforçam a ideia de como é redutora a dicotomia infidelidade sexual vs emocional e sugerem a existência de vários tipos de infidelidade, coloridas por características sexuais, emocionais, temporais e de intenção. Estaremos

assim perante um conceito complexo, que sofre múltiplas influências que afetam não só a conceção da própria infidelidade, mas também a sua maior ou menor gravidade.

### **Comportamentos, Motivações e Contextos da Ocorrência de Infidelidade**

O segundo estudo efetuado pretendeu ajudar a colmatar algumas insuficiências no modo como a infidelidade tem vindo a ser avaliada, na maioria das situações por nós conhecidas, de modo simplista e não com um olhar sistémico e abrangente como a complexidade e impacto da temática, no casal e na família assim o exigirá.

Desenvolvemos assim um instrumento de avaliação das motivações e determinantes dos comportamentos extra-relacionais, o Questionário Multidimensional de Comportamentos Extra-Relacionais (QMCER), com o objetivo de caracterizar, de forma mais completa do que vem sendo habitual, múltiplos aspetos como comportamentos, motivações e contextos da ocorrência de infidelidade. Este questionário, composto por diversas secções, permitiu avaliar a ocorrência de comportamentos considerados pelos participantes como sendo infidelidade (secção C/D) e de diversos aspetos da prática de comportamentos extra-relacionais (secção E); assim como a motivação para a fidelidade (secção F).

A análise em componentes principais efetuada para a secção C/D permitiu a identificação de três fatores, um associado ao envolvimento físico, o segundo ao envolvimento afetivo e o terceiro ao desejo sexual. A análise fatorial efetuada para a secção E permitiu a identificação de sete fatores. O Fator 1 parece remeter para uma melhoria da auto-estima após o envolvimento extra-relacional. O Fator 2 foca-se na falta de satisfação com a relação primária e o Fator 3 parece remeter para o final da relação primária, como consequência da infidelidade, tendo sido denominado de

infidelidade terminal. O Fator 4 parece remeter claramente para o conhecimento do envolvimento extra-relacional por parte do parceiro primário. O Fator 5 surge associado à tentação, parecendo existir uma desvalorização do envolvimento na relação secundária, com a responsabilidade pela situação a ser atribuída a outra pessoa. O Fator 6 parece focar-se na existência de conflito na relação primária e em características negativas atribuídas ao parceiro. Por fim, o Fator 7 parece corresponder a um padrão de dependência sexual.

Para a secção F foram derivados quatro fatores. O Fator 1 parece corresponder à motivação intrínseca para o não envolvimento extra-relacional (item exemplo, o Fator 2 à motivação introjectada, o Fator 3 à motivação extrínseca, e o Fator 4 à ausência de motivação ou desejo para o envolvimento extra-relacional. Estes resultados reforçam o que já tinha sido encontrado no estudo de Afonso (2011), utilizando este mesmo instrumento, e a estrutura encontrada parece aproximar-se da proposta pela teoria da auto-determinação (Deci & Ryan, 2008).

Em função dos objetivos deste estudo, importará dar particular ênfase à estrutura fatorial derivada da análise da secção E. Assim, relativamente ao Fator 1, Melhoria da Auto-Estima, destaque para o surgimento deste como consequência e não como causa da infidelidade, parecendo provocar em quem a pratica um sentimento de atratividade física/sexual, pela capacidade de sedução e não pela obtenção de proximidade emocional. Já o Fator 2, Insatisfação com a Relação Primária, que tem vindo a ser apontado pela literatura como uma das principais causas da infidelidade, particularmente nas mulheres (Carneiro, Martini, Rodrigues, Oliveira, Romero & Oliveira, 2011; Nath, 2011), surgiu realmente com um valor significativamente mais

elevado nas mulheres e associado, também de modo significativo, a um maior envolvimento em comportamentos extra-relacionais.

O Fator 3, Infidelidade Terminal (terminologia proposta por Brown, 2001a, 2001b) parece corroborar a ideia da psicologia evolutiva, segundo a qual os homens terão mais vantagens em manter várias relações, dado que a média deste fator surgiu mais elevada nas mulheres, sugerindo uma maior ligação entre a infidelidade e o objetivo de trocar de parceiro. Já no que diz respeito ao Fator 4, Conhecimento da Infidelidade pelo Parceiro, no caso dos homens parece funcionar como um aspeto protetor da relação primária, reforçando a ideia da menor motivação para uma troca de parceiras.

O Fator 5, Tentação, parece estar sobretudo associado para uma motivação sexual associada a um contexto e não derivar de um sentimento prévio de afastamento face ao parceiro da relação primária. A diferença entre sexos neste fator, com as mulheres a apresentarem uma associação entre tentação e desejo sexual e os homens entre a tentação e o envolvimento sexual, parece reforçar a ideia de uma menor probabilidade de as mulheres se envolverem em comportamentos sexuais explícitos, mesmo quando existe uma motivação sexual (Hackathorn, Mattingly, Clark e Mattingly, 2011).

O Fator 6 Conflito apresenta para os homens as principais associações, nomeadamente com o estilo de vinculação preocupado e com a falta de confiança na parceira. Por fim, o Fator 7, Dependência Sexual surge associado em ambos os sexos com a utilização de uma estratégia sexual a curto prazo.

Obtiveram-se alguns resultados expetáveis à luz da psicologia evolutiva, como a preponderância da estratégia a curto prazo como preditora do envolvimento em comportamentos extra-relacionais, tal como previsto nas nossas hipóteses iniciais. No

entanto, esta estratégia surgiu associada aos dois sexos e não apenas ao masculino, como uma visão mais restrita da teoria das estratégias sexuais poderia fazer prever (Buss, 2008). Considera-se que este resultado refletirá, por um lado, as transformações sociais que ocorreram, conduzindo a uma maior igualdade entre gêneros e a uma menor dependência econômica e emocional da mulher relativamente ao homem, que inevitavelmente terá repercussões nos seus critérios de escolha de um parceiro (Munsch, 2012; Brown, 2001a, 2001b). Por outro lado, reforçará a visão da estratégia a curto prazo como uma alternativa adaptativa dentro do repertório das estratégias reprodutivas humanas (Birnbaum et al., 2014; Schmitt, 2005).

O estilo de vinculação surgiu também como um importante preditor, nomeadamente para os homens. Assim, o estilo preocupado, no qual tendencialmente o parceiro é visto como pouco responsivo e adequado às necessidades expressas pelo outro, desencadeando ciúmes excessivos e sentimentos de medo e ansiedade (Hazan & Shaver, 1994), surge associado com o Fator 6, Conflito. Confirmou-se assim uma das nossas hipóteses de partida, com a associação entre o estilo preocupado e o Conflito, mas apenas nos homens. Já o estilo evitante, caracterizado por um evitamento da intimidade com o parceiro (Moreira et al., 1998) surgiu associado ao Fator 7, Dependência Sexual, parecendo confirmar uma menor predisposição do estilo evitante para o envolvimento emocional. Esta associação entre o estilo evitante e a dependência sexual vai também ao encontro de outra das nossas hipóteses que associava este estilo com uma maior probabilidade de ocorrência de infidelidade. Os resultados obtidos sugerem também a utilidade de uma abordagem motivacional na compreensão da manutenção de um comportamento monogâmico.

### **Preditores dos Comportamentos Extra-Relacionais encontrados na Amostra**

O terceiro estudo, de caráter longitudinal, o que se pensa poder constituir uma mais valia para o avanço da investigação sobre esta temática, dada a escassez de estudos com estas características, teve como objetivo aumentar o conhecimento sobre os preditores dos comportamentos de infidelidade encontrados na amostra. Dada a existência de associações muito fortes entre os preditores avaliados pelos vários instrumentos e como estes eram em número muito elevado, optou-se por efetuar em primeiro lugar uma análise em componentes principais, na qual foi possível identificar cinco fatores: Fator 1 - Qualidade e Investimento na Relação Primária; Fator 2 - Atitudes em relação à Infidelidade a Estratégia a Curto Prazo; Fator 3 - Qualidade das Relações na Família de Origem; Fator 4 - Preocupação; Fator 5 - Idade e Duração da relação Primária.

As análises de regressão efetuadas, utilizando como variáveis dependentes a tipologia de comportamentos de infidelidade reportados pelos participantes no primeiro momento de recolha de dados, revelaram uma capacidade de predição altamente significativa, quer para as mulheres quer para os homens, nos três fatores: envolvimento sexual, envolvimento afetivo e desejo sexual. Com os resultados obtidos no segundo momento de recolha de dados, em virtude da escassez do número da amostra, não foi possível efetuar a análise separadamente para os dois sexos.

As análises de regressão efetuadas com os dados recolhidos no primeiro momento permitiram a identificação de dois preditores predominantes: (a) a baixa qualidade e investimento na relação primária, associadas a um estilo de vinculação evitante, uma maior motivação autónoma para a fidelidade e uma orientação política mais conservadora, e (b) o uso de uma estratégia reprodutiva a curto prazo, associada a

atitudes favoráveis em relação à infidelidade. De facto, e com apenas uma exceção, eles surgem sempre como os mais fortes preditores, e os únicos significativos, das variadas facetas da infidelidade. Estes resultados confirmam as nossas hipóteses iniciais quanto à influência da estratégia de curto prazo e da qualidade percebida na relação de casal na ocorrência de infidelidade. A nossa hipótese de que a Paixão estaria relacionada com menor probabilidade de ocorrência de infidelidade foi também apoiada pelos dados, visto que esta variável ficou integrada no fator referente ao investimento e qualidade da relação, preditor negativo do envolvimento extra-relacional.

Os resultados das regressões efetuadas relativamente ao segundo momento de recolha de dados permitiram concluir que as variáveis que permitem prever a continuidade do envolvimento extra-relacional passado um ano diferem dos preditores obtidos no primeiro momento. A idade, associada a um maior tempo de relação, surgiu no segundo momento associada a um aumento relativo do envolvimento sexual quando comparado com o primeiro momento.

Por fim, quanto melhor a qualidade da relação na família de origem maior será a tendência para o envolvimento afetivo se manter ou aumentar do primeiro para o segundo momento de recolha de dados. Não é muito óbvia a natureza deste efeito, mas uma experiência de infância positiva parece conduzir a uma maior disponibilidade para um envolvimento emocional e menor para o envolvimento sexual. Podemos especular que o primeiro, por ser tendencialmente considerado menos grave pelos dois sexos, conforme os resultados obtidos no estudo I, poderá ser mais protetor da estabilidade familiar do que o segundo, que terá maior probabilidade conduzir a uma rutura na relação primária e/ou aumentar os níveis de *stress*, conduzindo a uma diminuição da qualidade familiar percebida.

### **O Paradoxo da Fidelidade**

Da relação conjugal parece fazer parte um processo de reconstrução da identidade na medida em que por vezes se renuncia à individualidade e os limites pessoais se podem tornar ténues, sendo por vezes difícil discernir o que é do foro relacional e o que pertence ao indivíduo, surgindo um equilíbrio por vezes frágil entre autonomia e pertença, repleto de dinamismo, tensões e atualizações ao longo do ciclo de vida (Crespo, Narciso, Ribeiro & Costa, 2006; Russo & dos Santos, 1981). Se “sobreviver à própria família será então sobreviver às ideias que concebemos” (Elkaïm, 2007, p.18), uma relação amorosa equilibrada representará um sobreviver aos nossos modelos e às nossas crenças, deixando cair algumas fantasias e aprendendo que o cinzento é muitas vezes a melhor alternativa ao preto e ao branco, uma espécie de compromisso, de negociação em que os dois podem sair ganhadores.

Se tantos defendem a fidelidade, porque é que outros tantos praticam a infidelidade? Será a primeira uma impossibilidade, se a tratarmos como um valor absoluto? Será a fidelidade uma característica pessoal ou da relação? Ser fiel a quê ou a quem?

Num contexto de emergência de novos modelos sexuais e familiares, com esbatimento das diferenças de papéis de género e maior autonomia dos cônjuges, parece permanecer, no entanto, uma dominância simbólica do género masculino (Santos, 1995). Atualmente, as mulheres parecem trair mais, fruto das alterações socio-culturais que se têm verificado (que configuram um cenário de mais oportunidades), no entanto parece manter-se um maior preconceito em relação à infidelidade feminina. A existência de valores sexuais permissivos estará associada a maior ocorrência de sexo extra-

conjugal, tal como a existência de oportunidades (potenciais parceiros, nomeadamente no local de trabalho e circunstâncias que assegurem o segredo), um maior interesse por sexo e uma menor participação em serviços religiosos (Treas & Giesen, 2000).

Não será que, para muitos, a infidelidade é precisamente a resposta para se manterem fiéis à relação primária? Uma forma de voar, continuando preso?

### **Implicações Clínicas**

Esta investigação procurou não só contribuir para o esclarecimento das relações entre as variáveis de infância, o estilo de vinculação, as estratégias sexuais, a satisfação conjugal e a ocorrência de infidelidade, como também que os seus resultados tivessem implicações práticas concretas na intervenção familiar sistémica, nomeadamente na terapia de casal.

Acredita-se que a informação é o melhor modo de intervir, quer a um nível preventivo, quer de intervenção terapêutica, pois a “mudança na relação deve constituir informação que gere novas mudanças, ou equilíbrios entre estabilidades e mudanças, de tal modo que a relação possa ser um processo auto-regulador, gerativo e criativo em permanente desenvolvimento” (Narciso, 1995, p.138).

Tendo em conta a importância das estratégias sexuais e dos estilos de vinculação na ocorrência de infidelidade, considera-se que será muito importante trabalhar estes dois aspetos na terapia de casal. Os resultados também reforçam as conclusões de Brown (2001a; 2001b) sobre a importância das características e do objetivo de cada tipo de infidelidade. Esta avaliação será fundamental para o rumo da terapia.

A importância da qualidade percebida na família de origem reforça a necessidade de uma boa avaliação transgeracional em contexto de terapia, nomeadamente dos

padrões de comunicação, de demonstração de afeto, dos mitos e das lealdades intra-familiares. De acordo com Brown (2001b), a cultura fornece o contexto, mas os significados particulares de um acontecimento serão fornecidos pela família de origem. Diferentes infidelidades terão diferentes significados e objetivos, pelo que será fundamental a capacidade de o terapeuta “ler o casal”, fornecendo uma narrativa compreensiva do comportamento e atuando como um facilitador da descoberta, pelo casal, do melhor caminho para a relação. A terapia será assim fundamental na passagem de um modelo judaico-cristão, baseado na culpa e no perdão, para um modelo sistêmico, procurando junto com o casal as competências e as capacidades e com estas produzir informação que potenciará a inovação e a auto-solução (Ausloos, 2003).

Pensa-se que esta investigação terá dado um contributo interessante para a clarificação do conceito de infidelidade, assim como para os fatores que influenciam o julgamento da sua gravidade. Terá permitido também reforçar a importância das estratégias sexuais na ocorrência de infidelidade, assim como os efeitos mais importantes das experiências de infância, do estilo de vinculação e da satisfação com a relação de casal.

Os resultados sugerem que quer a teoria das estratégias sexuais, quer a teoria da vinculação fornecem um referencial teórico importante para auxiliar na compreensão dos mecanismos pelos quais se escolhe um parceiro e na manutenção de uma relação amorosa (Poulsen et al., 2013).

### **Limitações da Investigação e Sugestões para Investigações Futuras**

Esta investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente relacionadas com as características da amostra, com um número mais elevado de mulheres do que de

homens, ainda que estes tenham tido um número que se poderá considerar razoável. A elevada escolaridade dos participantes também poderá ter condicionado os resultados obtidos, pois mulheres com esta característica parecem envolver-se em mais práticas sexuais e com maior número de parceiros sexuais (Alvarez & Nogueira, 2008). O fato de a recolha de dados ter sido efetuada online também poderá levantar algumas interrogações, mas tal não tem sido confirmado pela investigação recente (Gosling, Vazire, Srivastava & John, 2004). Por outro lado, permitiu assegurar a diversidade da amostra e o anonimato dos participantes, o que se afigura fundamental em investigações do foro íntimo.

A utilização somente de instrumentos de auto-relato também pode também ter causado enviesamentos nos resultados, dada a desaprovação generalizada em relação ao envolvimento em comportamentos extra-relacionais. Em estudos futuros pensa-se que poderá ser estudada a possibilidade da utilização de métodos qualitativos, recorrendo nomeadamente à entrevista, apesar de a temática em questão recomendar cuidados éticos e metodológicos particularmente rigorosos, e ser de prever alguma resistência dos participantes em estarem disponíveis para uma entrevista.

Por fim, sugere-se a realização de mais estudos longitudinais, dada a sua importância no aumento do conhecimento sobre os comportamentos extra-relacionais, ainda para mais devido ao efeito que se verificou da variável tempo. Deverão ser revistos os métodos de emparelhamento das respostas, nomeadamente as perguntas de controlo que são feitas aos participantes, dada a elevada perda de sujeitos que ocorreu nesta investigação, por menor adesão dos mesmos, mas também por dificuldades no emparelhamento das respostas do primeiro para o segundo momento.

**O Verbo no Infinito**

*Ser criado, gerar-se, transformar*

*O amor em carne e a carne em amor; nascer*

*Respirar, e chorar, e adormecer*

*E se nutrir para poder chorar*

*Para poder nutrir-se; e despertar*

*Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir*

*E começar a amar e então sorrir*

*E então sorrir para poder chorar.*

*E crescer, e saber, e ser, e haver*

*E perder, e sofrer, e ter horror*

*De ser e amar, e se sentir maldito*

*E esquecer tudo ao vir um novo amor*

*E viver esse amor até morrer*

*E ir conjugar o verbo no infinitivo...*

*Vinicius de Moraes*

## **Referências Bibliográficas**

- Afonso, C. (2011). *Estilo de vinculação e relações extra-diádicas: Satisfação relacional e atitudes como mediadoras*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Arent, M. (2009). (In) fidelidade feminina: Entre a fantasia e a realidade. *Psicologia Clínica, 21*, 153-167.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist, 44*, 709-716.
- Allen, E., Atkins, D., Baucom, D., Snyder, D., & Gordon, K., Glass, S. (2005). Intrapersonal, interpersonal and contextual factors in engaging in, and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology Science and Practice, 12*, 101-130.
- Alvarez, M. J., & Nogueira, J. (2008). Definições sexuais de estudantes universitários. *Psicologia, XXIII*, 59-76.
- Ausloos, G. (2003). *A competência das famílias*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Baker, S. C., & Jencius, M. (2005). Frank Pittman, III, M.D: Men, marriage and affairs. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 13*, 356-364.
- Barker, L. (2006). Teaching evolutionary psychology: An interview with David M. Buss. *Teaching of Psychology, 33*, 69-76.
- Barta, W. D., & Kiene, M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships 22*, 339-360.
- Belsky, J. (1999). Modern evolutionary theory and patterns of attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment* (pp. 141-161). New York: Guilford.
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child Development, 62*, 647-670.
- Bereczkei, T., & Csanaky, A. (2001). Stressful family environment, mortality, and child socialisation: Life-history strategies among adolescents and adults from unfavourable social circumstances. *International Journal of Behavioral Development, 25*, 501-508.

- Berman, M. I., & Frazier, P. A. (2005). Relationship power and betrayal experience as predictors of reactions to infidelity. *Personality and Social Psychology Bulletin, 31*, 1617-1627
- Berscheid, E. (1999). The greening of relationship science. *American Psychologist, 54*, 260-266.
- Birnbaum, G. (2007). Beyond the borders of reality: Attachment orientations and sexual fantasies. *Personal Relationships, 14*, 321-342.
- Birnbaum, G., Reis, H., Mikulincer, M., Gillath, O., Orpaz, A. (2006). When sex is more than just sex: Attachment orientations, sexual experience, and relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology, 91*, 929-943.
- Birnbaum, G., Reis, H., Mikulincer, M., Szepeswol, O., Shaver, P., Mizrahi, M. (2014). When sex goes wrong: A behavioral systems perspective on individual differences in sexual attitudes, motives, feelings and behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology, 106*, 822-842.
- Birnbaum, G., Simpson, J., Weisberg, Y. J., Barnea, E., & Assulin-Simhon, Z. (2012) Is it my overactive imagination? The effects of contextually activated attachment insecurity on sexual fantasies. *Journal of Social and Personal Relationships, 29*, 1131-1152.
- Birnbaum, G., Weisberg, Y. J., & J.A. Simpson, J. A. (2011) Desire under attack: Attachment orientations and the effects of relationship threat on sexual motivations. *Journal of Social and Personal Relationships 28*, 448-468.
- Bjorklund, D. F., & Shackelford, T. K. (1999). Differences in parental investment contribute to important differences between men and women. *Current Directions in Psychological Science, 8*, 86-89.
- Blieszner, R. (2000). Close relationships in old age. In C. Hendrick & S.S. Hendrick (Eds), *Close relationships: A sourcebook* (pp. 84-95). Thousand Oaks, CA, USA: Sage.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005a). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*, 183-216.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005b). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*, 217-233
- Boekhout, B., Hendrick, S., & Hendrick, C. (2003). Exploring infidelity: Developing the relationship issues scale. *Journal of Loss and Trauma, 8*, 283-306.

- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford.
- Brooks, T., & Monaco, K. (2013). Your cheatin' heart: joint production, joint consumption and the likelihood of extramarital sex. *Applied Economics Letters*, 20, 272-275.
- Brown, E. M. (2001a). *Affairs: Um guia para sobreviver às repercussões da infidelidade* (I. Sá & M. J. Alvarez, Trad.). Lisboa: Sílabo.
- Brown, E. M. (2001b). *Patterns of infidelity and their treatment* (2<sup>nd</sup> ed.). Philadelphia; PA, USA: Brunner-Routledge.
- Burdette, A.M., Ellison, C. G., Sherkat, D. E., & Gore, K. A. (2007). Are there religious variations in marital infidelity? *Journal of Family Issues*, 28, 1553-1581.
- Buss, D. M. (Ed.). (2005). *The handbook of evolutionary psychology*. New York: Wiley.
- Buss, D. M. (2008a). *Evolutionary psychology: The new science of the mind*. Boston, MA, USA: Pearson.
- Buss, D. (2008b). Attractive women want it all: Good genes, economic investment, parenting proclivities, and emotional commitment. *Evolutionary Psychology*, 6, 134-146.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100, 204-232.
- Carneiro, C., Martini, C., Rodrigues, E., Oliveira, M., Romero, N., & Oliveira, R. (2009). Infidelidade feminina na visão homens e mulheres: Um estudo à luz da teoria das representações sociais e de género. *Psicologia IESB*, 1, 34-41.
- Cox, M., & Paley, B. (2003). Understanding families as systems. *Current Directions in Psychological Science*, 12, 193-196.
- Crespo, C., Narciso, I., Ribeiro, M. T., & Costa, M. E. (2006). Desenvolvimento da escala de dimensões da intimidade: Primeiro estudo empírico. *Psicologica*, 41, 45-63.
- Daly, K. (2007). *Qualitative methods for family studies & human development*. London: Sage.
- Deci, E., Ryan, R. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology*, 49, 182-185.

- De Stefano, J., & Oala, M. (2008). Extramarital affairs: Basic considerations and essential tasks in clinical work. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16, 13-19.
- Dindia, K. (2000). Relational maintenance. In C. Hendrick & S.S. Hendrick (Eds), *Close relationships: A sourcebook* (pp. 286-299). Thousand Oaks, CA, USA: Sage.
- Draper, P., & Harpending, H. (1982). Father absence and reproductive strategy: An evolutionary perspective. *Journal of Anthropological Research*, 38, 255-273.
- Drigotas, S. M., & Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10, 177-180.
- Duba, J., Kindsvatter, A., & Lara, T. (2008). Treating infidelity: Considering narratives of attachment. *The Family Journal*, 16, 293-299.
- Eaves, S.H., Robertson-Smith, M. (2007). The Relationship between self-worth and marital infidelity: A pilot study. *The Family Journal*, 15, 382-386.
- Elkain, M. (2007). *Como sobreviver à própria família*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- Ellis, B. J., Bates, J. E., Dodge, K. A., Fergusson, D. M., Horwood, L. J., Pettit, G. S., & Woodward, L. (2003). Does father absence place daughters at special risk for early sexual activity and teenage pregnancy? *Child Development*, 74, 801-821.
- Elsmlie, B., & Tebaldi, E. (2008). So, what did you do last night? The economics of infidelity. *Kyklos*, 61, 391-410.
- Fernandez, A. M., Sierra, Zubeidat, I., & Vera-Villarroel, P. (2006). Sex differences in response to sexual and emotional infidelity among Spanish and Chilean students. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37, 359-365.
- Fife, S., Weeks, G., & Gambescia, N. (2008). Treating infidelity: An integrative approach. *The Family Journal*, 16, 316-323.
- Fisher, H., Aron, A., & Brown, L. (2006). Romantic love: A mammalian brain system for mate choice. *Philosophical Transactions of the Royal Society*, 361, 2173-2186.
- Fisher, M. & Cox, A. (2011). Four strategies used during intrasexual competition for mates. *Personal Relationships*, 18, 20-38.
- Foster, J., D., & Misra, T., A. (2013). It did not mean anything (about me): Cognitive dissonance theory and the cognitive and affective consequences of romantic infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30, 835-857.

- Gaine, G., & La Guardia, J. (2009). The unique contributions of motivations to maintain a relationship and motivations toward relational activities to relationship well-being. *Motivation & Emotion, 33*, 184-202.
- Gameiro, J. (1999). *Crónicas*. Porto: Afrontamento.
- Gentzler, A. L., & Kerns, K. (2004). Associations between insecure attachment and sexual experiences. *Personal Relationships, 11*, 249-265.
- Gibson, D. M. (2008). Relationship betrayal and the influence of religious beliefs: A case illustration of couples counseling. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 16*, 344-350.
- Gilding, M. (2009). Paternity uncertainty and evolutionary psychology: How a seemingly capricious occurrence fails to follow laws of greater generality. *Sociology, 43*, 141-158.
- Gillath, O., Mikulincer, M., Birnbaum, G.E. & Shaver, P.R. (2008). When sex primes love: Subliminal sexual priming motivates relationship goal pursuit. *Personality and Social Psychology Bulletin, 34*, 1057-1069.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in types of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles, 12*, 1101-1119.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1992). Justifications for extramarital relationships: The association between attitudes, behaviors, and gender. *Journal of Sex Research, 29*, 361-387.
- Goldenberg, M. (2008). *Coroas: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- Goldenberg, M. (2013). Relações amorosas e conjugalidades: Amor, casamento e fidelidade na cultura brasileira. *Gênero na Amazônia, 3*, 13-24.
- Goldenberg, J.L., Landau, M.J., Pyszczynski, T., Cox, C. R., Greenberg, J., Solomon, S., & Dunnam, H. (2003). Gender-typical responses to sexual and emotional infidelity as a function of mortality salience induced self-esteem striving. *Personality and Social Psychology Bulletin, 29*, 1585-1595.
- Gosling, S. D., Vazire, S., Srivastava, S., & John, O. P. (2004). Should we trust web-based studies? A comparative analysis of six preconceptions about internet questionnaires. *American Psychologist, 59*, 93-04.
- Hackathorn, J., Mattingly, B., Clark, E., Mattingly, M. (2011). Practicing what you preach: Infidelity attitudes as a predictor of fidelity. *Current Psychology, 30*, 299-311.

- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2006). Relationship dissolution following infidelity: The roles of attributions and forgiveness. *Journal of Social and Clinical Psychology, 25*, 508-522.
- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2008). Psychological distress: Precursor or consequence of dating infidelity? *Personality and Social Psychology Bulletin, 35*, 143-159.
- Hazan, C., & Diamond, L. (2000). The place of attachment in human mating. *Review of General Psychology, 4*, 186-204.
- Hazan, C., & Shaver, P.R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P.R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry, 5*, 1-22.
- Hertlein, K. M. & Piercy, F. P. (2006). Internet infidelity: A critical review of the literature. *The Family Journal, 14*, 366-371.
- Juhnke, G. A., Coll, K. M., Evans, M., Sunich, M. F., Hansen, K. D., & Valadez, A. (2008). A modified infidelity debriefing process for couples who have recently experienced infidelity disclosure. *The Family Journal, 16*, 308-315.
- Kim, K., & Smith, P. K. (1999). Family relations in early childhood and reproductive development. *Journal of Reproductive & Infant Psychology, 17*, 133-148.
- Lambert, N., Fincham, F., & Stanley, S. (2012). Prayer and satisfaction with sacrifice in close relationships. *Journal of Social and Personal Relationships, 29*, 1058-1070.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Leal, A. R. P. (2009). *De pequenino se torce o pepino: Processos de mediação entre as experiências de infância e as relações de casal*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Leak, G. K., & Cooney, R. R. (2001). Self-determination, attachment styles, and well-being in adult romantic relationships. *Representative Research in Social Psychology, 25*, 55-62.
- Lima, M. L. (1997). Atitudes. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coord.), *Psicologia Social* (3ª ed; pp.167-199). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Liu, C. (2000). A theory of marital sexual life. *Journal of Marriage and Family*, 62, 363-374.
- Lottes, I. L., & Kuriloff, P. J. (1992). The effects of gender, race, religion, and political orientation on the sex role attitudes of college freshmen. *Adolescence*, 27, 675-688.
- Lopes dos Santos, P., Silva, A.P., & Sousa, A. M. (1995). A escala Mother-Father-Peer. In L. S. Almeida, M. R. Simões, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas Psicológicas em Portugal* (pp. 257-269). Braga: APPORT.
- Lydon, J. E., Menzies-Toman, D., Burton, K., & Bell, C. (2008). If-then contingencies and the differential effects of the availability of an attractive alternative on relationship maintenance for men and women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 50-65.
- Magalhães, M.. (2009). A infidelidade conjugal e seus mitos: Uma leitura gestáltica. *IGT na Rede*, 6, 58-90.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Meroll, A. J., & Zhang, S. (2011). In the wake of transgressions: Examining forgiveness communication in personal relationships. *Personal Relationships*, 18, 79-95.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41, 405-434.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2005). Attachment theory and emotions in close relationships: Exploring the attachment-related dynamics of emotional reactions to relational events. *Personal Relationships*, 12, 149-168.
- Miller, E. D. (2013). Why the father wound matters: Consequences for male mental health and the father-son relationship. *Child Abuse Review*, 22, 194-208.
- Mintz, A., S. (2004). Vinculação, casal e família. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação: Conceitos e Aplicações* (pp. 183-189). Lisboa: Climepsi.
- Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Moreira, J. M. (2008, July). *Avoidant attachment style as an evolutionary-based regulator of sexual strategies*. Poster presented at the International Association for Relationship Research Conference, Providence, RI, USA.

- Moreira, J. M. (2009). *Estilo de vinculação adulta como mediador da relação entre experiências parentais na infância e estratégias sexuais na idade adulta*. Dados não publicados.
- Moreira, J. M., Mata, A., Veríssimo, J., Mata, R. & Moreira, S. (2003, Outubro). *O que se faz por cá: Resultados Portugueses do "International Sexuality Description Project*. Simpósio temático apresentado no V Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Lisboa
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). "Experiências em relações Próximas"; um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos. Tradução e validação para a população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 3-27.
- Moreira, J. M., Maia, A., Costa, C., Gonzalés, D., Santos, A. (2010). O papel das emoções vergonha e culpa no comportamento moral: A importância das motivações subjacentes. *Ousar Integrar: Revista de Reinserção Social*, 7, 1-12.
- Moreno, M., & Cubero, R. (1993). Relações sociais nos anos pré-escolares: Família, escola, colegas. In C. Coll, J. Palacios & A. Marchesi (Org.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação, vol.1, Psicologia Evolutiva* (pp. 190-204). Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Munsch, C. (2012). The science of two timing: The state of infidelity research. *Sociology Compass*, 6, 46-59.
- Narciso, I. (1995). Metamorfoses do amor e da satisfação conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 129-139.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- Nath, S. (2011). What makes people infidel? An analysis of the influence of demographics on extramarital affairs. *Undergraduate Economic Review*, 8, 1-17.
- Nelson, J.A., Li, C., Eckstein, D.G., Ane, P., Mullener, W. (2008). Antidotes for infidelity and prescriptions for long lasting relationships: Four couples activities. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16, 375-378.
- Ojanlatva, A., Helenius, H., Rautava, P., Ahvenainen, J., & Koskenvuo, M. (2003). Will childhood relationship with parents contribute to a satisfying sex life? *Sexual and Relationship Therapy*, 18, 205-214.

- Pascoal, P. (2012). *Contributo de variáveis individuais e relacionais para a satisfação sexual de pessoas em relação de conjugalidade com e sem problemas sexuais*. Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/7522>
- Pelletier, L., Tuson, K., Haddad, N. (1997). Client motivation for therapy scale: A measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation and amotivation for therapy. *Journal of Personality Assessment*, 68, 414-435.
- Poulsen, F., Holman, T., Busby, D. Carroll, J. (2013). Physical attraction, attachment styles and dating development. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30, 301-319.
- Reis, H.T., & Collins, W. A. (2004). Relationships, human behavior, and psychological science. *Current Directions in Psychological*, 13,233-237.
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. W. Duck (Ed.), *Handbook of Personal Relationships* (pp. 367-389). New York: Wiley.
- Relvas, A. (1999). *Conversas com Famílias. Discursos e perspectivas em terapia familiar*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. & Lourenço, M. (2001). Uma abordagem familiar da gravidez e da maternidade: Perspectiva sistémica. In M. C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 105-132). Coimbra: Quarteto.
- Ribeiro, J. (2002). O consentimento informado na investigação em psicologia da saúde é necessário? *Psicologia, Saúde e Doenças*, 3, 11-22.
- Rubin, Z. (1970). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265-273.
- Russo, J. & Santos, T. (1981). Psicanálise do casamento. In A. Figueira & G. Velho (Org.), *Família, Psicologia e Sociedade*, (pp. 277-303). Rio de Janeiro: Campus.
- Sabini, J., & Green, M. (2004). Emotional responses to sexual and emotional infidelity: Constants and differences across genders, samples and methods. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 1375-1388.
- Santos, F. (1995). *Infidelidade conjugal: Classe social e género*. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Família, ISCTE.
- Schade, L. C., & Sandberg, J. G. (2012). Healing the attachment injury of marital infidelity using emotionally focused couples therapy: A case illustration. *The American Journal of Family Therapy*, 40, 434-444.

- Schlenker, B. R., Chambers, J. R., & Le, B. M. (2012). Conservatives are happier than liberals, but why? Political ideology, personality, and life satisfaction. *Journal of Research in Personality, 46*, 127-146.
- Schmitt, D. P. (2005a). Is short term mating the maladaptive result of insecure attachment? A test of competing evolutionary perspectives. *Personality and Social Bulletin, 20*, 1-23.
- Schmitt, D. P. (2005b). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences, 28*, 247-311.
- Schmitt, D. P. (2008). Evolutionary perspectives on romantic attachment and culture: How ecological stressors influence dismissing orientations across genders and geographies. *Cross Cultural Research, 42*, 220-247.
- Schmitt, D. P., Couden, A. & Baker, M. (2004). The effects of sex and temporal context on feelings of romantic desire: An experimental evaluation of sexual strategies theory. *Personality and Social Psychology Bulletin, 27*, 833-847.
- Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 870-883.
- Snyder, D. K., Baucom, D. H., & Gordon, K. C. (2008). An integrative approach to treating infidelity. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, 16*, 300-307.
- Solomon, D. H., & Knobloch, L. K. (2004). A model of relational turbulence: The role of intimacy, relational uncertainty, and interference from partners in appraisals of irritations. *Journal of Social and Personal Relationships, 21*, 795-81
- Sousa, E. (1997). Atribuição: Da inferência à estratégia de comportamento. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds), *Psicologia Social* (pp. 141-164). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Treas, J., & Giesen, D., (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting Americans. *Journal of Marriage and Family, 62*, 48-60.
- Viegas, T., & Moreira, J.M. (2010). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia, 18*, 411-418.
- Vigil, J. M., & Geary, D. C. (2006). Parenting and community background and variation in women's life-history development. *Journal of Family Psychology, 20*, 597-604.

- Williams, K. (2011). A socio-emotional relational framework for infidelity: The relational justice approach. *Family Process, 50*, 516-528.
- Williamson, M. (2004). The importance of fathers in relation to their daughters' psychosexual development. *Psychodynamic Practice, 10*, 207-219.
- Wilson, K., Mattingly, B., Clark, E., Weidler, D., Bequette, A. (2011). The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the perceptions of dating infidelity scale. *The Journal of Social Psychology, 151*, 63-86.
- Zeifman, D., & Hazan, C. (1997). A process model of adult attachment formation. In S. Duck (Ed), *Handbook of personal relationships* (2<sup>nd</sup> ed., pp. 17-195). Chichester, England: John Wiley & Sons.